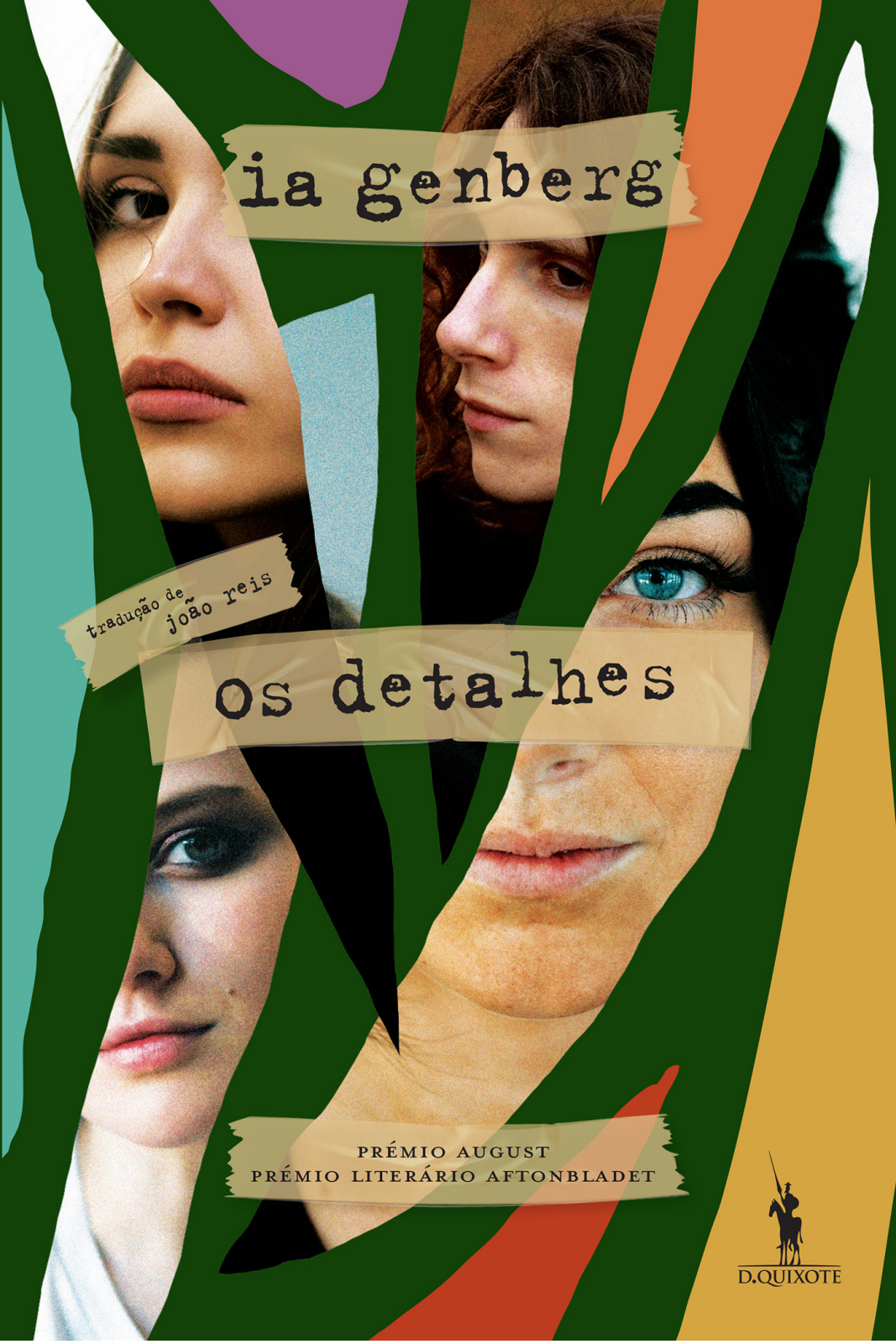




ia genberg

tradução de
joão reis

os detalhes

PRÉMIO AUGUST
PRÉMIO LITERÁRIO AFTONBLADET



D. QUIXOTE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



La Genberg

00

OSTETALLES

hume

Franklin D. Roosevelt

1905



Ficha Técnica

O custo desta tradução foi financiado por um subsídio do Conselho Sueco das Artes, a quem agradecemos.

NOTA DE EDIÇÃO

Por uma questão de fluidez da leitura, optou-se por traduzir para português todos os títulos das obras referidas ao longo do texto, mesmo os das que não estão publicadas em Portugal.

Título: Os Detalhes
Título original: Detaljerna
Autor: Ia Genberg
Edição: Cecília Andrade
Tradução: João Reis
Revisão: Clara Joana Vitorino
Capa: design original de © Rui Garrido
ISBN: 9789722080798

Publicações Dom Quixote
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 471 77 37

© Ia Genberg, 2022
Publicado por acordo com Salomonsson Agency
© Publicações Dom Quixote, 2024
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Ficha Técnica

1 JOHANNA

2 NIKI

3 ALEJANDRO

4 BIRGITTE

1

JOHANNA



Após dias a chocar uma virose, fico com febre e sinto, de súbito, a necessidade premente de reler um romance em particular. Só entendo porquê quando me sento na cama e o abro. Na página de rosto, deparo com uma dedicatória escrita a azul e numa caligrafia inconfundível:

29 de maio de 1996

Desejo-te rápidas melhoras.

Trouxe-te crepes e sidra do Fyra Knop.

Estou ansiosa por regressar lá contigo.

Beijos (que preferiam pousar nos teus lábios),

Johanna

Tinha malária quando me ofereceram o livro. Fora infetada algumas semanas antes, no Serenguéti. Um mosquito picou-me na tenda em que dormia e adoeci assim que regressámos à Suécia. Fiquei internada no hospital de Hudiksvall. De início, não sabiam como interpretar os resultados dos meus exames, e quando, por fim, me diagnosticaram com malária, todos os médicos do hospital fizeram fila para ver de perto a mulher com a doença exótica. Sentia como que um fogo a arder por trás da fronte, e acordava invariavelmente à alvorada com dificuldade em respirar e uma dor de cabeça indescritível. Regressada da África Oriental, dirigira-me de imediato a Hälsingland para visitar o meu avô no seu leito de morte, mas depressa adoeci e quem quase morria era eu. Embora tenha passado mais de uma semana internada no hospital, a Johanna deu-me este romance quando estava já a convalescer no nosso apartamento, em Hägersten, para onde me tinham transportado de ambulância. Pelo caminho, haviam feito uma breve paragem

em Uppsala, para aí me submeterem a uma biopsia ao fígado. Não me lembro dos resultados deste exame, porque não me lembro de muitas das coisas que aconteceram nesse verão, mas jamais me esquecerei do nosso apartamento, do livro, dela. O conteúdo do romance desapareceu no turbilhão da febre e da cefaleia e com elas se fundiu, e há, algures nessa amálgama, um qualquer fio condutor que une o passado ao presente, uma veia de emoções estimulada pela doença e pelo medo que, nesta tarde, me impele a procurar este romance na estante dos livros. Uma febre e uma dor de cabeça implacáveis, pensamentos inquietantes que se sobrepõem e me comprimem a testa e os olhos, o murmúrio de uma inquietação iminente: reconheço tudo isto porque já o experienciei outrora; não é uma situação inédita. Estou rodeada de embalagens de Alvedon que, porque inúteis, espalho pelo chão, junto à cama, e de garrafas de água gaseificada que esvazio, uma atrás da outra, sem com isso aplacar a minha sede, e as imagens surgem em atropelo assim que fecho os olhos, imagens que são como cascos de cavalo num deserto seco, caves húmidas repletas de fantasmas mudos, corpos sem formas ou limites, grandes vogais que me gritam – trata-se, em suma, do menu completo dos pesadelos que tenho desde pequena, mas agora polvilhados com a morte e a aniquilação que acompanham o próprio conceito de doença.

Eu e a Johanna tínhamos na literatura a nossa brincadeira predileta. Apresentávamo-nos mutuamente autores, temas, épocas, regiões, obras individuais e livros antigos e contemporâneos de diferentes géneros. Tínhamos gostos semelhantes, mas opiniões divergentes o suficiente para tornar as nossas conversas interessantes. Não concordávamos em certas coisas (Oates, Bukowski), outras deixavam-nos a ambas indiferentes (Gordimer, fantasia), e partilhávamos alguns favoritos (Östergren, a trilogia *Krilon*, de Eyvind Johnson, Lessing). Conseguia perceber se a Johanna gostava ou não de um livro com base na velocidade com que o lia. Quando lia muito depressa (Kundera, todos os policiais), sabia que estava a aborrecer-se e a apressar a leitura, a fim de a terminar o quanto antes, e quando lia muito devagar (*O Tambor de Lata*, de Grass, toda a ficção científica), sentia-se igualmente entediada, mas tinha de se esforçar para chegar à última página. Via como sua obrigação terminar todas as leituras, tal qual terminava todos os seus cursos, trabalhos e projetos. Havia nela um sentido de obediência profundamente enraizado, uma espécie de respeito pela tarefa em mãos, por mais inútil que esta lhe parecesse. Devia ter herdado esta característica da família, segundo creio, dos seus pais criativos e dedicadíssimos. Na sua perspetiva, esta dedicação à completude permitia-lhe enfrentar o futuro sem reservas e em plena liberdade, uma forma de manter aquilo que apelidava de «*clean sheet*». No mundo da Johanna, a vida vivia-se numa única direção, ou seja, em frente, sempre em frente. Era nisso que diferíamos uma da outra, porque eu raramente concluía projetos importantes. Após trabalhar um ano na caixa do Pressbyrån, tinha-me inscrito em vários cursos universitários, de que mais tarde desisti ou cuja frequência adiei indefinidamente. Depois, comecei a

escrever a sério, mas nem então – quando decidi tentar dedicar-me a tempo inteiro à escrita – consegui seguir o percurso que determinara de antemão, e desperdiçava dias inteiros a caminhar sem rumo definido em Aspudden, Mälärhøjden, Midsommarkransen e Axelsberg. Naquela época, os estabelecimentos nestes bairros periféricos ainda eram pouco requintados, e não faltavam por ali clubes de motociclismo, estúdios de tatuagem e sombrias lojas de aluguer de vídeos com solário incluído. As estações de metro eram sinistras e sujas. Ali, viviam lado a lado todos os tipos de pessoas – empregados de escritório que se deslocavam para o emprego com uma pasta na mão, artistas que arrendavam estúdios baratos nas zonas industriais, toxicodependentes que habitavam em quarteirões onde a polícia realizava rusgas frequentes, velhotes com a pele tisonada pelo sol que passavam a tarde toda sentados em praças com garrafas de cerveja na mão –, que coabitavam prédios de três andares que ladeavam as tortuosas ruas principais, edifícios estes ocupados, no rés do chão, por lojas atoladas até ao teto com especiarias estrangeiras, ou por restaurantes despretensiosos com interiores pintados de castanho, onde ao início da tarde me sentava num canto e, com um prato vazio no tabuleiro de plástico à minha frente, bebia até ao fim a minha cerveja e observava os outros clientes. Na mesa, pousava também um caderno de apontamentos e uma caneta cuidadosamente selecionada, mas raras vezes dava uso a estes utensílios. Podia transmitir a imagem de ser dedicada, mas não o era, e a pilha de livros na minha mesinha de cabeceira incluía sempre um ou dois títulos que abandonava a meio. Preferia livros que me atraíam a ponto de não conseguir largá-los. Acontecia o mesmo com a maioria das coisas da vida e, por conseguinte, tinha poucas responsabilidades. Talvez de menos. Na verdade, raras tinham sido as responsabilidades que eu não rejeitara de imediato assumir. Este meu princípio geral impedia-me, claro, de ter «*clean sheets*», e presumo que a Johanna via a minha inércia inata como um desafio. A sua agilidade e o seu entusiasmo transmitiam-me, de algum modo, uma certa velocidade, um certo ritmo, o que levava a que concretizasse determinadas coisas. É possível que fosse esta sua característica que me fazia sentir tão segura na nossa relação, uma vez que começara a dedicar-se a mim e não pretendia desistir. Não fugiria, jamais cederia a um impulso para partir. Relaxei e rendi-me. Ela era meticulosa, carinhosa e fiel. Alguém como ela pensaria sequer em terminar uma relação? Não, pensava eu. Nunca.

Tenho na mão *A Trilogia de Nova Iorque*. Auster, um autor hermético, mas ágil, ao mesmo tempo simples e rebuscado, paranoico e cristalino, e com um céu aberto entre cada palavra. Neste ponto, eu e a Johanna estávamos de acordo, e, duas ou três semanas mais tarde, quando me vi totalmente livre da febre, reli-o em busca de falhas, porque queria descobrir se a obra era, se lida com lucidez, demasiado óbvia ou aborrecida, mas não encontrei uma única passagem que achasse necessário editar, e pouco depois li o *Palácio da Lua*, e fiquei outra vez enfeitiçada. Auster tornou-se um dos meus pontos cardeais no que concernia à leitura e à escrita, inclusive quando me esqueci dele e deixei

de comprar os seus livros assim que eram lançados. A sua simplicidade acutilante transformou-se num ideal que de início associava ao seu nome, e que depois perdurou por si só. Alguns livros tendem a permanecer dentro de nós, como se colados à medula, muito depois de nos esquecermos dos seus títulos e pormenores, e quando, mais tarde, visitei Brooklyn pela primeira vez, procurei a morada de Auster como se isto fosse a coisa mais natural do mundo. Estávamos nos primeiros anos do novo milénio, e a Johanna há muito me trocara por outra pessoa, despedindo-se de mim de forma súbita, brutal, gélida. Na época em que parei para admirar a escadaria da casa de tijolo castanho onde Paul Auster e Siri Hustvedt viviam e escreviam os seus livros, tinha há algum tempo uma relação séria com um homem, que estava naquele momento a comer panquecas com a minha filha num café ali perto. As propriedades elásticas do tempo permitiram-me estar ali, em Park Slope, e sentir a Johanna ao meu lado, ouvi-la dizer algo acerca do acaso – um comentário que só entendi muito depois –, e ainda acreditar que, tanto eu quanto ela, havíamos visto alguma coisa mexer-se atrás de uma das cortinas no último andar da casa.

Tal qual esta febre, a malária instalou uma sensação de eternidade no meu corpo, e a doença pareceu adquirir o estatuto de permanente. Tínhamos ido a África para visitar duas amigas dela que estavam a trabalhar no que se apelidava, então, de «mundo do auxílio humanitário», um conceito que aparentava incluir tudo e mais alguma coisa. Após duas semanas de convívio, continuava sem perceber ao certo o que faziam; uma delas estava a realizar um filme para uma organização qualquer, e o filme iria potencialmente ser exibido numa conferência, se a conferência viesse de facto a concretizar-se e se o filme fosse de facto concluído, ao passo que a outra amiga não parecia fazer muito mais do que a acompanhar e transportar o tripé da câmara. Planeavam passar três meses ali antes de rumarem a sul. Aquela noite na tenda na orla do Serenguéti foi a nossa última noite no país, e ninguém deu pelo mosquito que me picou, embora partilhássemos a rede mosquiteira, mas no voo de regresso a casa descobri no meu ombro três picadas que me davam comichão. A Johanna escapara incólume. Objetivamente, a febre não durou mais do que duas ou três semanas, quatro no máximo, mas senti-me como se tivesse passado meses de cama. A Johanna refrescava-me a fronte com um pano húmido e comprava-me pastéis na confeitaria mais próxima, na sua maioria miniaturas, porque o meu apetite era pouco. Mostrava-se amiúde desagradada com os ossos salientes nas minhas ancas, não gostava nada daquilo, afirmava, embora percebesse que, em segredo, a fascinavam. Fazia-me sopas com natas e dava-me a comer pão que torrava no forno com grandes nacos de manteiga que embebiavam a côdea. Era-lhe grata por tudo isto: pela comida e pelos presentes, pelos livros com dedicatórias poéticas. Ela vinha de uma família afetuosa da classe média-alta de Täby, e era assim que ofereciam prendas uns aos outros – em ocasiões aleatórias e envoltos em papel de embrulho elegante, com um laço requintado e um cartão bonito a acompanhar.

Receber aqueles presentes tinha algo de solene, mesmo quando eram entregues, com informalidade, à mesa do almoço. No seu mundo, o valor da prenda não residia apenas no conteúdo e no embrulho, mas também no fator surpresa, ou seja, no momento escolhido para a entrega, e nas alusões ao passado a um potencial futuro que lhe estavam associadas. Cada presente fazia parte de uma teia de referências, piscares de olho e informações explícitas. Com o tempo, o acumular destes presentes tornou-se um fardo, pois nunca seria capaz de acompanhar o ritmo da Johanna. Dava-me demasiados presentes, que, além de fartos em quantidade, eram por de mais dispendiosos e continham demasiadas promessas. A Johanna tinha, ademais, e ao contrário de mim, olho para escolher objetos bonitos. Encontrou, por exemplo, o relógio perfeito na loja de um museu, e num cinema que corria o risco de encerrar comprou um tabuleiro estampado com o cartaz de um filme. Ainda tenho ambos; os meus filhos perguntaram-me quem é a tal Monika de *Monika e o Desejo*, e quem a acompanha naquela imagem a preto e branco, e o relógio, que já não funciona, está guardado, sem correia, num *necessaire*, mas nunca encontrei um tão bonito. O modo brutal como a Johanna me abandonou levou-me a deitar fora alguns dos seus presentes e a guardar outros num armário, com a intenção de os reutilizar quando me tivesse acalmado. Não fazia sacrifícios para me dar presentes, pois não lhe faltava dinheiro. Ao contrário de todos nós, seus colegas, não pedira um empréstimo para estudar (conhecemo-nos numa cadeira de Jornalismo na universidade), e tinha um cartão de crédito associado a uma conta bancária, para a qual os pais transferiam regularmente dinheiro. Para mim, que saíra de casa dos meus pais e começara a sustentar-me aos dezasseis anos, e que tinha deixado vários cursos universitários inacabados, cada despesa implicava um sacrifício, um corte no orçamento. À exceção dos livros, duvido que tenha conservado alguma das coisas que lhe dei durante a nossa relação: a câmara de bolso, a camisa de noite em imitação de seda, os quadros emoldurados com ilustrações de um artista de banda desenhada popular na época e agora há muito esquecido. As prendas que lhe dei, o ato de dar, causavam-me embaraço, faziam-me sentir deslocada, porque, embora contra minha vontade, não evitava pensar no quanto haviam custado e quão poucas eram. Comparada com ela, era tosca e facilmente me confrangia; de repente, punha-me a pensar em quanto aquelas prendas tinham custado e na minha falta inata de bom gosto. Por norma, estas questões existiam apenas na vegetação rasteira da nossa vida em comum, e não as discutíamos. O modo como me oferecia coisas tinha talvez o seu quê de violento, uma supremacia triunfante demonstrada de cada vez que me entregava, sobre a mesa, uma caixa retangular (um colar com um pendente assimétrico de prata), deixava um grande pacote no meio da sala de estar (patins de gelo de longa distância com as respetivas botas e bengalas de suporte), pousava um livro recém-publicado e muito bem embrulhado na minha almofada (*A Gôndola da Tristeza*, de Tranströmer), ou chegava a casa com uma caixa de pastéis da Confeitaria

Gunnarson, que baloiçava diante da minha cara antes de a pôr na mesa, entre as nossas chávenas de chá. Era um tipo de generosidade que não lhe custava nada, mas que sabia que eu jamais poderia igualar, e que, por conseguinte, lhe dava uma vantagem secreta. Quando ficava sem dinheiro, era ela quem reabastecia o frigorífico e a despensa, e não se limitava a comprar do mais barato, não, senhora: comprava queijo num mercado de requinte, sumo de laranjas acabadas de espremer, e café recém-moído, vendido em sacos de papel castanho, que ia buscar à loja especializada em café na Linnégatan. A dado momento – provavelmente logo após terminar a relação comigo –, dei por mim a pensar que aquilo era, no fundo, uma forma de violência estrutural, porque a Johanna tratava assim de me ensinar, ainda que inconscientemente, o que eram presentes a sério, onde os comprar e como os entregar. E que não, eu não devia comprar o par de calças, o *pesto*, o computador ou a frigideira mais baratos, como sempre fizera, mas que devia, ao invés, optar pelo melhor produto. Alguns anos depois, percebi que a conclusão de que havia uma violência latente nesta troca era apenas um fruto da minha imaginação, desencadeada pela experiência de ser abandonada e postumamente reconstruída por uma mente toldada pela indignação. A Johanna deu-me *A Trilogia de Nova Iorque* por mera gentileza, e os beijos que me ofereceu na dedicatória (que prefeririam pousar nos meus lábios) foram tão reais quanto beijos escritos num papel com uma caneta de tinta azul poderiam ser.

Ler com febre é quase como jogar na lotaria, porque ao conteúdo do texto acontecerá uma de duas coisas: ou se dissolve em nada, ou penetra profundamente nas fendas abertas, por acidente, por uma temperatura corporal descontrolada. É por isso que o romance *A Trilogia de Nova Iorque* me comoveu de uma maneira que nunca entendi por completo, e é também por isso que o procurei hoje, quase vinte e cinco anos depois e sob o efeito de uma febre muito diferente. Uma febre muito diferente, escrevo, embora todas as febres sejam a mesma febre. Com os mesmos pesadelos e a mesma insatisfação. Quando o tempo se dobra sobre si mesmo, como acontece amiúde sob o efeito da febre, vejo-me de súbito lado a lado com o meu eu de há vinte e quatro anos. Os 39 graus Celsius marcam o limiar da loucura, mas um pouco abaixo, por volta dos 38 graus, há uma depressão no terreno claramente discernível onde não me importaria de passar os meus dias. Nessa área, baixamos a guarda e permitimos a entrada a pessoas do passado que, contudo, não surgem como fantasmas. A uma temperatura de 38 graus Celsius, a capacidade de o corpo se manter vivo permanece intacta, pese embora o nosso interesse em continuarmos a viver como seres sociais em alerta e informados diminua consideravelmente, ou seja, este vale oferece-nos uma letargia confortável, desde que suportemos ter o passado a morder-nos as canelas como uma matilha de cães raivosos. Recordo-me das febres da minha infância, de todas as febres que tive antes da generalização dos termómetros rápidos, quando medir a temperatura implicava usar vaselina e uma certa persistência – quando a minha mãe olhava atentamente para a coluna azul do

mercúrio, a fim de confirmar o que o meu corpo já sabia. 38 graus, um dia de dissolução soporífera, com paredes finas entre mim e o mundo. Com 38 graus, já não há nada em mim que me sussurre «em frente». E essa ordem simples não é a essência mais genuína deste mundo, não é ela que faz com que tudo se mexa, com que tudo aconteça? Em frente, em frente.

Desisti do curso universitário onde nos conhecêramos ainda antes de o semestre terminar. Encorajada por uma Johanna empolgadíssima, decidi investir na escrita e comecei a trabalhar no livro de contos que andava a maturar há algum tempo. Queria escrever uma coletânea de contos interligados tematicamente, e a ideia poderia ter resultado se houvesse concluído mais contos do que aqueles que, com efeito, concluí. Fiz alguns avanços e deixei-os a todos pelo menos a meio, mas depois faltou-me coragem para os terminar. *Em frente* é uma ordem favorável apenas para pessoas céleres, e eu desperdiçava dias inteiros a polir frases que acabava por eliminar. A Johanna concluiu o curso, é claro, e, graças aos conhecimentos do pai, arranjou emprego na estação de rádio local. Quando chegava a casa por volta das seis ou sete da tarde, parava atrás de mim para ver o que eu estava a escrever à secretária. Como normalmente não a impedia de ver o meu trabalho, olhava para o ecrã do computador até se dar por satisfeita e me sorrir com um aceno de aprovação. Incentivava-me sempre, mesmo quando o ecrã lhe devolvia mais ou menos as mesmas frases que lera na véspera. Nunca tinha permitido a ninguém ler o que escrevia, mas com ela isto acontecia com naturalidade, porventura porque dedicava uma atenção embevecida a tudo o que eu conseguia, a custo, alinhar. Apesar de ter perfeita noção de que misturava os beijos nos meus lábios com os elogios ao meu trabalho, a sua gentileza instava-me a prosseguir. Esta interação transformou-se num jogo, no qual os seus conselhos se mostravam por vezes tão concretos quanto o dedo que pousava no meu ecrã, «junta-os antes no fim», dizia, ou «fá-la mais maluca», e no dia seguinte, quando regressava a casa, eu já tinha feito as alterações que propusera. Acabei por perceber que precisava do seu toque para completar todos os contos, como se, além de compreender as minhas intenções melhor do que eu própria, também só ela pudesse antecipar os resultados a que estas poderiam levar. Dei por mim a sentir um certo entusiasmo pelo trabalho de escrita, e consegui criar uma rotina que me obrigava a produzir determinado número de páginas por dia. Ficava feliz sempre que ultrapassava as dificuldades, e descobri que o volume de trabalho de um dia tendia a repetir-se no dia seguinte e nos dias que se seguiam a esse. Algumas semanas depois, a escrita sistemática substituiu os ocasionais ímpetos de inspiração que costumavam ser a minha principal fonte de ação, mas que nunca me levavam a escrever mais do que umas poucas páginas de cada vez, e das quais, após uma análise mais minuciosa, não aproveitava mais do que um ou dois parágrafos. Reuni forças, recompus-me, ultrapassei os meus receios, tornei-me disciplinada e diligente. Escutava os elogios e as sugestões da Johanna, escrevia de novo, escrevia melhor, continuei a escrever.

A tristeza que normalmente me atormentava desapareceu como por milagre. Agora, escrevia no quarto da Johanna, num ambiente caloroso e produtivo. Cobria-me de elogios; empilhava superlativos como se em plena campanha de incentivo, e as suas palavras confirmavam que eu havia escolhido o caminho certo. Mais tarde, depois de ter saído de casa, levando com ela apenas livros e roupas e abandonando-me, assim, num apartamento empoeirado cuja renda não podia pagar e apinhado de móveis que eu não queria para nada, percebi que a adoração que tinha por mim me prendera de certo modo a ela, ou, para ser mais correta, que a minha capacidade de escrever ficara cativa desta sua admiração. A minha escrita dependia da Johanna. Com ela, desapareceu também a minha única leitora, a minha leitora mais próxima, mais encorajadora, a minha melhor leitora, e sentar-me para terminar de escrever os meus contos tornou-se-me impossível. Durante anos tentei, consciente e inconscientemente, por incontáveis vezes, recriar com outras pessoas a relação escritora-leitora que tinha com ela. Após terminar a relação com a Johanna, namorei com homens e mulheres que gostavam de literatura, mas que não queriam ler o que eu escrevia, ou que queriam ler, mas não entendiam o que eu escrevia, ou que entendiam o que escrevia mas não tinham nada de útil a dizer, ou que não entendiam porque é que eu tentava sequer escrever, e com homens e mulheres que só gostavam do género errado de livros (apenas policiais), ou do género certo de literatura, mas pelos motivos errados (Ellroy, porque escrevia romances duros), ou que gostavam do que eu escrevia pelos mesmos motivos que eu, mas que não viam necessidade de falar sobre isso, ou que simplesmente acreditavam que a palavra escrita se tornara uma forma de arte irrelevante. Nenhum dos meus amantes conseguia misturar os beijos nos meus lábios com qualquer outra coisa. Os beijos pousavam sempre no sítio onde de facto pousavam (nos meus lábios), e nunca naquilo que tentava escrever.

Esta minha súbita vontade de ler *A Trilogia de Nova Iorque* pode ser mera coincidência, mas será mais provavelmente um efeito da febre, que estará a acicatar o nervo que percorre as vértebras, passa pela minha garganta inflamada, e alcança por fim o local onde os pesadelos e os medos se escondem. De certa maneira, a vida recomeça a cada dia e a cada segundo, contudo, visto de outra perspetiva, é verdade que estou sempre a regressar aos mesmos sítios em mim mesma. Eu e a Johanna, como todos os casais que se conhecem por mera casualidade, venerávamos o acaso, e era por isso que os romances de Auster nos fascinavam tanto. Creio que nenhum outro escritor dá conscientemente tanto protagonismo ao acaso. Quando nos conhecemos, namorávamos ambas com outra pessoa, ela com uma mulher e eu com um homem que me pedira em casamento pouco antes, mas o acaso levou-nos a inscrevermo-nos no mesmo curso. Já sabia que ia desistir ainda antes do período de orientação, mas continuei a ir às palestras e fiz o primeiro exame; no fim do teste, fomos ao *pub*, e quando lá entrei só havia um lugar vago. Na véspera, tínhamos trocado um olhar num auditório à pinha. No *pub*, encontrei-

a sentada à cabeceira de uma mesa comprida. Levava vestidos uma blusa preta sem colarinho e um par de calças de ganga, e os nossos antebraços começaram a tocar-se sobre a mesa, o que eletrizou a conversa até de madrugada, quando todos os outros já tinham ido para casa. Na segunda-feira seguinte, terminámos os nossos respectivos namoros em duas cenas independentes mas, ainda assim, interligadas, e uma semana depois mudámo-nos para um apartamento em Hägersten que um colega nosso recebera de herança e estava então a arrendar. Eu tinha 27 anos, a Johanna 24. Instalámo-nos uma na outra como só o fazem pessoas seguras de que viverão juntas por muitos e muitos anos, como se tivéssemos recebido a garantia de que apenas a morte nos separaria. Misturámos os nossos livros e pertences sem distinções ou diferenças, e não tivemos de esclarecer com palavras que tudo o que comprávamos (uma batedeira elétrica, móveis de varanda, o livro *As Peças Mortas*, de Norén) era para uso comum. Não havia um só plano, uma só peça de teatro, uma só viagem, uma só festa, um só movimento que não nos incluísse às duas, e, à medida que o tempo foi passando, as referências e experiências que tínhamos em comum multiplicaram-se e preencheram por completo a nossa vida. Ela era a minha personagem principal. A minha vida era a Johanna, as nossas conversas, o sítio que partilhávamos no mundo. Nunca mais teria tanta certeza de ninguém, tanta certeza de que tinha, de verdade, alguém. Nem anos mais tarde, quando vi pela primeira vez os olhos escuros da minha filha recém-nascida, senti tanta certeza de que *tinha* alguém.

Naquela época, ou seja, em meados da década de noventa, havia poucos sítios como o Fyra Knop. Havia ainda algo de rústico ou cru na mesa de madeira sem toalha, no homem que vertia massa de crepe em frigideiras junto às escadas na entrada, e nas robustas garrafas de sidra de um litro. O restaurante era pequeno e fumarento, as mesas estavam demasiado próximas umas das outras, e fazia-se demasiado tarde demasiado depressa, como se ali se medisse a passagem do tempo com um relógio diferente, mais internacional. O empregado de mesa tinha sempre um pano da loiça enfiado no avental e repetia os pedidos em francês sem os anotar num papel, e, de vez em quando, num gesto que era apenas teatral, conquanto não causasse, por isso, menos impacto, sacava do pano e limpava uma nódoa invisível numa das mesas. Entre as seis da tarde e as onze da noite, a sineta à entrada tocava incessantemente, porque as pessoas não paravam de enfiar a cabeça no átrio, para ver se havia uma mesa livre, e as nuvens de vapor invernosos e de fumo de tabaco saíam e espalhavam-se pelo passeio sempre que a porta se abria. Íamos até lá com colegas de curso, dela ou meus ou de ambas, com a Sally, a minha melhor amiga, com outros amigos, com os irmãos da Johanna, com alguns dos seus novos colegas de trabalho da estação de rádio local. O truque estava em chegar cedo, para nos apropriarmos de uma das mesas grandes, e a partir daí deixávamos que a noite se desenrolasse, enquanto os pratos e as garrafas chegavam e desapareciam – *galettes* com queijo de cabra e mel e espinafre, e crepes com chocolate e pistácio e açúcar mascavado –, e eu e a

Johanna comíamos do prato uma da outra como irmãs, com um à-vontade que nunca consegui sentir com nenhuma outra pessoa, nem antes nem depois. Acontecia amiúde pedirmos uma *galette* assim que chegávamos, às seis, e de só pedirmos outra duas horas depois. Durante esse tempo, as pessoas que nos faziam companhia e os seus lugares à mesa alteravam-se, os cinzeiros enchiam-se e eram esvaziados, e os temas de conversa surgiam, esmoreciam e regressavam de novo à baila. Depois, talvez cerca das oito horas, pedíamos outra rodada de *galettes* ou crepes, e o ciclo recomeçava. O homem com o pano da loiça reaparecia, limpava nódoas, recolhia copos e garrafas e falava em francês com a Johanna e outros que sabiam a língua. Mais tarde, ela e eu sentávamo-nos frente a frente no metro de volta a casa, na linha vermelha com partida na estação de Slussen, e continuávamos a conversar. Era como uma única conversa que nunca parava, nem mesmo quando não estávamos juntas, nem sequer no primeiro Natal que passámos longe uma da outra. Da minha parte, as conversas com a Johanna prolongaram-se até muito depois de ela me abandonar. Talvez nunca tenham cessado por completo.

Foi depois de um destes serões no Fyra Knop que vi pela primeira vez o tempo mudar no pequeno espetáculo que mais tarde apelidei de *o frio*. No entanto, tenho de confessar que minto, porque já reparava no fenómeno desde o início – no modo como me prestava total atenção para, de repente, me virar costas e atender o telefone como se estivesse a trabalhar num escritório, ou no oposto, ou seja, no modo como por vezes chegava a casa, atirava o casaco contra a parede e irrompia em impropérios e queixumes sobre algo que lhe acontecera naquele dia para, de súbito, num só fôlego, olhar para mim e pôr cobro à torrente de palavras com um sorriso adorável. Era-lhe inato ser fria e contida, e conseguia, sem esforço, mudar de sentimentos de acordo com a sua vontade. Tratava-se de um talento muito específico que nada tinha que ver com as suas restantes capacidades. Achava a sua capacidade de se ligar e desligar a seu bel-prazer admirável e em simultâneo desconcertante. No fundo, esta sua capacidade insinuava que tinha aquilo a que se chama *controle total* sobre as emoções, o que lhe conferia um ar maduro, mas, por outro lado, também traços não humanos. Eu era capaz de passar uma noite inteira a cismar numa simples troca de palavras e nunca conseguia ligar ou desligar as minhas emoções. O passado nunca me deixava em paz, e sei que a Johanna considerava esta minha propensão no mínimo patética. «Esquece lá isso», dizia-me, e eu não fazia ideia de como esquecer o que quer que fosse. Não conseguia apegar-me ou libertar-me voluntariamente de sentimentos, e no fim eram, ao invés, os sentimentos que desistiam e me libertavam.

Naquela noite, quando estávamos a voltar para casa, um bêbedo malcheiroso entrou na nossa carruagem de metro na estação de Zinkensdamm, sentou-se à nossa frente, no outro lado da coxia, e começou a falar connosco como as pessoas alcoolizadas tendem a fazer. Não queríamos interromper a nossa conversa e, como tal, ignorámo-lo. Lancei-lhe um sorriso educado e pouco encorajador, mas, como ele continuou a falar, a Johanna virou-se para

o olhar de frente e lhe dar uma reprimenda eloquente e de uma frieza implacável. Nunca a tinha ouvido falar assim com ninguém, e creio que usou os termos «monte de merda», «cara de cu» e «porco nojento». Assim que acabou de o insultar, a sua expressão facial alterou-se por completo, e rodou o tronco para me olhar uma vez mais nos olhos. Foi como se pusesse e tirasse uma máscara nos breves segundos que demorou, primeiro, a virar-me as costas e, depois, a voltar-se de novo para mim, e o grande problema é que não consegui perceber se ela tirou ou pôs a máscara quando retomou a nossa conversa. Enquanto eu, sensível e sempre receosa de conflitos, lançava olhares ao homem, a Johanna continuou a conversar comigo no seu tom de voz normal. Esperava, em parte, vê-la rir-se e revelar que era tudo teatro, ou que pelo menos comentasse de algum modo o incidente, mas continuou a falar; o homem saiu, cambaleante, na estação de Liljeholmen, e nós seguimos viagem. Nessa noite, quando nos deitámos, perguntei-lhe: «Aquilo saiu-te naturalmente?» Não entendeu o que quis dizer e pareceu genuinamente confusa. «Não sabia que conseguias mudar de emoções tão de repente. Parecias estar-te nas tintas quando falaste com aquele tipo no metro, como se tudo te fosse indiferente.» Riu-se. «Claro que parecia: *foi-me* mesmo indiferente.» Sorriu de novo e aguardou a minha réplica. «Insultaste-o como se nada fosse. Parecias mesmo serena, como se estivesse só a perguntar-lhe que horas eram», retorqui. Ela encolheu os ombros. «E então?» Peguei-lhe na mão como se para amenizar as minhas palavras. «Só fiquei admirada com o modo como conseguiste falar-lhe naqueles termos e logo a seguir voltar a falar comigo como se nada fosse. Como se não *sentisses* nada.» A Johanna meneou a cabeça e soltou-me a mão. «O que pretendes insinuar com isso?» Já não estava a sorrir. Senti a temperatura entre nós baixar e arrependi-me de imediato de ter sequer tocado no assunto. Após o breve episódio com o homem alcoolizado no metro, que nenhuma das duas voltou a mencionar, percebi que *o frio* fazia parte dela, e que ao invés de ser uma deficiência era, isso sim, uma ferramenta, um pedacinho de solo gelado muito útil.

Tomei a decisão de nunca mais escrever muitos anos depois de a Johanna me abandonar e no espaço de um minuto, enquanto cortava uma cebola em casa da Sally. Nesse verão, tinha frequentado mais um curso de escrita criativa sem conseguir concluir nenhum dos textos que iniciara. Os outros participantes assimilaram de imediato a ênfase que o professor dava ao fluxo narrativo e voltaram para casa com manuscritos completos. A turma era muito diversificada, porque o curso estava aberto a todos, e não faltavam idosos plenos de energia e jovens ambiciosos, e também pessoas que se tinham inscrito sobretudo para, à noite, beber vinho no grande relvado – mas todos ficaram contentes e concluíram o curso com sucesso. Distingui-me dos outros em ambas as questões. No primeiro dia, entabulei conversa com o professor e procurei a sua aprovação e os seus elogios. Disse-me que o meu trabalho tinha aquilo que apelidava de «um olho melancólico para os detalhes» e algo que descreveu como uma «precisão inexata», e perdi bastante

tempo a tentar compreender o que quisera dizer com estes conceitos tão abstratos, até, por fim, me aperceber de que dizia mais ou menos o mesmo a todos os alunos. O trabalho dos meus colegas apresentava uma «distância inteligente» ou uma «brutalidade desarmante», ou, em alternativa, oferecia uma «resistência soalheira». À exceção de mim, todos pareceram achar sensatas e úteis estas construções no mínimo desprovidas de sentido e lógica. O professor era autor de um punhado de coletâneas de poesia e romances e falava da sua escrita com termos como «a magia da criação», «os processos subconscientes», e «os impulsos refreados da presença espacial». A Sally começou por rir a bom rir quando lho descrevi, mas depois olhou-me e, erguendo no ar a colher de pau que usara para mexer o espinafre e o alho que estava a saltar numa frigideira, disse: «Mas há que admitir que acertou em cheio com essa do olho melancólico para os detalhes.» Estávamos a preparar lasanha; a minha filha estava a dormir no carrinho, no corredor, e eu tinha ligado o forno e ido à despensa buscar uma cebola grande, a que cortara as raízes e um pequeno grelo verde que despontara no lado oposto. Experimentei, então, um raro momento de clareza, e apercebi-me de que aquele era o meu terceiro curso de escrita criativa e nada mudara, pois continuava bloqueada; e que permitira que os meus amigos, compreensivos, mas também estupefactos com tudo aquilo, me apoiassem a troco de nada; e, ainda, que pedira bolsas de estudo e empréstimos bancários e arranjava empregos temporários num esforço vão de encontrar o caminho de volta àquela sala. Descasquei a cebola e atirei as cascas para o lava-loiça, peguei numa tábua, dividi a cebola em duas, e comecei a cortá-la em fatias finas. De súbito, tornou-se-me evidente que a tal sala dentro de mim tinha ruído há muito, ainda antes de o último século findar. Esta noção surgiu como uma mera constatação, como quem olha pela janela para ver que tempo faz e repara que «está a chover». A seguinte constatação, igualmente simples e cristalina, surgiu com toda a lógica na sequência da primeira: percebi que todos os meus esforços para escrever eram uma tentativa vã de alcançar algo que perdera para sempre. A cebola estava cortada a meio, a decisão meio tomada. A terceira constatação surgiu como uma imagem, um deserto que se expandiu diante de mim sem ambições incomodativas, planos ou vaidades. Um deserto que não exigia quaisquer ideias. E no qual não falhava continuamente. Desisti, libertei-me. Em certas línguas, uma única palavra significa tanto «perdão» quanto «liberdade», e, embora possa parecer óbvio, naquele instante apercebi-me de que ambas equivaliam a um «largar». Tinha à minha frente as fatias de cebola: estavam perfeitas. A Sally olhou para mim, para o que estava a fazer. «Isso é da cebola?» Pegou na tábua e atirou as fatias de cebola para a frigideira. «Ou estás mesmo a chorar?»

A Johanna transformou-se numa pessoa do meu passado, uma de muitas, e talvez me tivesse sido mais fácil esquecê-la se não se tivesse tornado uma figura pública. As recordações que tinha dela esbater-se-iam e só reapareceriam durante ataques de febre, ou durante acessos de

autocomiseração e nostalgia, e ter-se-iam desgastado e desvanecido até, como uma pintura mal restaurada, dela restarem apenas alguns fragmentos incoerentes. Talvez passasse pelo Fyra Knop e sentisse um determinado cheiro que associaria à sua voz; talvez lhe dedicasse um pensamento breve sempre que passasse pela loja de café na Linnégatan ou me detivesse ao ler um artigo sobre a execução laboriosa e morosa de *A Gôndola da Tristeza*, por ocasião da morte de Tranströmer. Tal qual a maioria das pessoas abandonadas numa relação amorosa, entretinha a simples esperança de nunca mais a rever, porque isto me parecia fazer parte da própria essência de uma separação, e, se não podia tê-la sempre comigo, não a queria de todo, não queria ouvir o seu nome ou ver o seu rosto ou qualquer outra coisa que me relembresse os seus beijos (nos meus lábios). O fim propriamente dito foi abrupto e gélido, a relação terminou em menos de uma semana (um papel com uma declaração de amor encontrado no bolso de um casaco, olhadelas fugidias pela abertura da caixa de correio na porta de uma desconhecida, chamadas noturnas, ataques de choro desalmado em hora de ponta, caixas de cartão numa bagageira demasiado pequena), e depois passei noites inteiras no sofá da Sally, acompanhada por café e vinho, completamente apática, incapaz de agir, e com apenas uma certeza sobre o meu futuro: nunca mais queria ver a Johanna.

Porém, tal como não podemos escolher como morremos, também não podemos escolher o que sucederá quando uma relação termina. A Johanna progrediu rapidamente a nível profissional, e a sua carreira parecia não ter limites, como se a nossa relação lhe tivesse servido de rampa de lançamento. Ninguém se surpreendeu com o desenrolar da sua vida profissional, porque ela tinha algo que a tornava mais do que apta à vida pública: tinha o olhar e o sorriso certos, e uma bateria interminável de opiniões. Conseguia situar-se e formar uma opinião sobre qualquer tema em menos de um minuto, ou, para ser mais correta, o que aparentava ser «uma opinião», que na verdade se podia facilmente transformar no seu oposto num abrir e fechar de olhos, como se se tratasse de um jogo, como se o tema fosse apenas um apêndice irrelevante da prolixidade verbal que a dita opinião permitia vislumbrar. Devia as suas capacidades oratórias à família, para quem as técnicas de argumentação eram muito mais importantes do que a relevância do tema, e para quem cada jantar constituía parte de um torneio de retórica que decorreria durante os vinte e poucos anos que vivera em casa dos pais, e que retomavam sempre que ela os visitava. O irmão e as irmãs eram iguais e desmontavam com a mesma facilidade todos os temas, transformando-os na soma das suas partes. Na família da Johanna ninguém levantava a voz, nem pensar: limitavam-se a falar mais depressa e a aumentar o número de orações subordinadas. Aquele jogo retórico atraía-me; inalava-o e deixava-me contaminar pelos seus modos de falar e de ser. Adaptei-os, criei a minha própria versão da sua personalidade, permiti que me mudasse para sempre. O *ego*, ou aquilo a que se chama «o ego», não é mais do que isso, do que vestígios das pessoas com quem chocámos, com quem convivemos. Amava as palavras e os gestos da Johanna

e, intencionalmente ou não, permiti que se tornassem parte de mim. Esta influência está no cerne de todas as relações, e é por isso que, em certo sentido, nenhuma relação chega de facto a terminar.

Na verdade, percebi logo de início – quando arranjou o primeiro emprego na estação de rádio local – que se tornaria, mais cedo ou mais tarde, uma figura pública. Era apenas uma questão de tempo. Um ano antes de me abandonar, começara a fazer entrevistas de uma hora na rádio nacional, e parecia-me ouvir a sua voz rouca por todo o lado, inclusive noutros programas. O seu nome acabou por se tornar um *nome*, ela tornou-se conhecida do público, e durante algum tempo foi correspondente no estrangeiro – fotografavam-na em inaugurações, entrevistavam-na para artigos de revista, aparecia regularmente em diferentes programas de televisão. Consideravam-na uma apresentadora competentíssima, se bem que não particularmente calorosa. Foi assim que a nossa relação terminou. Da minha parte, nunca terminou por completo. O seu nome, que sobreviveu numa caixinha de recordações na minha cabeça, transformou-se num nome que ouço agora amiúde quando ligo o rádio ou a televisão, um nome pronunciado num tom muito diferente, um nome que faz parte da miscelânea de nomes famosos ou relativamente conhecidos que, em conjunto com os respetivos rostos, rodopiam em volta da esfera pública. De vez em quando, um conhecido pergunta-me: «Olha lá, aquela apresentadora, tu e ela não...?» Segue-se invariavelmente um sorriso de expectativa que me leva a concluir que já sabem a resposta e pretendem apenas que lhes conte alguns mexericos ou informações íntimas. Na maior parte das ocasiões, nego que tenhamos sequer namorado, e por vezes digo algo como: «durou tão pouco que já mal me lembro disso», ou «sim, mas já foi há muito, muito tempo». Nunca me passou pela cabeça fazer qualquer comentário jocoso ou maldoso. Se soçobrasse a mexericos desse género, depressa me veria caída no abismo. Ao invés, tento imaginar o que a Johanna responderia à mesma pergunta. «Mal me lembro dela», ou «foi há séculos»; presumo que responderia mais ou menos assim se alguém se lembrasse de a inquirir sobre mim.

Com o tempo, comecei a apreciar a sua presença pública, porque o modo como se expressa contém ainda vestígios de nós as duas. Por vezes, diz palavras que me são tão familiares que quase parecem ecoar a minha voz, como quando opta por usar *escaramuça* em detrimento de *luta*, ou a forma como pronuncia o primeiro *e* em bebé, ou quando recorre a palavras como *tumulto*, *rebuscado* e *paupérrimo*, palavras que descobrimos quando reinventámos, juntas, o alfabeto. Só numa ocasião desliguei o rádio quando a Johanna estava a falar. Não sei precisar que horas seriam, mas foi numa sexta-feira à noite. Tratou-se de uma trivialidade, de um pormenor marginal, e devo ter sido a única pessoa a reparar nele, um pouco como uma louca que imagina encontrar mensagens pessoais em artigos de jornal, embora essa minha indisposição não tenha sido, de todo, uma manifestação de loucura – pelo menos da minha parte –, mas uma observação concreta. Por razões que

desconheço, tinham-na convidado a participar num painel de um programa de rádio que misturava notícias e temas do momento com cultura e humor num tom pouco propenso a polémicas, de forma a não ofender ninguém, e, quando um homem do painel recomendou a leitura do último livro de Auster, Johanna afirmou, sem que lho perguntassem e sem demora: «Nunca gostei de Auster.» Disparou este comentário com brusquidão, sem que a inquirissem nesse sentido, como se tivesse a arma engatilhada à espera do momento certo para abrir fogo. O intuito desta afirmação contundente terá decerto escapado por inteiro aos restantes participantes do painel, que não teceram qualquer comentário, e a discussão prosseguiu noutras direções. Eu, contudo, fiquei suspensa nas suas palavras. A Johanna poderia, ao invés, ter dito «nunca morei em Hägersten», ou «odeio crepes». Tentar explicar uma frase destas far-me-ia parecer louca à maioria dos observadores, de maneira que me abstenho de aprofundar a questão. Pareceria sem dúvida uma doida solitária, uma louca pretensiosa com uma vida estéril, cujos detalhes nem Paul Auster nem nenhuma outra pessoa gostariam de descrever. Por esse motivo, mantenho-me em silêncio.

2

NIKI



Antigamente não era fácil encontrar quem nos desaparecia da vida. De resto, não foi assim há tanto tempo, e muitas das pessoas agora vivas lembram-se de como era perder alguém e esperar com ansiedade pela próxima edição da lista telefónica, ir buscá-la ao átrio do prédio, onde empilhavam os dois tomos, A-M e N-Ö, e também as Páginas Amarelas, carregar em braços um pacote plastificado com seis ou sete quilos, sentar-se no chão do vestíbulo de entrada e passar o indicador ao longo da página, em busca do nome de uma pessoa de que se perdera o rasto, para se descobrir se essa pessoa não teria sido incluída na lista telefónica daquele ano. Só as pessoas com uma linha telefónica registada em seu nome constavam da lista, o que significava que quem não tinha morada permanente, se mudava com frequência, partilhava residência com um companheiro, subarrendava uma casa ou se mudara para outra cidade ou outro país, ou simplesmente não queria que o seu número estivesse disponível a qualquer um, desaparecia num mar de gente não registada, e quem quisesse encontrar alguém em específico nessa vastidão de anonimato tinha de confiar na sorte e nos desígnios da providência. Perdi o rasto a muitas pessoas por períodos mais curtos ou mais longos, e desperdicei horas e vidas inteiras a procurá-las – por vezes intensa, desesperadamente, por uma semana ou duas, por vezes erráticamente e como que de modo crónico ao longo de décadas. Perdi o Danne de vista pouco depois de entrarmos no recinto do Festival de Roskilde, e nessa primeira noite acabei por ver os Simple Minds a sós, no meio da multidão. Tive de montar a tenda junto a desconhecidos e passei a noite toda numa busca infrutífera até deparar, por acaso, com uma pessoa do nosso grupo numa fila para os quartos de banho. O reencontro foi memorável e o incidente deveria ter sido, como tudo o resto nesse verão, apenas um de vários episódios engraçados para mais tarde recordar, mas a verdade é que nada compensou aquelas horas de solidão e desorientação. Um grande festival de música é sempre desolador sem a companhia de amigos, e depressa percebi que nenhum dos meus amigos,

incluindo o próprio Danne, que me dissera as palavras inesquecíveis «espera aqui, já volto», perdera muito tempo à minha procura. Na sua perspetiva, eu é que tinha desaparecido. O papel que tinha afixado no enorme quadro de avisos à entrada do recinto, que estava pejado de outros alertas sobre amigos desaparecidos, estava tal qual o deixara, ninguém lhe tocara. Agora, mais de trinta anos decorridos, não me recordo do que é que ele foi supostamente fazer, ou do que é que eu estava à espera, ou porque, por fim, desisti de esperar e comecei, ao invés, a procurá-lo, mas lembro-me de ele me confessar que tinha apanhado uma pedrada e se esquecera de mim, e que foi nesse ano que me afastei daquele grupo e procurei novos amigos, pessoas que tinha conhecido na universidade, pessoas que consumiam menos drogas e conversavam mais, e que sabiam onde estavam – elas próprias e os amigos.

Uma das minhas novas amigas era a Niki, que também acabei por procurar mais tarde. Conheci-a muito antes da Johanna, num curso de Inglês básico; eu e a Niki estávamos no mesmo grupo de aulas práticas. Interpelou-me e começou a falar-me logo no primeiro intervalo, e acabei por perceber que era assim que ela fazia amigos, ou seja, colando-se a pessoas que lhe pareciam simpáticas ou tinham algum detalhe que a atraía, no meu caso um par de sapatilhas Stan Smith tão desgastado quanto o dela. Tinha escolhido o próprio nome, Niki, porque odiava o nome que os pais lhe tinham dado, e odiava esse nome porque odiava os pais. Torcia o nariz e arregalava os olhos sempre que conjugava o verbo *odiar*, como se para enfatizar o que esta postura tinha de ofensivo. Não sentia uma repulsa inconsciente e aleatória, uma revolta residual da sua adolescência rebelde – não, nada disso: dentro dela ardia, noite e dia, um fogo intenso. Apesar das nossas muitas e longas conversas, descobri poucos factos concretos que justificassem este seu ódio pelos pais, exceto a alegação de que eram duas pessoas tão «horríveis» que se vira obrigada a mudar-se para longe deles, para mais de quinhentos quilómetros de distância, a mudar de nome e a solicitar um número de telefone anónimo. As suas alegações estavam envoltas numa névoa de mistério, e pensava que os factos reais se tornariam mais evidentes com o passar do tempo, mas as afirmações da Niki acerca dos seus pais adquiriram, ao invés, o estatuto obscuro de verdades dogmáticas. De repente, tornei-me uma das muitas pessoas que «sabiam» que a Niki tivera uma infância horrível, e que os seus pais mereciam arder no inferno e, como rapidamente começou a considerar-me uma das suas melhores amigas, esperava que me mostrasse fiel e me aliasse a esta verdade não comprovada e parca em detalhes. Presumo que isto tenha gerado uma certa ligação entre nós, e por norma não me interessava saber se o que alegava acerca dos seus pais correspondia ou não à realidade, pois não era o género de verdade que, da minha parte, procurava. Quando soube que eu dormia no sofá da minha avó, em Jakobsberg, a Niki convidou-me para partilhar o seu estúdio no bairro de Atlas. Conseguira-o por intermédio da Segurança Social, graças à quota que, na altura, as cooperativas imobiliárias eram obrigadas a reservar para pessoas mais carenciadas.

Tratava-se de uma categoria independente, separada da lista normal onde eu e centenas de milhares de outras pessoas esperávamos, desesperadas, durante décadas, por um apartamento vago, e estava reservada a mães vítimas de violência, pessoas com doenças graves, e outros casos em que, por diversos motivos, as pessoas necessitavam de imediato de um apartamento só seu. A Niki explicou-me que lhes mentira e contara que fora vítima de incesto por parte do pai durante toda a infância, e que, por esse motivo, mudar constantemente de casa lhe era prejudicial. Necessitara apenas de uma entrevista com uma assistente social e de uma declaração de um psicólogo, a que juntara uma matreirice e um à-vontade que lhe eram naturais, e que eu jamais teria. Contara-lhes uma mentira de grande precisão, porque o incesto despertava muito interesse no final dos anos oitenta e no início da década de noventa. Era tema de discussão na comunicação social e de conversas nos refeitórios, e surgiram novos tipos de especialistas que asseguravam que o incesto era um problema social de uma escala muito maior do que alguma vez se imaginara. As salas de terapia encheram-se de pessoas que ansiavam por trazer à tona as suas recordações reprimidas. «Estou convencida de que o meu pai cometeu mesmo incesto comigo», disse a Niki quando viu a minha expressão de ceticismo, «embora ainda não me lembre de ele o ter feito.» A Niki tinha consultado muitos terapeutas de diversos géneros, mas parecia acabar sempre às avessas com eles. Bastava que a interrogassem da maneira errada ou cancelassem uma sessão ou fossem de férias ou falassem de interromper a terapia para que a Niki, enraivecida, nunca mais os contactasse. Um dado terapeuta podia ser fabuloso numa semana para, na semana seguinte, o rotular de completo incompetente. Percebi desde o início que era assim que ela se relacionava com as outras pessoas, que para ela havia apenas preto ou branco, amor ou ódio, paraíso ou inferno, e nada entre estes polos. Travou amizade com outras duas colegas da nossa turma, que eram «supermulheres muito dotadas», as «pessoas mais adoráveis do mundo», e «tão gentis quanto *bodhisattvas*», até uma delas pedir à Niki que lhe devolvesse os discos que lhe emprestara algumas semanas antes. E o pior é que a colega teve a desfaçatez de mencionar os discos num café, à frente de outras amigas, o que muito enfureceu a Niki. Aquela ratazana nojenta tinha-a «desonrado perante o mundo inteiro» e, como nunca mais lhe queria pôr a vista em cima, a Niki enfiou os discos num saco de plástico assim que, nesse mesmo dia, chegou a casa, juntando sem cuidado vinis com capas vazias; depois, foi de metro até à casa da respetiva proprietária e pendurou o saco na porta de entrada do prédio: adeusinho, até nunca mais. Aproveitou este processo de limpeza para se descartar da outra amiga. Eu permaneci como sua amiga, um tanto atónita, mas sobretudo fascinada com a intensidade das suas emoções, pelo quão fortes podiam ser os seus amor e ódio, e com o modo como agitava as pessoas, como se todos os sentimentos tivessem de se concretizar de imediato em ações. Os motivos variavam, mas o procedimento propriamente dito era sempre o mesmo. Devo ter percebido que não seria uma exceção à regra, mas,

naquela idade (eu tinha 23 anos), as amizades eram diferentes do que são agora. Podiam durar para sempre por dois meses, dois anos, duas horas – o que importava não era a sua duração, mas a sua magnitude, ou velocidade, ou a massa concentrada de relevância. A Niki tocou no meu coração. Não como os homens com quem por vezes dormia e por quem, mais raramente, me apaixonava, mas de verdade, como uma alma gêmea – embora jamais tivesse usado tal termo naquela época –, e não me preocupava saber que a nossa amizade também terminaria. A Niki era uma espécie de aventura, um drama interminável que abrangia todos os gêneros, no qual nada permanecia imutável e onde era impossível prever o que aconteceria em seguida. Tentara suicidar-se na adolescência, mas afirmava que isso eram águas passadas, «em princípio», e acabei por perceber que este «em princípio» era uma forma de abrir uma pequena veia de receio nas pessoas que faziam parte da sua vida, uma maneira de garantir que os amigos se preocupavam com ela. Nunca a vi cortar-se, mas vislumbrei, no seu corpo, duas ou três cicatrizes e marcas. Ao que parecia, um dos seus terapeutas apodara esta ameaça constante de suicídio de «gestão da ansiedade», como se a pele providenciasse um escape para a alma. Mencionava amiúde os seus psiquiatras, e em dado momento ocorreu-me perguntar-lhe como tinha dinheiro para pagar a todos aqueles terapeutas, especializados em diferentes áreas, com consultório privado no centro da cidade. «Eles pagam», foi tudo o que me respondeu, «é o mínimo que podem fazer.» Demorei algum tempo a perceber que este «eles» eram os seus pais. Hoje em dia, associariam muito provavelmente a instabilidade psiquiátrica da Niki a um qualquer diagnóstico médico, mas naquela época ninguém falava de diagnósticos. De resto, ninguém falava de sintomas, critérios ou medicamentos. Agrupavam as pessoas com dificuldades em comunidades médicas, e cabia a cada uma delas esforçar-se ao máximo por se entender a si e aos outros. Enfiei em dois sacos a totalidade dos meus pertences, na sua maioria livros e roupas, segundo recordei, instalei-me num colchão num canto da única divisão – incrivelmente atolada – do estúdio, e atirei os sacos para junto do colchão, antes de pôr a minha escova de dentes no armário do quarto de banho e uma garrafa de Bell's na despensa. Tão simples quanto isto. A minha chegada pouca ou nenhuma diferença fez, porque o apartamento estava imerso no caos, e a parca ordem que tentei conservar em redor da minha cama, e que simulava a organização e a limpeza que conhecia da casa da minha avó, parecia deslocada ali, naquele contexto, pelo que depressa desisti de me esforçar. A minha avó trabalhara toda a vida como empregada de limpeza em casas de ricos e aplicava os níveis de exigência dos patrões ao seu apartamento: limpava o pó e aspirava o chão todas as semanas, os bicos do fogão tinham de estar sempre a brilhar, e nunca faltavam lençóis lavados. Se a minha avó morasse quinhentos quilómetros a sul, poderia perfeitamente ter trabalhado para os pais da Niki, que vinha de uma família abastada. Os seus pais, que eram professores universitários e auferiam, portanto, bons salários, residiam numa moradia com um grande

jardim nos arrabaldes de Malmö. Como é óbvio, nunca vi a dita casa com os meus próprios olhos, mas ela descreveu-a com grande minúcia: em meados do século, o avô tivera um consultório médico no rés do chão, e as grandes portas corrediças de carvalho eram tão grossas que as pessoas na sala de espera não tinham como ouvir a conversa entre médico e paciente. A sala de espera no rés do chão era agora uma das duas cozinhas da casa – havia uma ainda maior no primeiro andar. A Niki descreveu a casa como sinistra e fria, mas eu imaginava-a espaçosa, mobilada com compridos tapetes persas e estantes com livros de parede a parede, muitos quartos de banho e uma escadaria para um primeiro andar. De resto, imaginava-a impecavelmente limpa e arrumada, e que, por conseguinte, seria o oposto do apartamento sujo e acanhado onde a Niki vivia de momento. Alegava que o apartamento da minha avó (que tinha visto quando fôramos recolher os meus pertences) era tão limpo quanto a casa dos seus pais, e que só havia um género de limpeza, uma só forma de limpar o que quer que fosse, ao passo que eu afirmava o contrário, ou seja, que havia muitos géneros de limpeza e um número infinito de motivos para se polir um soalho, um número infindo de maneiras de atravessar um soalho acabado de polir. Limpeza é limpeza, dizia a Niki. Eu não podia discordar mais. A Niki fazia questão, é claro, de não limpar a casa, tal como muitos outros jovens quando saem da casa dos pais, mas com ela a sujidade parecia atingir um nível mais profundo. Adorava coisas que a maioria das pessoas considera asquerosas, e quanto mais repulsivas, mais as adorava. Fascinavam-na os restos de comida esquecidos semanas a fio no nosso frigorífico, e gostava de pegar nos frascos para ver os alimentos corromperem-se por meio dos habituais processos biológicos de decomposição e, quando, numa manhã de julho, deparámos com uma ratazana morta no Vasaparken, ela debruçou-se por muito tempo sobre o cadáver, para assim observar os vermes que se contorciam na carne tumefacta e podre. Era como se algo a puxasse continuamente para baixo, rumo ao submundo, à porcaria, à sujidade, ao caos, como se não conseguisse sentir aversão pelo que os outros achavam repugnante, e se sentisse, ao invés, fascinadíssima por toda a podridão, como se algo no abismo a impelisse a manifestar esta sujidade opaca e pegajosa na sua própria vida, e, por isso, nunca mudava de lençóis, nunca aspirava a casa, e deixava a loiça num estado que a generalidade das pessoas acharia intolerável. A sua falta de asseio não me incomodava sobremaneira, embora sentisse por vezes saudades da alvura imaculada que me acolhia sempre que abria o frigorífico da minha avó. Havia muitas maneiras de limpar, e, para a minha avó, limpar era uma questão de dignidade, uma forma de guardar para si algum do brilho que encontrava nas casas em que trabalhava; para mim, era uma questão de adaptação, uma forma de me esgueirar sem ser notada. Limpava a casa da minha avó tanto quanto ela, mas em casa da Niki nem me passava pela cabeça fazer a cama. Um cantinho limpo e arrumado onde tinha o meu colchão parecia deslocado naquele estúdio apinhado de roupas, livros e canecas de café e copos sujos e pratos encrustados de comida e jornais e

discos e outras coisas que tal. Chegava muitas vezes a casa e deparava com a porta no trinco, porque a Niki raramente encontrava as chaves quando tinha de sair. Por outro lado, um ladrão dificilmente se daria ao trabalho de penetrar naquela confusão em busca de algo de valor.

A cadeira em que nos conhecemos terminou e eu faltei ao exame final. Comecei a trabalhar num armazém, e depois tive um emprego temporário no Pressbyrån, o que me levava a alternar entre diferentes lojas pela cidade toda, porque me chamavam para substituir funcionários que estavam de baixa. Isto significa que nem sempre tinha trabalho, e nos dias em que não trabalhava ficava em casa a ler ou a escrever, saía com alguém, ou convivia com a Niki. Ela levava uma vida semelhante, mas escrevia com mais convicção e com a ambição clara de se tornar escritora. Ou melhor, de publicar um livro, porque, segundo ela, já era escritora, porque escrevia. A renda era baixa, as nossas despesas parcas, e nenhuma das duas sentia especial necessidade de trabalhar mais do que o estritamente necessário. Quando chegávamos tarde a casa, arrancávamos a ficha do telefone para que os potenciais empregadores não nos ligassem de manhã cedo. De vez em quando, perdia muito tempo à procura do telefone, que encontrava, por fim, enfiado numa gaveta, no forno, ou no cesto da roupa suja. O telefone acabava amiúde em sítios ainda mais inusitados, sobretudo quando a Niki tinha uma conversa telefónica que corria mal, como quando recebia uma chamada indesejada de alguém que não queria de todo que lhe ligasse, ou quando, pelo contrário, quem lhe devia ligar não lhe ligava. Em certas ocasiões, arrancava o telefone da ficha, mas noutras não, o que significava que este podia tocar, de modo inesperado, debaixo do sofá ou de uma pilha de jornais. Estes incidentes depressa deixaram de me surpreender, tal como ouvir baterem à porta a meio da noite e ver, em seguida, a Niki (que perdera as chaves) entrar em casa aos tropeções, seguida por pessoas com quem acabara de travar conhecimento, e pôr a chaleira ao lume para fazer chá ou abrir uma garrafa de vodca, ou dar início a uma festa ao som do gira-discos, assim como não me surpreendia quando, horas depois de chegar, me acordava para vermos o Sol nascer do terraço no telhado do prédio. O terraço mais não era do que uma antiga varanda aonde se ia bater tapetes, e a que se acedia somente por meio de um escadote no sótão; o alçapão estava, na verdade, selado, mas era fácil de abrir, e, assim que se chegava lá acima, via-se o pôr do Sol sobre a linha férrea e o lago Klara, ou o nascer do Sol sobre os prédios. Costumávamos beber vinho feito a martelo, uma zurrapa, e gritar alto o suficiente para alcançarmos o cerne da vida, pois acreditávamos que, porque estávamos num telhado, havia uma menor distância entre nós e o céu. Agora, várias décadas decorridas e separada dessa época por um novo milénio e um novo género de mundo, entendo ainda – talvez mais do que nunca – aqueles gritos, aquele desejo de estarmos próximas e de alcançarmos a essência da vida, porém, já não entendo porque sentíamos necessidade de subir ao telhado.

O vinho a martelo era um projeto de minha autoria, e fermentava-o

lentamente em garrações de vidro espalhados pela cozinha. Quando acabava de o fermentar, armazenava o vinho – se é que se lhe podia chamar vinho – em garrafas mal lavadas e com tampas de atarraxar que depois guardava no frigorífico. Chamávamos a esta mistela «mijo etílico», e a zurrapa sabia por vezes tão mal que determinámos que só poderíamos beber certos lotes no telhado, porque as vistas que tínhamos lá de cima compensavam a maioria dos males do mundo, incluindo o vinho intragável. De manhã, acontecia encontrar na mesa um papelinho com a seguinte nota: «E que tal um mijo etílico no telhado logo à noite?» «Claro», escrevia eu como resposta antes de sair do apartamento, e depois encontrávamo-nos à noite, em casa – só nós as duas ou acompanhadas por outras pessoas –, e subíamos ao telhado, onde bebíamos o mijo etílico e gritávamos até as nossas palavras ecoarem entre os prédios antigos. Poucos meses depois de nos conhecermos, a Niki começou a namorar com o Jonas, um serralheiro magro que se vestia em exclusivo de preto e também gostava de produzir bebidas alcoólicas em casa. O Jonas tinha, além disso, estado algum tempo preso por não cumprir o serviço militar obrigatório. Emprestou-nos o seu equipamento de produção alcoólica, que instalámos na cozinha, e a sidra que eu tinha nos garrações de vidro deu lugar ao puré de batata. Ainda hoje identifico de imediato aquele cheiro característico sempre que entro num prédio, pese embora o odor se tenha tornado cada vez mais raro. O bico de queima era um dispositivo cónico de latão com um tubo que conduzia o vapor de álcool até a um recipiente, onde o álcool arrefecia e readquiria a forma líquida, e, por fim, gotejava até a um balde, onde se purificava ao atravessar um tubo comprido com carvão pulverizado. Esta vodca caseira alcançava um teor alcoólico de 40% e deixava-me na boca um travo amargo que me lembrava animaizinhos oleosos e carbonizados. A posse partilhada do alambique caseiro levou a que mais pessoas entrassem e saíssem do nosso apartamento e transformou a nossa cozinha numa rampa de lançamento natural para todo o género de saídas noturnas. Batiam-nos à porta com caixas de piza que abandonavam, em pilhas altas, na sala, e enchiam cinzeiro atrás de cinzeiro com beatas de cigarro antes de se irem embora, isto quando se iam embora, porque também havia quem pernoitasse lá, ora esticado no sofá, ora deitado na cama da Niki, onde conversavam e sopravam círculos de fumo em direção ao teto. Foi assim que conheci as pessoas que se tornaram, posteriormente, as minhas melhores amigas – apareceram em minha casa vindas do nada, convidadas pela Niki e pelo Jonas e seduzidas pela promessa de travarem novos conhecimentos e beberem vodca de borla. No entanto, e ao contrário do que sucedia com o meu anterior grupo de amigos, beber não era, ali, o mais importante. Eu e a Niki contentávamo-nos em passar toda uma noite de sexta-feira a beber apenas chá, água, ou nada de nada, porque o que nos mantinha unidas e, no fundo, constituiria, a partir de então, o cerne de todas as minhas relações, era o facto de conversarmos com fluidez e ardor, reavivando continuamente um diálogo que perduraria anos – um diálogo que começara durante o intervalo de uma

palestra na universidade, quando a Niki me interpelara e tecera comentários sobre as minhas sapatilhas, e que terminaria alguns anos mais tarde na escadaria de um prédio em Galway. Podíamos passar semanas longe uma da outra e, no entanto, retomar a conversa no exato ponto onde a interrompêramos assim que nos víamos de novo, como se, ao invés de semanas, apenas um breve fôlego separasse as duas ocasiões. O que mais adorava era nunca saber de antemão onde uma conversa com a Niki me levaria. Ao contrário da maioria das pessoas que conheci ao longo da vida, a Niki raramente contava episódios caricatos consigo como protagonista ou histórias engraçadas que já tivesse contado antes, ou mesmo histórias curiosas e anedotas em geral, porque a própria natureza de um episódio burlesco ou de uma anedota, que implica a existência de um começo, de um meio e de um fim, contrariava os anseios da Niki, que procurava sempre uma autenticidade absoluta. As pessoas falsas não a interessavam, segundo afirmava, pessoas que se fingiam diferentes aos olhos das outras, que interrompiam conversas para falar delas próprias, que explicavam a realidade e o que estava por trás de todas as coisas, que se vangloriavam, que só abriam a boca quando tinham a completa certeza do que diziam, que tentavam soar inteligentes, que adotavam as opiniões das outras pessoas, que seguiam com a onda, que procuravam sintonizar-se com o ambiente, que diziam concordar com algo quando na verdade não concordavam. Para ela, as pessoas que contavam piadas e histórias rocambolescas eram intelectualmente desonestas, e quem quer que cometesse o erro de contar a mesma história mais do que uma vez – como a história de alguém que fora detido por estar embriagado na estação central de Hamburgo e mais tarde, para sua surpresa, acordara numa cela de prisão e percebera que estava a partilhá-la com um antigo colega de turma; ou a história sobre a avó que, mais ou menos no seu leito de morte, dera à luz a mãe da contadora da história; ou a história sobre a pessoa que, à noite, saltara a cerca do jardim botânico de Visby após a hora de encerramento e descobrira, para sua desilusão, que a *Cannabis sativa* que constava da coleção de plantas não tinha propriedades alucinogénias ou sequer intoxicantes – jamais seria convidado a regressar ao nosso apartamento. Por conta da nossa amizade e do convívio íntimo com a Niki, encaro, desde então, este género de historieta como uma forma de doença crónica de que algumas pessoas padecem; trata-se, para mim, de uma compulsão de contar tudo sob a aparência de uma história, de transformar a vida numa fórmula que tem como objetivo cativar, impressionar, incomodar ou fazer rir. Uma narrativa bizarra ou cómica é uma caixa selada que não pode conter nada mais do que outras caixas seladas até cada participante da conversa – ou da «suposta conversa», como diria a Niki – se ver perante a sua própria pilha de caixas seladas e mentalmente obstruído, manietado, com uma nova piada a saltitar-lhe em frente para lhe chamar a atenção. Estas conversas eram muito semelhantes às daquele programa televisivo de entretenimento, o *Já ouviste esta?*, ou lá como se chamava. Não tínhamos televisão, pelo menos permanentemente, embora

de vez em quando alguém resgatasse um televisor ainda funcional de um contentor do lixo e o pusesse num qualquer canto do estúdio. Nenhum dos aparelhos sobreviveu por muito tempo, mas foi assim que me vi pela primeira vez exposta à MTV, que me apresentou um género de publicidade frenética que desconhecia, e que ao início era vista como ofensiva, mas que entretanto se tornou o novo normal. Lembro-me do nosso espanto perante os apresentadores esbaforidos que apresentavam, de pé, canção após canção, e as narrativas fragmentadas dos videoclipes. «Isto é o futuro», disse a Niki. Creio que gostava daquele formato. Não víamos televisão da maneira mais habitual, ou seja, passivamente sentadas diante do ecrã, mas de modo analítico e crítico, como parte de uma observação contínua do mundo que nos rodeava. Deixarmo-nos absorver por um programa, entretermo-nos sem refletir seria um sinal de preguiça mental. Nem com uma ressaca monumental nos passaria pela cabeça fazer *zapping*. Os programas televisivos assemelhavam-se às revistas, aos debates políticos e às conversas em reuniões familiares (a Niki acompanhou-me em alguns dos convívios da minha família): eram sinais que permitiam interpretar e entender melhor a atualidade. A minha relação com a televisão pouco ou nada mudou desde então; raramente me deixo absorver por um programa como parece acontecer com outras pessoas, tendo a misturar programas diferentes ou a esquecer-me de assistir ao episódio seguinte, por vezes nem fixo o título do programa nem o canal que o emite, e, sempre que me encontro diante de um ecrã, concentro-me em coisas irrelevantes, como se estivesse a analisar uma multidão. Reparo como os atores envelheceram e em quem fez um tratamento facial, ou que o responsável pelas legendas traduziu incorretamente o inglês «*billion*» como «bilhão». Para mim, ver televisão significa que alguém está a tentar controlar o meu olhar; com um livro, por outro lado, faço o que bem me apetece. Quando conheci a Niki, passávamos dias inteiros nas livrarias na Drottninggatan e na área envolvente. Havia muitas, e todas tinham uma abordagem diferente: algumas especializavam-se na clássica edificação burguesa, outras em poesia, teatro, primeiras edições e raridades, livros de bolso baratos, ou não ficção. Fazíamos compras de acordo com o dinheiro que tínhamos disponível de momento, mas não encarávamos a compra de livros como compras normais, mas, ao invés, como uma espécie de resgate. Dizíamos que íamos à Drottninggatan para «ir buscar» alguns livros, não para os «comprar», como se os livros e os seus respetivos conteúdos já nos pertencessem de algum modo; como se nos limitássemos a pagar-lhes a fiança, para assim os libertar e levar para casa. No entanto, mesmo depois de chegarem a nossa casa, onde os líamos ou começávamos a ler ou tão-só os púnhamos algures para os ler mais tarde, continuávamos a considerar que não nos pertenciam por inteiro. Tal como ocorria com a compra, ter livros era diferente de ter outras coisas, e assemelhava-se mais a um empréstimo que poderia terminar ou ser transferido para outra pessoa a qualquer momento, como quando, por exemplo, alguém se mostrava genuinamente interessado por determinado título ou autor. Tive, por um breve período, *O Homem sem*

Qualidades na prateleira baixa e lacada de azul junto à minha cama. Tratava-se de uma edição em quatro volumes que comprara depois de alguém me recomendar o romance, mas que percebera de imediato não estar sequer remotamente preparada para o ler. Dobrei a página 20 – onde interrompera a leitura – do primeiro volume, que permaneceu intocado junto ao meu colchão por duas ou três semanas, até, numa noite, um dos colegas de trabalho do Jonas o abrir. O sujeito, que se chamava Palle, tinha viajado pelo mundo inteiro e só estava temporariamente de volta à Suécia para juntar algum dinheiro. Tinha frequentado um curso de serralharia por intermédio do Instituto de Formação Profissional e arranjava emprego na oficina onde o Jonas trabalhava, e ali estava ele, sentado no meu colchão, com uma chávena de chá na mão e imerso nas primeiras páginas do referido livro. Saltara a introdução e as notas do tradutor e lançara-se sem mais demoras ao romance propriamente dito, o que vi como um bom sinal. Percebi de imediato que o livro era dele, nem havia discussão. Eu servira apenas como intermediária.

É estranho lembrar-me com tanta minúcia, mais de trinta anos depois, daquela prateleira azul e da cara do Palle e da capa de *O Homem sem Qualidades*. Tive este romance em minha posse por diversas vezes ao longo da vida, mas acabo sempre por o perder, quer porque termino uma relação amorosa, quer porque o empresto a alguém que nunca mais mo devolve. É como se me fugisse repetidamente, levando com ele o seu tesouro. Transformou-se num daqueles livros que tenho na minha biblioteca, mas que acabo por nunca ler, um fenómeno comum com a maioria das pessoas, que guarda em sua casa uma garantia para o amanhã, para um futuro no qual terá tempo para ler. Onde quer que me encontrasse no apartamento da Niki – quer estivesse à mesa da cozinha, no quarto de banho, sentada no parapeito da janela, ou no corredor de entrada –, deparava com um livro de Birgitta Trotzig. Por vezes, demorava um minuto ou dois a avistá-lo, porquanto tinha de examinar o caos em meu redor, mas acabava sempre por encontrar um dos seus títulos, como *Os Expostos*, *No Tempo do Imperador*, ou mais frequentemente *A Filha do Rei do Pântano*, do qual tinha várias edições, e estes eram os únicos livros que a Niki jamais daria ou sequer emprestaria a quem quer que fosse. Quando alguém, por mero acaso, encontrava um dos livros de Trotzig junto à cama ou na mesa ou na bancada da cozinha e começava a lê-lo, a Niki arrancava-lho das mãos como se tirasse uma caixa de fósforos a uma criança. Seguia-se uma lista de admoestações corretivas. Não se podia simplesmente folhear um livro de Trotzig, não eram obras que se lesse distraidamente com o rádio ligado em pano de fundo, porque havia que as ler num só sopro, sem parar a meio de um capítulo, segundo alegava a Niki, que em seguida lia em voz alta uma ou duas páginas para exemplificar o que acabara de dizer. Se se tratasse de *A Filha do Rei do Pântano*, quase não precisava de olhar para o texto, porque sabia de cor longos excertos desse romance. Lia as passagens de Trotzig numa voz potente, vibrante, plena de adoração, para assim se certificar de que as palavras não passavam

despercebidas a todos nós, seus ouvintes, e para que essas palavras chegassem ao nosso âmago, tal qual acontecera com ela, e nos abalassem, para que se tornassem reais, para que florescessem. Quando a atenção dos ouvintes começava a dissipar-se, como acontecia invariavelmente, mais cedo ou mais tarde, calava-se, ofendida, e encolhia os ombros, porque concluía o que já sabia antes, ou seja, que nesta questão havia pouca esperança de salvar a humanidade. Para mim, os textos de Birgitta Trotzig são o equivalente literário da imagem distorcida com que por vezes deparo em certos ecrãs de televisão. Nessas ocasiões, parece estar a acontecer algo de interessante no televisor, mas não vejo ao certo de que se trata. Primo botões, tento mudar as definições do aparelho, mas a imagem continua distorcida. Durante muito tempo, acreditei piamente que acabaria por entender melhor a Niki e a sua abordagem psiquiátrica às dimensões espirituais da vida, a sua devoção à sujidade e à infâmia, e a atração que sentia pelo submundo se lesse e entendesse a obra de Birgitta Trotzig. Parecia-me que partilhavam entre elas um quarto num mundo vermelho-sanguíneo, severo e caótico, a que não conseguia aceder, onde as emoções eram as divindades que tomavam quase todas as decisões, onde um acesso de raiva podia levar alguém a atirar pratos pelo ar, onde uma nova paixão podia conduzir a uma viagem até ao outro lado do mundo com apenas dois dias de aviso. Fiquei encarregada de cuidar, a sós, do apartamento. O Jonas telefonou-me a perguntar o que se passava. «Não sei, não faço ideia», respondi, «também não percebo nada.» Mergulhei nas águas turvas de *A Filha do Rei do Pântano* e de *A Doença*, mas depressa pus os livros na prateleira e comecei, ao invés, a limpar a casa. Não estava nem nunca estaria pronta para ler Trotzig.

Raras vezes ouvi a Niki falar de uma profissão que não a de escritora. Quando P. O. Enquist fez uma apresentação de um dos seus livros (*A Biblioteca do Capitão Nemo*, creio) no Edifício ABF, a Niki dirigiu-se, no fim, à mesa de oradores e interpelou-o como se falasse com um colega. Conversaram por alguns minutos. Como estava junto à saída, não consegui ouvir o que diziam, e limitei-me, portanto, a observá-los. A sala foi-se esvaziando e a Niki pegou numa cadeira e sentou-se ao lado dele, e Enquist, magro e pernilongo, espreguiçou-se e escutou o que ela tinha para lhe dizer, sorrindo e acenando com a cabeça antes de tecer os seus comentários. Tinham discutido métodos de trabalho, disse-me ela depois, quando saiu do edifício e me encontrou na Sveavägen, onde a esperava; haviam falado sobre a importância de se ser sistemático e teimoso, a importância da dedicação. A ter em conta a sua descrição da conversa, poder-se-ia acreditar que ela e P. O. Enquist tinham trocado experiências e conselhos, e talvez até fosse verdade. A Niki falava com todos sobre tudo o que escrevia. Começava a escrever livro atrás de livro, pelo que em pouco tempo eu e todas as outras pessoas em seu redor nos familiarizávamos com o conceito, a trama e as personagens principais da obra, e também conversávamos sobre a ideia como se já se tratasse de um romance concluído, como se o livro já estivesse escrito e o

tivéssemos diante de nós, na mesa da cozinha, com o título e a capa definitivos, pronto a lançar. Os títulos em especial suscitavam longas discussões. Recordo alguns desses títulos, como *O Ornitólogo*, um livro sobre um homem e a sua filha ilegítima, que ele mata à pancada com os binóculos durante uma caminhada na floresta, e que depois enterra e dá como desaparecida, *A Rapariga da Cave*, sobre uma criança que passa a infância numa cave e em adulta percebe que o seu sofrimento impede que outras pessoas sofram, e *Os Hóspedes Sinistros*, sobre uma rapariga que vive anos e anos na pensão dos seus pais cruéis e mais tarde ajuda uma família de hóspedes a apoderar-se, pouco a pouco, do negócio da família. Tanto quanto sei, nenhuma destas ideias passou do título, de uma trama geral e de cerca de dez páginas densas e confusas, repletas de ideias e de ínfimos detalhes, porque, depois de passar tempo suficiente a maturar o projeto e de chegar à hora de meter a mão na massa e começar a escrever de modo mais estruturado – o começo do primeiro capítulo, por exemplo –, o entusiasmo inicial da Niki desvanecia-se por completo. A trama parecia-lhe oca, as personagens rasas, e perdia o ímpeto. Tinha uma máquina de escrever portátil, de cor vermelha, e sentava-se de pernas cruzadas na cama ou deitava-se de costas, a olhar para o teto, com a máquina numa almofada ao seu lado e uma folha de papel A4 em branco pronta a usar. Achava-me uma «sacaninha» por eu nunca partilhar uma única palavra sobre o que escrevia, e não o dizia apenas como gracejo. Eu era uma sacaninha que nem sequer desembuchava quando nos embriagávamos e me tentava extorquir alguns pormenores ou uma simples ideia geral sobre o que eu escrevia nos meus blocos de notas pouco volumosos. Olhando em retrospectiva, é-me fácil constatar que estava apenas a praticar a escrita; alternava géneros, imitava outros escritores, e tentava debater-me com o que ainda hoje me debato, ou seja, com passar a ideia da cabeça para o papel. Não sabia quase nada sobre o ato de escrever, mas sabia uma coisa – para mim, o processo tinha de estar tão selado quanto o líquido destilado no recipiente cónico na cozinha, e que uma fuga implicaria a morte, que a magia desapareceria se o observasse de demasiado perto, e que não podia divulgar nada de nada antes de concluir a obra. Além disso, era irrelevante, porque as minhas ideias eram triviais comparadas com as dela e, embora tenha tentado, em diferentes ocasiões, escrever com a mesmas intensidade e fúria que a Niki aplicava à sua escrita, acabava quase sempre por perder o tempo com futilidades por falta de algo mais interessante que fazer.

A Niki ausentou-se por um mês; o seu novo amor era parecido com o James Spader e era natural da costa ocidental da Irlanda. Tinham feito montanhismo na Bolívia e, por qualquer motivo, entrado em contacto com pessoas que lhes haviam dado a beber uma mistura de ervas. A referida mistura fizera-os ter visões, e a Niki alegava que, por vezes, ainda as tinha: via plantas rastejarem pelo papel de parede e gatos a espreitarem às esquinas. De repente, estava de volta a casa, e o telefone acabou por obter residência permanente no cesto da roupa suja quando o Jonas entrou em desespero

e começou a ligar a meio da noite. O sócia do James Spader tinha regressado a Galway, para aí participar numa competição qualquer de lançamento de dardos, e a Niki sentava-se à mesa da cozinha a escrever cartas de amor com uma caligrafia ornamentada e polvilhadas com expressões irlandesas que aprendera na viagem. Odiava intensamente o Jonas e amava o Adrian (a quem chamávamos na maioria das vezes James) com a mesma intensidade, e amava a Bolívia, e também a Irlanda, aonde ainda não tinha ido, mas aonde iria em breve, odiava a Suécia e, acima de tudo, odiava Estocolmo, esse antro de merda apinhado de atrasados mentais. Tivera o apartamento só para mim durante cinco semanas e dera-me muitíssimo bem; tinha dormido algumas vezes com o Palle, trabalhado, limpo a casa, lavado toalhas bolorentas que descobrira debaixo da banheira, deitado fora todos os restos de comida que encontrara no frigorífico e cuja origem era já impossível de determinar, cozido pão, comprado vinho a sério e instalado um atendedor de chamadas. A Niki disse que gostava de ver a casa limpa, mas não foram preciso muitos dias para que o apartamento voltasse ao estado habitual. Foi como se incorporasse o apartamento no seu próprio caos, sendo a mala aberta no chão o epicentro de um novo tipo de desordem caracterizado por roupas fedorentas e figuras totémicas e recordações que comprara com a intenção de distribuir entre amigos e conhecidos. Deu-me uma bateriazinha de tocar com o dedo, que pus na prateleira azul, e uma garrafa de aguardente com um verme dentro. Ela e o James tinham-se conhecido no Moderna Museet, onde ela lhe dirigira a palavra para lhe perguntar o seguinte: «*Why do all these tapes have women's names on them?*» Ele rira-se e agitou a franja de cabelo, e depois tinham ido os dois ao café do museu e conversado até à hora de encerramento. Ele estava a atravessar a Europa de comboio e pretendia partir no dia seguinte, mas mudou de planos. Quem conhecesse a Niki apenas superficialmente poderia ficar com a impressão de que se apaixonava com facilidade, que controlava os seus sentimentos amorosos com um interruptor que premia a seu bel-prazer, que conhecia pessoas que desapareciam tão depressa quanto haviam aparecido, e que as amava e de repente deixava de as amar. O mecanismo parecia simples e o registo limitado: ligado ou desligado, preto ou branco, amor ou ódio. Na verdade, acontecia o oposto, porque tinha dentro dela todo um mar de sentimentos e emoções, com demasiados níveis e matizes para a sua capacidade, como se atrás das suas pálpebras se apinhassem todos os deuses gregos e todas as emoções e estados de alma que representavam. Tinha dentro dela um tumulto íntimo e incessante. Tudo se podia transformar no seu oposto num abrir e fechar de olhos, e a entrada do James em cena transformou o mundo da Niki. De súbito, começou a afiançar que «sempre» adorara U2, Yeats, Jonathan Swift, Mary Black, Guinness, a cor verde. Sempre que bebia e ficava um pouco tocada, começava a falar inglês e engolia o fim das palavras, no que presumi ser uma imitação do sotaque irlandês. O Jonas, que mencionei duas ou três vezes, porque queria saber o que era feito dele, passou a ser «um porco com a mania do controlo» de quem ela devia apresentar

queixa à polícia. Um sujeito sem cultura nem estudos, feio, manipulador. Um merdinhas, era o que era, ela nunca o amara, e ele podia pôr-se a milhas, ele mais a porcaria do alambique e dos amigos dele, e voltar para o esgoto de onde tinha saído. Quando lhe comuniquei que o Palle tinha levado com ele todo o material de destilação da última vez que lá fora, fitou-me com desconfiança. Estávamos sentadas à mesa da cozinha e tínhamos água ao lume no fogão para fazermos chá. «O Palle?» Anuí com um aceno de cabeça. Arrependi-me de imediato de ter dito o que quer que fosse, mas não lhe podia mentir. Não era apenas uma questão de dignidade (da minha própria dignidade) e do meu direito de levar para casa quem eu quisesse, mas também de autenticidade, de conservar viva a sinceridade sem peias que caracterizava a minha relação com a Niki. «O Palle veio cá quando estive fora?» Anuí com novo aceno de cabeça e encolhi os ombros. A ténue linha que, para a Niki, separava amigo de inimigo era talvez a maior dificuldade a enfrentar por quem convivía com ela. Neste caso, eu. «Porquê? Que veio cá fazer?», perguntou. «Dormimos juntos, ele deu-me um livro, conversámos», respondi. A Niki cruzou os braços e fechou os olhos por escassos segundos. As pálpebras tremeram-lhe como se, a coberto delas, os olhos se mexessem com rapidez de um lado para o outro. Traíra-a dormindo com o inimigo, e estava, naquele momento, a ver a Niki processar esta informação. Ainda estava a sopesar a situação. Depois, abriu os olhos e fitou-me. «Que livro é que ele te deu?» A pergunta não fez sentido nenhum, derivava de uma associação numa direção completamente oposta e era uma parvoíce completa, como se tivesse recebido uma mensagem de um dos seus deuses das emoções a comunicar-lhe que o título do livro era de extrema importância. «*Se numa Noite de Inverno Um Viajante*», respondi-lhe, porque correspondia à verdade. Como a Niki continuou a olhar-me fixamente e em silêncio, acrescentei, uma vez mais sem faltar à verdade: «É fantástico. Li-o num só dia.» Acenou pensativamente com a cabeça, descruzou os braços e sorriu-me. Por fim, levantou-se, foi até ao fogão, e pegou em canecas e no bule de chá. «E depois?», perguntou. «Veio cá buscar os apetrechos de destilação, para os devolver ao Jonas. Dormimos juntos outra vez, conversámos um pouco. Vimo-nos algumas vezes. Mas ele já se foi embora, foi viver novas aventuras na sua adorada Índia.» A Niki pousou as canecas entre nós as duas. «Falaram sobre mim?», perguntou ela num tom descontraído, como se fosse uma insignificância, mas percebi de imediato que se tratava da questão que mais a apoquentava, e que todos os seus deuses hipersensíveis das emoções estavam em estado de alerta, à escuta de um possível insulto, de uma eventual descrição negativa, de um qualquer indício de mexericos jocosos. «Não, falámos sobretudo de livros e dos sítios que ele ia visitar. Das cidades e das praias. Da estação de Howrah e da arte de entrar num comboio. Falámos bastante de *Um Coração Selvagem*; o Palle disse que queria um casaco de pele de cobra.» A Niki pôs açúcar no chá e mexeu-o com a colher. Parecia satisfeita com a minha resposta. Quando terminou de mexer o chá, tirei-lhe a colher da caneca e mexi o meu. Claro que

isto não correspondia à verdade, porque passáramos horas a falar sobre ela, e o Palle dissera que ela era uma «estouvada» em quase todos os sentidos, mas não fora capaz de me dar uma definição mais específica do termo, do que pretendia dizer ao certo com «estouvada». A Niki era simplesmente uma «estouvada do caralho», uma descrição que no início dos anos noventa cumpria tão bem as vezes de diagnóstico quanto, por exemplo, «difícil como o caralho» e «esquisita como o caralho», ou «malcriadona». De certa forma, tudo era mais simples naquela altura, e os juízos sobre os outros eram subjetivos e tinham por fundamento a experiência pessoal de cada um, aquilo que emergia quando as pessoas conviviam, mas os rótulos que colavam às pessoas eram, por outro lado, obscuros e maldosos. «Estouvada»: o que significa, de facto, ser uma estouvada? A Niki era uma estouvada porque levava as pessoas à loucura e perturbava a estabilidade com que tentavam enfrentar a existência? Para mim, ela era simplesmente a Niki, e sempre que olho para a minha estante, mais precisamente para a área onde estão dispostos os autores cujo nome começa com a letra C, e vejo o exemplar muito gasto de *Se numa Noite de Inverno Um Viajante* com a dedicatória do Palle e um coraçãozinho desenhado a lápis, lembro-me do ar bafiento da cozinha e da fragrância das folhas de chá no bule. Lembro-me do rosto do Palle junto ao meu, no colchão, e das suas tentativas de fumar como Nicolas Cage, e lembro-me de que comecei a ler o livro quando ele se foi embora naquela manhã, e que o labirinto rotativo de espelhos do romance prendeu de imediato a minha atenção. A pergunta da Niki, «que livro é que ele te deu?», tornou-se como que uma prova da sua loucura, e posteriormente dei por mim a pensar, em diversas ocasiões, o que teria acontecido se o Palle me houvesse oferecido outro dos livros de que ele me falara, como o *Pensos-Rápidos*, de Klas Östergren, ou *Os Filhos da Meia-Noite*, se a sua loucura irracional teria, nesse caso, explodido numa direção diferente. Pouco depois, tirou a colher da minha caneca, pôs mais açúcar no seu chá, e mexeu-o de novo. «E então, estás apaixonada pelo Palle?» Era uma pergunta sem resposta, porque o Palle tinha partido duas semanas antes e, ao contrário do que acontece hoje, em que isto já não é possível, estava de facto incontactável. Naquela época, permitir que alguém partisse significava literalmente perder o rasto à referida pessoa. Talvez viesse a receber um postal ou uma carta, remetidos de um sítio qualquer por onde passara três ou quatro semanas antes. Talvez lhe enviasse uma carta para uma das postas restantes que me indicara, para uma estação de correios de uma das cidades por onde poderia passar a dada altura, a menos que, claro, já a tivesse visitado. Jaipur, Maiçor, Deli. Procurei-as no meu atlas e tentei rememorar os percursos estipulados ou alternativos que o Palle me referira, as cidades e as eventuais cidades que visitaria, as praias e potenciais praias aonde iria, as ilhas a que era difícil chegar, os amigos que planeava procurar, um eclipse solar na costa que ele não queria perder por nada deste mundo. Criei as minhas próprias rotas, para assim conseguir rastreá-lo: Bombaim, Pune, seguindo então para sul, até Bangalore, ou Bombaim e o

comboio noturno até ao Rajastão, e daí para o deserto, isto se não fosse por Bombaim e diretamente de autocarro para Goa. Se pisasse uma tampa de esgoto com a letra A, significava que ele estava a caminho de Agra e do Taj Mahal. Se pisasse uma tampa com um K, é porque estava em Kerala. «Talvez esteja», respondi, «mas agora já é tarde de mais, não é?»

Provavelmente acabaram por lhe dar um diagnóstico, como a todos os outros «estouvados como o caralho», «esquisitos como o caralho», ou «malcriações», e talvez tenha estado algumas vezes aos cuidados da psiquiatria em regime ambulatorio, com toma de medicamentos, acompanhamento no centro de saúde, e mensagens de texto geradas automaticamente com lembretes de consultas agendadas. Talvez tenha uma caixinha de comprimidos que abana todas as manhãs, pastilhas que controlam os seus deuses das emoções, e talvez tenha sessões regulares de terapia numa clínica com uma mulher de óculos, uma profissional credenciada que a ajuda a melhorar a sua autoestima; «então, como lidou com os seus sentimentos quando ele lhe disse isso?» Procurei respostas, algum tipo de pista, tal como a maioria das pessoas procurou na Internet, em dado momento, vestígios de velhos amigos e inimigos, mas nem sequer encontro o seu nome nos *sites* que substituíram a lista telefónica quando, há décadas, esta deixou de ser distribuída por todos os lares do país. Não está em lado nenhum, não tem redes sociais, e não tem blogue nem publica fotos e vídeos – pelo menos em seu nome. No final dos anos noventa, cruzei-me com uma conhecida mútua que me disse que a Niki tinha vendido o seu apartamento no bairro de Atlas quando o edifício fora entregue a outra cooperativa imobiliária, e que posteriormente se mudara para outra cidade, talvez outro país. Essa conhecida em comum não podia garantir a veracidade desta história, porque a Niki tinha cortado relações com ela na época da mudança. A Niki tinha, em suma, cortado relações com Estocolmo, pondo fim ao contacto com a cidade, com os seus residentes, e com qualquer um que, por lá, a conhecesse. Jurara nunca mais pôr os pés naquele buraco de merda e, ao invés, mudar-se para um lugar onde pudesse respirar à vontade. Tinha várias hipóteses à escolha, porque, no fim de contas, obtivera bastante lucro com a venda da casa que tinha de certo modo usurpado. Suponho que este potencial lucro com jogos imobiliários um tanto turvos é, no fundo, uma forma de a capital de um país abastado recompensar uma «estouvada do caralho» por tudo o que ela nos proporciona: festas, calor, caos, broncas, mil coisas para nos irritar, e o autoconhecimento que daí resulta.

Ora, mas como terminou, de facto, a nossa amizade? Com uma bronca, claro, como estava destinado desde o início. Todos os relacionamentos podem terminar abruptamente, é um risco inerente, mas, quando me tornei amiga da Niki, sabia que o fim brutal da nossa amizade não era apenas um dos muitos cenários imagináveis; era, isso sim, o único fim possível. Eu sabia, para lá de qualquer dúvida, que nenhuma amizade lhe sobrevivia, e mesmo assim fiquei surpresa. Presumo que tenha sido um pouco como acontece com a morte.

Todos sabem que vão morrer, mas poucos olham para as suas mãos e pensam que um dia essas mesmas mãos vão arrefecer até à temperatura ambiente e perder todos os sinais de vida. Tudo começou a meio do verão; ainda éramos amigas, a Niki ia viajar até à Irlanda e, em breve, mudar-me-ia para casa da Sally, uma nova conhecida que depressa se tornou minha amiga e que estava a morar temporariamente na vivenda do pai, em Lidingö, enquanto ele dava a volta ao mundo num barco à vela. Estava ansiosa por sair do centro da cidade e viver numa casa mais espaçosa e perto da floresta. A Niki não sabia dizer-me quando regressaria. «Talvez fique por lá para todo o sempre», disse ela. «Vamos casar-nos e eu vou escrever romances e dar à luz criancinhas católicas parecidas com o James Spader. Para ser sincera, não consigo imaginar uma vida melhor.» Fez as malas de modo caótico, enchia sacos para os esvaziar e voltar a encher. Guardou a máquina de escrever numa mala, voltou a tirá-la, e espalhou tubos de pasta de peixe e embalagens de tostas de centeio por vários sacos, porque os queria oferecer à grande família e aos muitos amigos do James. Tinha algumas dúvidas de que as tostas sobrevivessem incólumes à viagem, e estive para comentar que os estrangeiros nem sempre apreciavam muito a nossa pasta de peixe, e que seria melhor guardar os tubos no frigorífico do que deixá-los espalhados pelo chão durante vários dias, mas não disse nada. Tinha-lhe contado os meus planos de me mudar para o casarão da Sally, mas prometera-lhe também encontrar outra inquilina na sua ausência. Quase todas as pessoas que conhecia passavam a vida a mudar-se de casa em casa, com contratos de subaluguer, e não me seria difícil encontrar alguém que quisesse arrendar o apartamento. «Tanto faz», disse a Niki, «podes morar aqui ou noutro sítio qualquer. Outra pessoa pode morar aqui, ou noutro sítio qualquer.» Olhei para ela, estava sentada no chão e acabara de tirar outra vez a máquina de escrever da mala. «Estava a pensar na renda», disse eu. «Alguém tem de morar aqui e pagar a renda, não tem?» Era a Niki que pagava a renda, e nunca me tinha pedido dinheiro nenhum. Durante o mês que passara na Bolívia, mantivera-me atenta, à espera de receber a fatura da renda, para ir pagá-la ao posto dos correios. Como nunca recebi fatura nenhuma, presumi que a Niki a tinha pagado antecipadamente. «Que se lixe a renda», disse ela, «isso arranja-se por si. Ainda não tinhas percebido?» Olhou-me com um sorriso de surpresa, como se estivesse genuinamente fascinada com a minha estupidez. Ainda não tinha percebido nada? Ainda não tinha percebido porque é que se mostrava tão despreocupada com questões de dinheiro? Por que motivo não se empenhava em arranjar um emprego que lhe pagasse um salário, e porque mostrava por vezes uma generosidade impressionante, tanto comigo, como com outras pessoas? Soltei um suspiro e olhei fixamente para as suas malas. Talvez tenha sido nesse momento que percebi que estávamos prestes a seguir caminhos diferentes. «Devias guardar a pasta de peixe no frigorífico», disse eu, «ou vai estragar-se.» Partiu dois ou três dias depois e deixou o apartamento tal como estava, com as coisas excluídas da sua bagagem ainda espalhadas pelo chão e o

frigorífico cheio de tubos de pasta de peixe. Esvaziei o frigorífico e pus tudo em sacos do lixo que atirei para o contentor no pátio, limpei as prateleiras, esvaziei o frigorífico, deitei tudo fora, descongelei-o, reservei uma hora na lavandaria do prédio e pus a lavar todas as roupas, lençóis e toalhas que encontrei, e depois sequei-as, dobrei-as e organizei-as no guarda-roupa da Niki, esfreguei a mesa da cozinha, que estava cheia de restos de comida e cera de velas, comprei uma embalagem de panos da loiça e detergente de limpeza, e atirei-me à cozinha como vira a minha avó fazer nas suas limpezas, com o cabelo preso num puxo no alto da cabeça e o rádio a tocar alto, tirei dos armários tudo o que iria passar da validade, juntei os frascos e as garrafas vazias e fui levá-las ao ponto de reciclagem, a fim de colher a tara, atirei os vasos com plantas mortas para sacos do lixo, e levei para a sala de arrumos do prédio, onde se guardavam objetos para deitar fora ou reciclar, pratos e copos partidos, uma poltrona rasgada e uma torradeira que se incendiara. Depois de ter apanhado tudo o que encontrei no chão, aspirei o soalho e esfreguei-o até a água no balde deixar de ficar preta. Levei o meu colchão para um contentor na rua, fiz a cama da Niki com lençóis lavados, pendurei a chave, com um fio, num prego na parte de dentro da porta do apartamento, e fui-me embora. Parei depois de subir as escadas até à Sankt Eriksplan. Talvez devesse escrever-lhe uma carta. Deixar-lhe pelo menos um papel na mesa com uma mensagem e o número da Sally, caso um novo inquilino precisasse de me contactar. Voltei atrás, pousei os sacos no patamar diante da porta, enfiei os dedos na abertura, e tentei apanhar o fio com a chave; por fim, consegui puxá-lo e extraí-lo através da ranhura da caixa do correio. Era um truque muito nosso, que desenvolvêramos com o passar do tempo, porque a Niki – e por vezes eu também – se esquecia amiúde das chaves em casa e tinha de esperar, sentada nas escadas, que eu lhe abrisse a porta. Entrei, descalcei os sapatos, procurei uma caneta e papel, e sentei-me à mesa da cozinha. O telefone começou a tocar e só parou de retinir muito depois. A cozinha cheirava a detergente. Escrevi a morada e o número de telefone da Sally e afixei o papel ao frigorífico com um íman, ao lado de um pequeno retrato recortado de Birgitta Trotzig com o seu cabelo preto penteado com risca ao meio e um sorriso enigmático. O telefone tocou outra vez. Estava na mesinha de apoio junto ao sofá; o atendedor de chamadas que eu tinha comprado havia desaparecido, e desconfiava que a Niki o dera a alguém. «Estou», disse um homem quando atendi a chamada. «É a Carolina?» Carolina era o verdadeiro nome da Niki. «Não», respondi, «mas divido a casa com ela. Ou melhor, costumava dividir.» Não sabia qual dos nomes dela usar. «A Niki está na Irlanda», disse eu, por fim. Estava a falar com o pai dela, que tinha uma voz grave e agradável. A mãe da Niki estava doente e queria que a filha voltasse para casa. Escutei-o com atenção e tentei imaginá-lo, porque para mim era o bispo Vergerus, interpretado por Jan Malmström em *Fanny e Alexander*, com uma raiva esquiva colada ao rosto, um olhar mortiço e dentes afiados, mas a voz que ouvi foi de Beppe Wolger a desejar-me, com doçura, boa noite, uma voz curiosa de

alguém interessado em saber o que era feito da Niki, «oh, fez o caminho todo de comboio», e «tens o número de telefone do tal rapaz que ela conheceu?» Disse-lhe a verdade, que não tinha nem o número nem a morada e nem sequer sabia o apelido dele. Sabia apenas em que cidade morava: Galway. O pai da Niki, que se chamava Johannes, calou-se por alguns segundos. Parecia estar a morder uma caneta. Pouco depois, disse: «Cá está.» Tinha pegado num atlas, disse-me ele, a cidade ficava na costa ocidental da Irlanda e parecia acessível e não muito grande. Ficámos em silêncio, e apercebi-me de um apelo, de uma espécie de oferta. Por fim, perguntou-me diretamente se eu queria «visitar a Irlanda». Disse-lhe que em breve retomaria os estudos na universidade. «Ainda só estamos no início de agosto», disse Johannes, «as aulas ainda demoram a começar.» Recusei o convite o mais educadamente que pude, e, depois de outro momento de silêncio um tanto confrangedor, deu-me o seu número, para o caso de eu mudar de ideias. Anotei o número na minha agenda telefónica e desligámos. Em seguida, saí do apartamento da Niki pela última vez e instalei-me no rés do chão da casa da Sally, que era enorme e ficava a poucos minutos do mar. O primeiro andar era só dela. Fazíamos uma limpeza geral ao sábado, a Sally no andar de cima e eu no andar de baixo, e depois limpávamos a cozinha em conjunto antes de nos sentarmos para tomar um café e comer um bolo feito por ela. Tinha dado à Niki o meu número de telefone novo e esperava que me ligasse, mas o tempo passou sem que ouvisse uma só palavra dela, o semestre começou, desisti do curso em menos de um mês e comecei a trabalhar, à noite, como auxiliar no Hospital de Sabbatsberg, numa enfermaria onde os idosos, moribundos, não saíam das respetivas camas, e uma noite encontrei uma mulher que tinha, de facto, falecido, e pouco depois, quando abriram a porta da enfermaria ao filho da mulher, que queria ver o corpo da mãe e despedir-se dela, dei por mim a pensar na Niki. Não tinha horários de trabalho fixos nem responsabilidades nem planos dignos de nota, e no dia seguinte telefonei ao Johannes, que me garantiu que a oferta se mantinha de pé. A mãe da Niki estava ainda mais doente e ansiosa por ver a filha, e ele disse-me que iria enviar-me um envelope com dinheiro. Fiz a mala e fui ao centro da cidade comprar um cartão Interrail e trocar coroas suecas por libras britânicas e irlandesas na estação central, e no dia seguinte já estava sentada à janela do comboio para Copenhaga, a analisar o mapa dos caminhos de ferro que me tinham dado, cheia de vontade de ligar ao Palle para lhe dizer que também eu estava prestes a viver aventuras num país estrangeiro, imagina só, mas, sem outra solução, pude apenas, chegada a Copenhaga, comprar alguns postais no Hovedbanegården e enviá-los para várias das postas restantes que me indicara. Não tinha a certeza de que seria capaz de perceber, pela leitura dos postais e após a longa viagem aérea até à Índia, o quão excitada estava. O Palle iria provavelmente estacar numa qualquer rua indiana, rodeado por uma das multidões indescritíveis de que me falara, para ler o meu postal, e sentiria somente como que uma brisa escandinava – fria, distante, desprovida de sangue ou vida. OK, está bem,

então eu estava num comboio meio vazio com destino a Copenhaga, mas que grande aventureira! Arrependi-me dos postais assim que os enfiar no marco de correio vermelho diante da estação e dei meia-volta para me dirigir à plataforma onde me aguardava o meu próximo comboio. Havia jovens com mochilas enormes por todo o lado; juntavam-se em pequenos grupos, e alguns tinham guitarras ou aparelhos de som portáteis, outros comiam pão com queijo e bebiam cerveja. Havia também jovens que se encostavam à parede para dormir, fumar ou tão-só fitar o vazio. Apanhei o *ferry* entre Ostende e Harwich de manhã, e desembarquei na estação de Galway na manhã seguinte; aí chegada, atravessei a praça, aluguei um quarto num pequeno hotel e adormeci em cima da cama, com as roupas ainda vestidas. Quando acordei, estava escuro. Sentei-me na cama e estudei o mapa da cidade que a rececionista me dera, tentando descobrir como agir dali em diante. Procurar a Niki numa cidade com setenta mil habitantes soava, em teoria, interessante, mas naquele momento parecia-me uma missão impossível. Peguei numa caneta, com que dividi o mapa em vinte retângulos, e decidi batê-los um a um – pretendia sondar as lojas e os *pubs*, e procurar, assim, a Niki e o James entre todos os rostos desconhecidos. Só tinha visto o James uma vez, numa noite em Estocolmo, nas horas que antecederam a viagem improvisada à Bolívia. Sentámo-nos no telhado e ele e a Niki, todos eles mãos e línguas, quase geraram durante a conversa, tornando-a praticamente ininteligível. Parecia o tipo de paixão que necessita de demonstração perante o resto do mundo, o género de amor que floresce diante de uma testemunha, e assumi que era por isso que me queriam ao seu lado – para, com o meu corpo seco e frio, proporcionar um contraste incisivo com a sua fogosidade. Quando o teor dos seus beijos e abraços se alterou, voltei para o apartamento. A Niki e o James desceram vinte minutos depois, com os cabelos desgrehados e claramente satisfeitos por terem transformado a paisagem sonora das ruas sonolentas, ainda que por um mero quarto de hora. Tinha, por conseguinte, a certeza de que reconheceria o James se lhe pusesse os olhos em cima, ainda que fosse muito improvável vir a cruzar-me com ele. Tinha prometido ao Johannes que o avisava quando chegasse a Galway, mas o telefone na única mesa do quarto estava morto, e não me apetecia, de todo, regressar à receção. Em vez disso, tirei da mochila um queque envolto em plástico e bebi a última água morna da garrafa de um litro que tinha comprado na estação de Dublin, tomei um duche, escovei os dentes e enfiar-me na cama. Tinha de encontrar a Niki, que na verdade se chamava Carolina, e que talvez estivesse em casa do James, que na verdade se chamava Adrian, sem, no entanto, ter uma morada, um número de telefone ou sequer um apelido que me auxiliassem na busca. Decidi procurá-la afincadamente durante uma semana.

Uma abordagem metódica a uma tarefa irracional oferece uma certa esperança de se ser bem-sucedido num projeto que na realidade está condenado à partida. Até certo ponto, uma abordagem metódica pode inclusive conferir a estes casos insolúveis um significado. Em determinadas

ocasiões, esta abordagem proporciona também alguma alegria. Quiçá seja esta abordagem metódica o que torna a procura por algo tão parecida com a escrita: transferir uma ideia para o papel parece propositado, mas não o é, e equivale, em certa medida, a um mapa com vinte retângulos sobrepostos a uma cidade desconhecida e que pretendo calcorrear em busca de alguém que está aqui, nesta cidade, mas desapareceu. Defini que o retângulo 1, ou seja, aquele que começaria por investigar, correspondia à secção nordeste do mapa, ou seja, à área em redor da Eyre Square; por conseguinte, durante a manhã enfiei a cabeça em todos os *pubs* da William Street e fiz batidas aleatórias em ruelas laterais. Passei a tarde no outro lado do rio, em volta da catedral e da universidade, cujas áreas correspondiam aos retângulos 2 e 3 do meu mapa. Os dias que se seguiram desenrolaram-se de acordo com um padrão semelhante, e continuei a utilizar o meu método, mas cedi a mais impulsos, e, por exemplo, apanhei um autocarro até ao outro lado da cidade e caminhei até Lough Atalia, onde aproveitei para passear ao sol nas colinas verdejantes que ladeiam a enseada. Encontrei, por acaso, uma biblioteca gigantesca e vasculhei todas as secções. Embora estivesse mais ou menos vazia, imaginei a Niki a deambular pelos corredores e a passar o indicador pelas lombadas dos livros. No átrio, havia um grande quadro de avisos com anúncios de venda e compra de manuais escolares e académicos, grupos de estudo e aulas de guitarra. Li as mensagens sem ter uma noção clara do que procurava até que, de repente, me lembrei de uma coisa – o James supostamente jogava dardos. Entrei e perguntei à bibliotecária se tinha uma lista telefónica, e ela levantou-se e apontou, com toda a mão, para as portas de vidro do átrio. Uma vez lá fora, no passeio, avistei uma cabine telefónica. A lista pendurada de uma corrente de metal era fina e estava pegajosa e crivada de queimaduras de cigarro. Abri-a na letra D e anotei o endereço de todos os clubes de dardos listados, e também de uma loja especializada no desporto. A atenção exigida pela busca deixou-me exausta e, depois de jantar ao balcão de um restaurante chinês, percebi que não tinha forças para prosseguir com a minha investigação e voltei para o meu quarto. No dia seguinte, comecei a fazer telefonemas na receção do hotel. Os endereços dos clubes de dardos da cidade estavam desatualizados, e os números de telefone não funcionavam ou tinham, entretanto, sido transferidos para pessoas que não sabiam nada sobre dardos, mas concluí que, no entanto, estava no caminho certo, pois era a única pista que tinha. Na High Street, entrei numa loja que vendia dardos e respetivos alvos, mas o dono não conhecia nenhum Adrian. Sabia, isso sim, onde tinham lugar as competições, e foi lá, no retângulo 9 do meu mapa, mais precisamente na Cross Street, num *pub* mobilado com sofás de vinil escuros, que finalmente encontrei o James. Estava a beber cerveja na companhia de outros homens, e inicialmente olhou-me apenas de relance, mas, como continuei a fitá-lo da porta, olhou para mim com atenção e sorriu. Demos um abraço e sentei-me ao seu lado no sofá, onde ainda havia um espacinho livre. A Niki não estava presente, e, quando perguntei por ela, o James limitou-se a

menear a cabeça. Os amigos do James tinham parado tudo o que estavam a fazer e observavam-nos, então, com as mãos em volta das canecas de cerveja. Um cigarro abandonado no cinzeiro soltava um fio de fumo. O James respirou fundo para ganhar fôlego e os outros chegaram-se à frente, para não perder novos detalhes de uma história que provavelmente já tinham ouvido várias vezes. A Niki tinha literalmente entrado na Ilha Esmeralda a dançar, exultante, e abraçado todos os amigos e familiares do James, decorado os nomes dos donos dos bares, aprendido por sua iniciativa e a sós as regras espinhosas e a história oficial dos dardos, aparecido sem avisar no local de trabalho do James – um escritório de contabilidade –, onde se apresentara a todos os seus colegas, aprendido a conhecer e a circular pela cidade, pelas suas ruas, a conhecer todo o sistema nervoso da cidade e os seus humores, e, graças aos seus rendimentos certos, ou seja, ao dinheiro que os pais lhe transferiam todos os meses para a conta, depressa haviam percebido que poderiam trocar o quarto do James na casa da sua família, em Shantalla, por um apartamento maior na Sea Road, no centro. A mudança tinha sido caótica e interessante, de acordo com o James, o seu irmão havia transportado, no seu pequeno carro, os caixotes, os móveis e os sacos do casal até à casa nova, onde fizeram uma festa de apresentação aos amigos logo na primeira noite, muito antes de qualquer um deles se preocupar em desfazer as malas ou pôr fosse o que fosse em ordem. Mais tarde, o James compreendera que a questão da ordem poderia ser um problema. Acreditara piamente que o apartamento da Niki em Estocolmo estava sempre numa confusão porque era minúsculo, e por estarem sempre a entrar e a sair pessoas, mas agora o cenário era outro. Se, por um lado, o James depressa tirara os seus pertences das malas para os arrumar em gavetas e armários, a Niki deixara as suas coisas em sacos, ou junto aos sacos, empilhadas no chão ou em cadeiras, onde se misturavam com objetos novos que iam comprando, e não demorou mais do que uma semana para que também as coisas do James se perdessem no caos, e ele chegou ao ponto de encontrar uma das suas camisas com as mangas cortadas numa poltrona; além disso, o sofá estava já manchado de comida, café e vinho, e a cozinha transbordava não só de pratos sujos e restos de comida, mas também de livros, papéis, discos, correspondência não aberta e rascunhos de romances. Nas duas primeiras semanas, o James estivera quase sempre de férias e a vida decorrera com normalidade, apesar da confusão instalada. Passavam os dias na cama ou à beira-mar e as noites num *pub*, num restaurante ou na casa de um amigo. Quando o James voltara ao trabalho, a Niki montara uma espécie de escritório na cozinha, e sentava-se à mesa, entre pilhas de livros, onde escrevia à máquina enquanto soltava improperios e atirava para o chão folhas de papel que amassava até formar bolas. Quando chegava do trabalho, o James tinha logo de arrumar a cozinha e de apaziguar a Niki, que estava cada vez mais frustrada. Dizia-lhe que se sentia presa. Clamava, aos gritos, que esperava mais da vida, que não queria levar uma vidinha banal. Fizeram, então, planos para viajar de novo, talvez de volta à América do Sul ou

atravessar os Estados Unidos de carro, mas isso exigia dinheiro e o James tinha de trabalhar. Além disso, a Niki começara a não confiar em alguns dos amigos do James, embora ao início achasse que eram, todos eles, pessoas absolutamente adoráveis. Suspeitava agora que falavam mal dela quando não estava presente, e talvez com razão, já que ela era, sem dúvida, uma ave exótica e tinha uma certa propensão a alterar o ambiente de uma sala com a sua disposição, sufocando todos os outros, a dançar em momentos inoportunos, a mostrar-se mal-humorada em momentos inoportunos e, não menos importante, a sentir-se obrigada a expressar todas as suas emoções, apesar de as achar, ela própria, insuportáveis. As pessoas que se apaixonavam pela Niki apaixonavam-se precisamente pelas características que irritavam os outros, o que obrigava o James a ter de intervir incessantemente como mediador entre as partes. Como todos aqueles que queriam conviver com a Niki, especializara-se na leitura dos seus estados de espírito. Ainda antes de entrar em casa, era capaz de determinar, pelo modo como ela carregava nas teclas da máquina de escrever, se a Niki tinha tido um dia bom ou mau. Discernia o resto pela entoação com que dizia olá, que variava de terna e amorosa num dia, a ofendida e enraivecida no outro, o que, neste caso, mais não era do que o prólogo a uma longa noite de alegações e suspeitas. A Niki estava longe de ser a convidada ideal, já que nada nela tinha a passividade que se esperava de um convidado, e, embora deambulasse diariamente pela biblioteca, falasse com pessoas, aprendesse coisas novas e estivesse a frequentar um curso noturno de irlandês, a vida em seu redor parecia, ainda assim, sufocante. «Podia ter feito melhor, falhei», disse o James, mas os seus amigos, sentados à volta da mesa, protestaram de imediato. «Fizeste tudo o que podias», disseram. «Até fizeste mais do que devias.» Pareciam felizes por a Niki estar momentaneamente fora de cena, embora concordassem que ela era brilhante quando de bom humor. Brilhante e inteligente, educada, culta, dotada de uma bela memória, engraçada, adorável. E tudo acabara precisamente numa das noites em que se mostrara com o melhor dos humores; estavam no *pub* com uns amigos, a jogar dardos e a beber cerveja, e naquele dia ela tinha ido à biblioteca, onde lera alguns poemas de Joseph Plunkett, que tratou então de declamar, e todos eles se sentiam verdadeiros revolucionários e bem-dispostos quando, de repente, alguém se aproximou do grupo e abraçou o James. Tratava-se da Emily, uma mulher do seu passado, e, como ainda não sabia como a Niki reagia perante ex-mulheres e ex-namoradas, o James ignorava que devia tratá-las como material explosivo e, por conseguinte, cometeu o erro de retribuir alegremente o abraço e de a apresentar. A Niki estendeu a mão para a cumprimentar e conseguiu inclusive sorrir-lhe, mas teve de se levantar de imediato para ir ao quarto de banho. Como ainda não tinha voltado à mesa dez minutos depois, o James foi procurá-la. Encontrou-a entre a máquina de cigarros e os cubículos com as retretes: a Niki tinha os braços cruzados e estava furiosa, frustrada, afogueada e ofendida, e começou a gritar com todas as suas forças assim que o viu. O *pub* ficou em silêncio por

um segundo, como se para avaliar qual o grau de loucura em questão, mas logo retomou o ruído habitual. «Foi a discussão mais estranha da minha vida», disse o James, «já que nunca cheguei a saber porque estava fula comigo. Não tinha motivos para se passar daquela maneira.» Olhou para os amigos em redor da mesa. «Fidelidade retroativa», disse, com um sorriso, o homem à sua frente, «talvez estivesse à espera que ainda fosses virgem aos 28 anos.» O sujeito estava a usar um boné de beisebol com a pala virada para trás e levou a cerveja à boca. Os outros riram-se. «Húbris de posse e subjugação total, exigências irracionais de propriedade», comentou o homem ao seu lado. Os outros olharam para ele e anuíram com um aceno de cabeça. O homem prosseguiu: «Uma coisa é ter um pouco de ciúmes de uma ex que aparece toda jeitosa, outra fazer uma cena dessas.» O James olhou para ele, depois para mim. Talvez estivesse a fazer-me uma pergunta com o olhar. «Ou talvez tenha tido apenas medo de ser abandonada», disse eu, «e ficado tolhida por um medo catastrófico e por uma capacidade catastrófica de lidar com esse medo.» Os outros mantiveram-se em silêncio, e um deles levantou-se para ir buscar mais cerveja. A Niki desaparecera nessa mesma noite, pusera algumas coisas numa mala e nunca mais a tinham visto. Desaparecera há quase uma semana. O James não parecia preocupado e não tinha planos de a procurar pela cidade. Isso só pioraria as coisas. Perguntei se faziam ideia de onde ela poderia estar, e o homem com o boné falou-me de uma pensão junto ao rio onde um francês alugava quartos a jovens que andavam a fazer o Interrail e a turistas ocasionais. Abri o mapa sobre a mesa e ele apontou para uma pequena área a sul de um rio. «Porque andas à procura da Niki?», perguntou o James ao analisar o mapa com as linhas que eu traçara e as minhas anotações. «Preciso de entrar em contacto com ela, só isso», respondi. «Não tinha nem a morada nem o número de telefone dela, e também nunca me ligou. Por isso, esta era a única maneira de a procurar.» O homem que se levantara pousou mais cervejas na mesa e eu levantei-me para me ir embora. O James anotou os seus endereço e número de telefone num canto do meu mapa. «Se a encontrares», disse ele, «diz-lhe que... diz-lhe que...», mas não terminou a frase. «Pronto, diz-lhe só olá por mim.»

A pensão junto ao rio era inicialmente um barco habitacional que não obtivera permissão para atracar no cais e que, por conseguinte, fora rebocado para terra, onde também não lhe tinham permitido permanecer, e era por isso que regressara ao rio. O francês proprietário do barco falava um inglês muito contaminado por francês e alugava quatinhos com paredes finas na casa ao lado, que um parente idoso lhe tinha cedido por uns tempos. Os quartos custavam seis libras por noite, preço que parecia incluir o pequeno-almoço, cujos restos não tinham sido recolhidos da mesa, e conversas com o francês, que estava sempre nas áreas comuns e disposto a confraternizar. A Niki estivera alojada ali, num dos maiores quartos, mas tinha-se ido embora na noite anterior à minha visita, porque ela e o francês se tinham desentendido acerca de uma coisa qualquer. Tinha ficado fula e feito as malas e abandonado

o quarto sem fazer *check-out*. Estávamos a conversar no jardim, o francês estava sentado numa cadeira de escritório que tinha arrastado até ao relvado. «Sim, parece ser mesmo ela», disse eu. Ele entrou em casa e subiu uma escada, e eu segui-o. No edifício funcionara outrora uma confeitaria e tinham construído as novas divisões com paredes de gesso. No meio do andar de cima, havia uma cozinha aberta onde alguns hóspedes estavam a beber cerveja e a fumar a uma mesa. A Niki tinha ocupado um quarto no canto do andar, e apercebi-me de que teria provavelmente adorado estar ali, com vistas para a sebe verde, para o jardim e para o rio, e com uma cama grande, uma mesa e um candeeiro de leitura, além de um quarto de banho privado atrás de uma porta no canto. O francês abriu a porta, acendeu a luz e espreitou para dentro. «Parece que se esqueceu disto», disse ele, e pegou num saco que estava pendurado num gancho junto ao lavatório. Era um saco de plástico de um supermercado e tinha no seu interior uma toalha suja, um fato de banho molhado e uma edição de bolso, usada, de *A Filha do Rei do Pântano*, cujas páginas estavam húmidas por terem entrado em contacto com o fato de banho. Levei o saco comigo e prometi alojar-me na pensão do francês se, por qualquer motivo, tivesse de permanecer na cidade. «Se voltares, podes ficar com este quarto», disse ele. «Está bem», disse eu. Nessa noite, telefonei ao James e disse-lhe que encontrara a Niki, embora não totalmente, que quase a vira, mas que ela desaparecera outra vez e que estava a pensar em desistir e voltar para casa. A Niki talvez já tivesse feito o mesmo, talvez estivesse já a caminho de Estocolmo e do seu apartamento no bairro de Atlas. «Não, ainda cá está», disse o James. «Estava aqui no apartamento quando cheguei a casa ontem à noite. Já está tudo bem.» Estava a ligar-lhe da receção do hotel e tinha o telefone no balcão à minha frente. O rececionista estava a escrever num teclado e tinha diante dele um ecrã cuja imagem não parava de estremecer. «Queres falar com ela?» perguntou o James. «Está a tomar banho.» Olhei para o relógio de parede. Sete e meia. «Não, eu passo por aí.» Lembro-me ainda do telefone vermelho, brilhante, de como enrolei um dedo no cordão espiralado entre o auscultador e o corpo do telefone, e de como o rececionista olhou de soslaio na minha direção enquanto bebia um gole de chá. Encontrá-la foi uma conquista, uma vitória, mas só para mim. A Niki esforçara-se ao máximo por não ser encontrada, pois não me enviara um só postal com a sua nova morada nem me deixara um número de telefone. Encarava muito provavelmente a minha busca como uma violação, uma espécie de jogo das escondidas em que uma das participantes não queria brincar e preferia desaparecer.

Tudo terminou com uma discussão na escadaria do prédio, precedida por vinte minutos de convívio com direito a biscoitos e chá na mesa da cozinha. A bronca teve início assim que percebeu o que me levava até ali. Pareceu-me que o rosto se lhe ensombrou por um instante quando lhe comuniquei que a mãe estava gravemente doente, mas pode ter sido apenas imaginação minha. Por um momento, acreditei que a realidade, ou seja, a doença da mãe, superaria de

algum modo o facto de eu a ter traído ao deixar que o pai me recrutasse para a encontrar. Mas enganei-me. «Está na hora de recolheres as tuas merdas e desapareceres da minha vida», disse ela com toda a calma. Em seguida, levantou-se e elevou a voz. «Estou cansada, cansada, cansada.» Fiquei com a sensação de que os deuses emocionais que se escondiam atrás dos seus olhos estavam um pouco confusos. Estava zangada, não cansada. Falámos sueco durante toda a conversa e o James, que só conseguia acompanhar a melodia, pousou uma mão no braço da Niki. Ela sacudiu-o de imediato: «Não me venhas também tu com merdas!», gritou em sueco. Atravessei a sala e dirigi-me ao corredor. A Niki seguiu-me com o James no seu encalço. Era um apartamento agradável, com soalho e molduras de portas pintadas em várias cores e grandes vasos com plantas exuberantes nos cantos. O James e a Niki tinham calçadas meias de lã do mesmo género, ao passo que eu estava a enregelar com as minhas meias finas de algodão. Tive tempo de abrir a porta antes que ela disparasse a sua última salva, que ecoou pela escadaria. Como aquela rutura fazia parte da nossa amizade desde o início e a nossa relação mais não fora do que uma caminhada sobre gelo perigosamente fino, estava o mais preparada possível para tal desenlace. Ainda assim, senti algo romper-se dentro de mim quando vi o rosto distorcido pela raiva da Niki e ouvi as suas últimas palavras. «Nunca foste minha amiga. Sua besta. Sua besta de merda.»

Apanhei o comboio naquela mesma noite e entrei no rés do chão da Sally dois dias depois. Estava na banheira quando a Sally chegou a casa. Enfiou a cabeça pela porta do quarto de banho, disse olá e acenou-me com um saco de cogumelos frescos que havia comprado na Hötorget e uma garrafa de vinho tinto. Quando o vinho acabou, a Sally sacou de uma garrafa de conhaque, que por sua vez se transformou numa bebedeira, e apanhámos um táxi para o centro de Estocolmo, onde dançámos e ficámos insuportáveis. Continuei a adiar a minha conversa com o Johannes, mas acabei por lhe ligar uma semana depois. Tinha a esperança de falar com o atendedor de chamadas, a invenção preferida de quem deseja dar uma explicação abrangente sem ter de responder a eventuais perguntas difíceis, mas ele atendeu-me de imediato. Expliquei-lhe a situação: que a tinha encontrado, mas ela não estava interessada, e que eu talvez pudesse ter-lhe feito um convite mais tentador para a convencer a regressar à casa da sua infância, mas que tinha feito tudo o que podia. «Confesso que não estou a entender», disse ele. «Ela veio. Apanhou o avião no dia seguinte ao vosso encontro e passou dois dias com a Sonja.» Sentei-me numa cadeira e olhei para o jardim por uma das janelas grandes. «Sonja?» O Johannes soltou um suspiro. «A Sonja era a mãe da Carolina. Morreu. Era como se estivesse à espera da Carolina, como se estivesse a aguentar-se até a Carolina chegar a casa.» O Johannes era muito afável, muito sereno, um viúvo que tinha trazido com sucesso uma filha rebelde de volta a casa, mesmo que temporariamente. Quando desfiz as malas, encontrei o saco com a toalha, o fato de banho molhado e o exemplar de *A Filha do Rei do Pântano* no fundo da mala. O livro húmido está na minha

posse desde então, tenho-o na minha estante. Birgitta Trotzig goza de ocasionais ondas de atenção por parte dos leitores, e, quando a mencionam, lembro-me sempre do apartamento e da cozinha onde a Niki se levantou e gritou para que todos se calassem enquanto lia em voz alta *A Filha do Rei do Pântano*, uma Niki já sozinha na sua visão do mundo, mas ainda cheia de convicções e ardor. Senti sempre uma estranha relutância em emprestar este livro em particular.

3

ALEJANDRO



Houve um furacão precisamente quando queria que houvesse um furacão. Ansiava por me sentir arrebatada, por me ver obcecada com alguma coisa, e coube-me a sorte de ter exatamente o que pedira, o azar de receber tudo o que julgava que queria, mas não queria, e a sorte e o azar de ver atendido o meu pedido de viver um amor intenso. Aconteceu menos de quatro meses antes da viragem do milénio, e eu estava deitada de barriga na cama, ao lado do Kristian, no nosso apartamento em Årsta, a ouvir a sua pequena campanha a favor de um bebé em que o sexo entre nós culminara. Ele trabalhava como secretário de um partido com assento parlamentar e escrevia artigos de opinião, discursos, respostas a cartas de «cidadãos descontentes», moções, comunicados de imprensa e artigos de blogue para deputados, o que significava que era um homem de campanhas e opiniões – de opiniões próprias e de outras pessoas, de opiniões do futuro, de opiniões que as pessoas ainda não sabiam que iriam ter muito em breve. As opiniões eram a matéria-prima do seu ofício, o solo de onde as palavras brotavam. Hoje em dia, é diretor de informação de uma organização ambiental. Às vezes cruza-me com ele em eventos (temos conhecidos mútuos), mas, sempre que me vê, limita-se a saudar-me com um aceno de cabeça e logo desvia o olhar, como se para realçar que a ferida permanece aberta. Estava em plena campanha para fazermos um bebé («ou dois, ou três, ou cinco») com uma mão nas minhas costas, o nariz no meu cabelo, e a ajuda preciosa das fantasias que acometem basicamente qualquer pessoa que ouça os nomes de futuros filhos imaginários: Dante, Max, Wilmer, Maya, Nelson, Lova, Miranda, Berit, Margareta, Julia, Bassian, Bella, o que, pese embora pudesse parecer um jogo (Johnny, Conny, Sonny, Ronny) equivalia, na verdade, à tacinha com caramelos que os lobistas disponibilizam num *stand* de uma feira de negócios, onde é tão fácil pararmos por um momento, deixarmo-nos lisonjear, entabular conversar e gracejar, e foi assim que deixei escapar que o meu nome preferido era Frank e, bem, também adorava Billy, o que o fez rir à gargalhada. Não tardámos a abordar

frontalmente a questão e, de repente, quando dei por ela, já tínhamos chegado a um acordo. A partir daí, senti-me substituível, um pouco como as suas opiniões, colegas de trabalho e empregadores – como uma engrenagem ou um acessório no grande sistema que ele servia tão escrupulosamente com as suas calças de ganga e os seus *blazers* de marca, um sistema exaustivamente analisado nos grossos volumes que forravam as suas estantes. No entanto, quando se decidiu a tatuar o meu nome no braço, para assim provar o contrário, eu estava de partida, porque nessa altura já tinha feito sexo com o Alejandro no banco de trás de um táxi em Vaxholm, por isso, em retrospectiva, é difícil dizer qual de nós era, afinal, substituível.

O Alejandro não fora convidado a juntar-se aos Zomby Woof porque não sabia tocar nenhum instrumento, mas reza a lenda que a banda se sentiu completa pela primeira vez na noite em que ele, por impulso, subiu ao palco e começou a dançar ao som da música. A dada altura, alguém lhe pôs uma pandeireta nas mãos, mas quem viu o Alejandro em palco esqueceu-se de imediato do instrumento que estava a tocar. Era hipnotizante, não se conseguia tirar os olhos dele, e mexia-se com tanta dedicação que não se pode dizer que dançasse, porque aquilo era mais do que «dançar» – era mais como se entregasse o corpo à música, oferecendo ao ritmo uma forma física sem desvios ou interlúdios. Os seus gestos *eram* música de uma forma que eu nunca tinha experienciado, e que ele descreveu, depois de termos começado a namorar e por referência às pedradas com alucinogénios, durante as quais tinha percebido que o som e a matéria são basicamente a mesma coisa, que a música tem uma arquitetura e vice-versa, e que os nossos sentidos, se permitirmos que se misturem livremente, são capazes de nos dar muito mais informação do que imaginamos. Mais tarde, descobri que consumia muitas drogas, e algumas delas eram-me inclusive totalmente desconhecidas. Vi-o pela primeira vez no Fasching, a banda estava prestes a começar a tocar quando entrámos no bar, ele estava a falar com alguém e tinha um pé pousado num amplificador, mas virou a cabeça e viu o nosso grupo sentar-se a uma mesa, e foi então que os nossos olhos se cruzaram. Eu estava com a Sally e outras pessoas, tínhamos saído sem destino definido, em busca apenas de música e cerveja, e fomos parar àquele clube de *jazz*, muito conhecido e repleto de fumo, que se situava entre o centro da cidade e Kungsholmen. Os outros – incluindo a Sally – saíram cerca de uma hora depois, porque queriam ir a outro sítio, mas eu continuei lá sentada, como se estivesse fisicamente incapacitada de me deslocar. Ele estava a usar sapatilhas vermelhas de lona, calças pretas justas, e uma camisa branca que desabotoou depois para revelar, por baixo, uma camisola branca, e tinha o cabelo apanhado num rabo de cavalo, e, quando uma canção terminava, eu só queria que a próxima tivesse início o mais depressa possível. Era tudo o que eu queria na vida. Por favor, mais uma canção, só mais uma canção com ele. Os Zomby Woof tocavam um eletrojazz rítmico e estranho com dois percussionistas, além da bateria, a que juntavam piano, sintetizador, contrabaixo e um trompetista que de vez em

quando se levantava de uma cadeira à beira do palco e sacava um solo. E depois havia o Alejandro, uma espécie de *frontman*, o rosto do único disco da banda, embora mal tivesse estado presente durante a gravação do álbum, que foi lançado em CD e vendeu um total de duzentos exemplares, o que diz logo tudo o que é preciso saber: a música era visual, improvisada, composta no momento e com o tipo de energia e de ambiente que só se encontra perante uma plateia ao vivo. Os músicos da banda eram profissionais e estavam totalmente ocupados com outros projetos, de maneira que os Zomby Woof raramente ensaiavam; tocavam de ouvido e de modo improvisado, reunindo-se com uma hora de antecedência para tomar um café e decidir qual a canção com que começariam o concerto. Era só isso, o resto desenvolvia-se conforme a atmosfera do local de espetáculo, e a dança do Alejandro apontava o caminho a seguir ao longo do concerto. Enquanto tocavam a música, ele parecia concentradíssimo e fechado sobre ele mesmo, mas nos interlúdios vagueava ociosamente pelo palco, bebia água de uma jarra, dizia algumas palavras em inglês, espanhol ou sueco ao microfone, agradecia os aplausos, apresentava a próxima faixa e os membros da banda, ou comunicava onde teriam o próximo espetáculo. Pareceu-me que olhava para mim em certas ocasiões, enquanto falava, o que provavelmente devo ter atribuído à minha imaginação, a menos, é claro, que estivesse apenas a imaginar que estava a imaginar, o que se revelou ser o caso, porque, antes de tocarem uma das últimas canções, ele disse «*this is for the lonely lady in black*» e apontou para mim. Levantei a mão e acenei-lhe um pouco em resposta. A nossa relação tinha começado.

Eu e a Sally saíamos muitas vezes assim, *saíamos simplesmente*, só nós as duas ou depois de ligarmos a alguns conhecidos que se nos juntavam ao longo da noite, e o que procurávamos não era a cerveja nem a música nem conversar com todos os desconhecidos com quem estávamos sempre a cruzar-nos, mas sentir uma liberdade especial, e, se fôssemos pessoas diferentes num outro lugar, talvez tivéssemos ido à pesca em busca da mesma sensação, ou mergulhado nuas no mar para depois nos sentarmos lado a lado num rochedo a observar o horizonte. Alguns anos antes, o pai da Sally tinha desaparecido num barco à vela no oceano Pacífico e durante mais ou menos um ano, quando estava desaparecido, mas ainda havia possibilidade de estar vivo algures, íamos com frequência a diferentes bares e restaurantes e ponderávamos a hipótese de ainda o encontrarem com vida. Não há melhor sítio para acalantar a esperança do que um bar ou um restaurante, sobretudo quando a esperança é pouca. No fim desse ano de incerteza, tornou-se impossível à Sally estar a sós, sentar-se em casa com o mapa aberto e pensar em ventos marítimos e em como mudam repentinamente junto ao mar das Filipinas, nas correntes que fazem um ângulo reto com a direção do vento e que, por isso, empurram um barco para norte quando o vento está de oeste, e nos remoinhos oceânicos subtropicais que existem aí, pouco a norte do equador. Não fazia vento no Fyra Knop, nem no Fenix nem no Indigo, onde

costumávamos comer sopa à mesa junto à janela, e fomos até lá quando encontraram o corpo e o trasladaram para a Suécia, e foi também lá que nos juntámos após o funeral. Conheci o Alejandro numa quarta-feira à noite. Tinha deixado o Kristian na cama e ido de bicicleta, por entre a chuva miúda, até à casa da Sally, onde bebemos chá e vinho e telefonámos a várias pessoas. Naquela altura, algumas pessoas já tinham telemóvel, mas outras não. Algumas tinham atendedores de chamadas em casa e ouviam as mensagens mais tarde. Outras tinham telemóvel de serviço e usavam-no para fazer chamadas pessoais sem que o patrão soubesse. Alguém tinha ainda um antigo *pager* que apitava e piscava uma luz. A Sally tinha vendido a moradia do pai em Lidingö alguns anos antes e comprado um apartamento na Malmgårdsvägen, que tinha espaço para uma pequena oficina onde ela forrava móveis a pessoas que queriam dar uma nova vida aos seus antigos sofás, poltronas e cadeiras. Estava sentada num banco descorado e com pregos afiados em volta do assento, um projeto em curso. A Sally estava a usar umas calças de carpinteiro manchadas de tinta e cola, mas iria mudar de roupa em breve. No início da nossa amizade, exploráramos a possibilidade de estarmos apaixonadas uma pela outra, mas esses sentimentos depressa tinham desaparecido e dado lugar a algo muito mais duradouro – a uma conversa de muitos anos que se movimentava em círculos e nunca terminava, a um amor verdadeiro sem posse, a um pacto de união perante todas as circunstâncias novas nas nossas respetivas vidas. Éramos amigas há anos, e tinha-me sentado muitas vezes no sofá dela para chorar, os sofás iam mudando, mas eu chorava quase sempre o mesmo, e também me tinha rido, estado apaixonada, sido má, ciumenta e um fracasso, e assim tínhamos acabado por misturar as nossas vidas como se fosse a coisa mais natural do mundo, com uma promessa tácita e mútua de proteção, e, se eu pudesse levar uma só pessoa para uma ilha deserta, seria ela, e por aí adiante. Estávamos sentadas à mesa da cozinha e a Sally estava a ler, no jornal, a agenda com recomendações de eventos e concertos. «*Bambujazz. bizarro com uma dança surpresa. O que achas?*» Entregou-me o jornal, foi ao seu quarto e regressou com o que me pareceu ser um vestido de verão. «Já estamos quase em outubro», disse eu. A Sally encolheu os ombros e apontou para mim. «E tu, como é habitual, vais a um enterro?» Saímos do apartamento, apanhámos o autocarro, e encontrámos outras pessoas conhecidas na fila para entrar no Fasching. Eram oito horas e a minha vida seguiria um novo rumo poucas horas depois, quando eu, sem qualquer hesitação, bati à porta da sala fumarenta onde todos os membros dos Zomby Woof tinham entrado após o concerto, e é por isso que recordo tudo o que aconteceu nas horas que antecederam esta rutura com extrema minúcia, incluindo o asfalto húmido da Kungsbron, o grupo de jovens diante do Burger King na esquina com a Vasagatan, a Sally a puxar com os dentes a antena do telemóvel antes de telefonar a alguém e dizer «foda-se, agora vamos entrar», porque estava cheia de frio com o seu vestidinho de verão e um casaco fino, e todos estes detalhes parecem-me agora, em retrospectiva,

banais e ingénuos, e eu muito inocente e distraída, como se já não me restassem momentos determinantes na vida, nenhuma decisão crucial a tomar, como se já não tivesse de enfrentar, na minha existência, algo que me pudesse eventualmente queimar.

Até essa noite, pensava que as pessoas são, no fundo, seres racionais, que o seu comportamento é em geral motivado por cálculos, sejam eles simples ou complexos, conscientes ou errados ou infundamentados, mas, ainda assim, cálculos, e que têm em si um objetivo, que pretendem ganhar algo, obter vantagens, seja o seu objetivo a felicidade, o prazer, ou quiçá a alegria – uma espécie de vontade que o ser humano está de certo modo condenado a seguir porque é fundamentalmente inteligente, porque quer o melhor para si e por vezes também o melhor para os seus semelhantes. Porém, quando bati àquela porta e vi os meus dedos, que tinham a pele seca por ser outono mas estavam quentes por me encontrar naquele ambiente, junto ao papel onde estava escrito à mão *Backstage + Crew*, percebi que estava errada, e que os cálculos são algo que associamos posteriormente aos nossos impulsos, aos cães selvagens e raivosos que orientam de facto a nossa vida. Ao longo dos anos, e onde quer que estivesse – sentada nos sofás e nas poltronas da Sally, no telhado do prédio da Niki, nos refeitórios de diversos locais de trabalho, nos cafés da universidade, e em muitos outros sítios –, mostrara-me sempre uma verdadeira defensora da razão. A Niki costumava dizer que «a história comprova que o ser humano é completamente louco», mas eu discordava dela e alegava que a história demonstra, pelo contrário, que o homem é racional e tem bom senso, e que até tem boas intenções. Estas discussões eram teóricas e generalistas, talvez banais, mas acreditar que o ser humano era racional ajudava-me a lidar com a minha própria vida. Fazia-me bem. Fazia-me sentir plena. Mantinha-me afastada do submundo. No dia que se seguiu ao concerto dos Zomby Woof no Fasching, quis telefonar à Niki e a todos os outros e dar-lhes razão. No metro, a caminho do trabalho (editava manuais escolares para uma editora em Solna), observei os rostos dos desconhecidos à minha volta e vi pela primeira vez aquilo a que um investigador do caos chamou *conjuntos de variáveis imprevisíveis*, que é, no fundo, uma espécie de loucura selvagem e intemporal que subsiste rente à pele em cada um de nós. Presumi que esta loucura tivesse estado sempre presente em mim, sem que, contudo, a visse. Não acontecera nada na noite anterior – «acontecera» –, mas quando entrara na sala, depois de abrir a porta, o Alejandro parecia estar à minha espera, e algumas horas depois despedíamo-nos com um entendimento mútuo que nenhum dos dois sentiu necessidade de expressar por palavras. A família do lado da sua mãe tinha sido massacrada em Sobibor, o seu pai tinha estado aprisionado no Estádio Chile, juntamente com Victor Jara, em setembro de 1973, e ele tinha frequentado a Academia de Ballet da Suécia e trabalhado numa companhia de dança britânica, mas a dança estava-lhe no corpo desde que se lembrava de ser gente: guardei na memória tudo o que o Alejandro me contou, as *informações*

que me deu, para poder transmiti-las à Sally e a outros que me inquirissem, e talvez a mim mesma, numa qualquer futura ocasião, mas estas *informações* eram apenas um invólucro e estavam longe de ser os *detalhes* que me fizeram despertar na manhã seguinte com o coração aos pulos, ao lado do Kristian e dos seus livros volumosos na mesinha de cabeceira, todos eles com palavras como *organizing* e *globalization* nos títulos. Uma vidinha organizada. Nessa noite, sentei-me no sofá da Sally. Era um sofá antigo e macio de um cliente que não o fora levantar, um sofá revestido com um novo tecido vermelho com flores roxas sem correspondência com a realidade – eram apenas *flores*, uma recriação humana apenas possível com a liberdade que os artistas têm para com a natureza, que consiste em observá-la e, no entanto, decidir criar algo diferente. Bebemos chá e comemos tostas de queijo com mostarda. «Com o Victor Jara?» Anuí com um aceno de cabeça. «Em Sobibor?» Anuí com novo aceno de cabeça. «E de que é que vocês falaram durante três horas?» Eu e a Sally estávamos sentadas lado a lado diante da comprida mesinha de apoio. Junto aos pratos estava um filme, *Happiness*, ainda na caixa, mas decidimos esperar e não o inserir de imediato no leitor de cassetes. As nossas noites de cinema em casa terminavam amiúde assim, sem que víssemos o filme. Encolhi os ombros. Para ser sincera, não sabia de que tinha falado com o Alejandro, porque me limitara a inalá-lo, e guardava ainda dentro de mim a sua dança, o modo como se mexera, as sapatilhas vermelhas que se deslocavam com tanta agilidade sobre o piso, as pregas de pele em volta das comissuras da sua boca, que se expandiam em vários parênteses quando se ria, e a sua maneira de se expressar com uma torrente de frases desordenadas e associações e perguntas, numa amálgama a que o Kristian costumava designar condescendentemente como *beside the point*. Dali em diante, talvez tudo tivesse lugar ali mesmo. Talvez não existisse nenhum sítio onde preferisse estar, e talvez sonhasse em permanecer ali, nos detalhes próximos a toda aquela *informação*, a toda aquela superfície. Queria apenas mergulhar no Alejandro, em nós, sem saber o que encontraria no fundo, e quando pensava nas suas mãos, em como tinham desfeito e feito o rabo de cavalo, toda eu estremecia, como se a existência daquelas mãos me abalasse, como se me afetasse o simples facto de aquelas mãos lhe pertencerem e seguirem as ordens do seu cérebro, como se me perturbasse saber que todo ele vivera e circulara pela cidade sem que eu o soubesse, e que, a qualquer dado momento, estava numa qualquer rua ou em casa, que existia e se encontrava algures por ali, e que tudo isso pudera acontecer sem que pudesse contrariá-lo. Queria, acima de tudo, tal qual acontecera centenas de vezes antes, pôr o filme a dar, adormecer e acordar, sob a manta com que a Sally me cobriria, a tempo de ler os créditos finais. Sentia-me doente, febril, como se me houvessem remexido as vísceras e os órgãos se tivessem alojado em sítios diferentes e os meus pensamentos tivessem sido substituídos por outros que me eram alheios. A minha relação comigo, com aquele «eu», parecia-me estranhamente difusa, como se a mais ínfima palpação pudesse soltar as amarras da minha vida e

libertá-la em pleno espaço sideral. A Sally pegou na cassete e leu, sem entusiasmo, a sinopse na parte de trás da caixa. «Quando voltam a ver-se?» Pousou a cassete na mesa. «Não sei», respondi. Soltou uma risadinha e foi buscar os nossos pratos à cozinha, onde deambulou por algum tempo antes de regressar com um bule de chá acabado de fazer. Em seguida, agachou-se defronte do aparelho de vídeo, inseriu a cassete e sentou-se no sofá com um comando em cada mão. Passou à frente de um *trailer* promocional, fez pausa durante a apresentação dos créditos iniciais, e voltou-se para mim. «Sábado», disse eu.

Todos os meus conhecidos se recordam da época que antecedeu a viragem do milénio com um certo embaraço, porque a excitação generalizada pareceu, após a consumação do facto, despropositada, irracional, e até tonta. Foi um impulso coletivo, como um movimento popular global, mas ninguém conseguiu defini-lo com profundidade, associando-o a um mero «passar do tempo». Os números pareciam mágicos e *foram* mágicos, mas apenas tanto quanto os números podem sê-lo. A histeria mundial terá porventura tido a sua origem em todos aqueles zeros e na esperança de que estes assinalassem a chegada de um fogo purificador, ou na crença de que um número tão redondo e perfeito quanto 2000 teria necessariamente de provar alguma coisa, como se fosse um triunfo por si só, uma prova de que o homem era dono e senhor do tempo e não o contrário. Fizeram-se listas, milhares de listas acerca do século, do milénio, talvez como uma forma de os recordar, mas acima de tudo para que nos livrássemos do passado com a esperança de que este desaparecesse se extensivamente categorizado. Nas minhas infância e adolescência, o novo milénio era um farol num futuro distante, um sítio com um *dois* cintilante e três *zeros* fantásticos, onde eu seria adulta e viveria sem dúvidas nem hesitações. No decorrer dos anos, e desde o início da década de oitenta, fizera planos com muitas pessoas para passarmos juntos a meia-noite que assinalaria a entrada no novo milénio: encontrar-me-ia com a Katarina e a Anette nos campos de futebol na Dejegan, com o Jimmy Pihl na Praça de Brandeburgo, com a Laura e três outros americanos cujos nomes esqueci em Cabo Comorim e, é claro, com o Danne no Kvarnen – todos eles pactos selados num estado temporário de exaltação ou sob o efeito de drogas, numa espécie de arrogância para com a passagem do tempo. Quando chegou o dia fatídico, não tinha qualquer intenção de aparecer em nenhum dos sítios combinados, e duvido que qualquer outra pessoa pensasse sequer fazê-lo, exceto, quem sabe, o Danne, com quem me cruzava amiúde no quarteirão do Kvarnen e com quem por vezes conversava. O Danne parecia passar a maior parte do tempo embriagado ou de ressaca, usava um cachecol verde e branco em dias de jogo de futebol, e garantia-me que o preço do haxixe afegão era tão sensível à inflação quanto o do Big Mac. Tínhamos seguido caminhos diferentes na vida, mas parecíamos fazer percursos semelhantes na cidade, e, quando nos cruzávamos, sentia um ligeiro desconforto no estômago, mais ou menos na área do esterno ou onde quer que estivessem localizadas as minhas formas de

vida alternativas, a noção de que podia ter acabado como ele, com o preço do haxixe e os jogos da equipa local como maiores preocupações existenciais. Mas depois reparava que olhava para mim com uma compaixão em tudo similar à minha, que não via como particularmente apelativas as minhas maturidade complacente, carreira estagnada, relações de pouca dura e mudanças constantes de casa. E nem sequer tinha filhos. O Danne tinha três filhos, todos eles de mulheres diferentes, de três «mulheres pérfidas», mas não parecia especialmente envolvido em qualquer tipo de relação familiar e, tanto quanto me era dado perceber, também não tinha um emprego fixo. Via os filhos de vez em quando, ia a Roskilde ou a outro festival quando tinha dinheiro para isso, sentia-se «bem como o caralho com a vida», e o novo milénio não o apoquentava de todo. «O tempo está só aqui dentro», dizia ele, e batucava na cabeça com um dedo, «não há motivo para nos preocuparmos.» Da minha parte, ansiara pelo novo milénio quando este ainda era uma realidade distante, como um presente maravilhoso ainda envolto em papel de embrulho mas, quanto mais nos aproximávamos da viragem do século, mais ridículas me pareciam as minhas ilusões acerca de ser uma mulher «adulta» aquando dessa data simbólica. No fundo, era bem provável que todos nós partilhássemos essa sensação, ou seja, que a prenda não era de facto uma prenda, mas tão-só um dia banalíssimo nas nossas vidas – um dia que chegaria e decorreria tal qual os outros. Alguma da expectativa tinha origem no receio de que um *bug* afetasse todos os computadores do mundo e espalhasse o caos informático, gerando toda uma série de desgraças, ao passo que havia também quem falasse de uma invasão espacial programada para a data, mas a grande maioria queria apenas festejar à brava e participar na derradeira festa, a festa das festas, e dizer às gerações vindouras que a festa do milénio tinha sido uma loucura e, mesmo que isso não correspondesse à verdade, diriam, todavia, que a festa tinha sido a loucura das loucuras. A Sally tinha um *pin* com um «1900» rodeado por um coração, o único *pin* com uma mensagem que alguma vez a vi usar, e começara, no entanto, a experimentar vestidos para a ocasião. O filme terminara, tinha adormecido a meio e acordado quando dos créditos finais, e a Sally esperava que eu, sentada com uma caneca de chá frio nas mãos, emitisse o meu parecer: preto ou vermelho, comprido ou curto, informal ou de gala? De acordo com o nosso plano, teríamos tempo de ir a três eventos na noite de passagem de ano: a uma festa pré-Ano Novo com jantar incluído; a uma festa à meia-noite; e a uma festa no pós-passagem de ano. «Três festas, três vestidos», disse a Sally. Teríamos o jantar a nosso cargo. Nos últimos dias, a Sally vasculhara as lojas de artigos em segunda mão da cidade e comprara uma pilha de vestidos que estava então a exhibir-me. Eu era o seu público. A Sally adorava roupa e tinha várias centenas de peças de indumentária. Em certas noites, mudava tanto de roupa que acabávamos por não sair, ficávamos em casa e entretínhamo-nos com as roupas e com charadas, ou com as roupas e a ler uma para a outra (*A Hora do Cão*, de Kristina Lugn, *A Paz Doméstica*, de Sonja Åkesson), ou com as roupas e uns

copos de vinho. A Sally nunca tinha relações sérias, mas apenas *amantes* que apareciam e desapareciam, ou melhor, que apareciam e eram escorraçados, por norma tão depressa que não chegavam a ter tempo de iniciar um mero namorico. Para ela, não passava de um jogo, ou pelo menos fingia que era um jogo, uma brincadeira, uma farsa íntima que se desenrolava entre as quatro paredes do seu quarto e na qual se esquecia dos nomes dos homens e se ria das suas tentativas patéticas de a aprisionar. Gostaria, *em teoria*, de, no futuro, partilhar a sua vida com outra pessoa. Isto, claro, se encontrasse a pessoa certa. Porém, quando a pessoa certa – um homem solteiro da idade dela, com uma personalidade agradável e que ela considerava atraente – parecia finalmente ter aparecido, ela descobria que, no fim de contas, ainda não era a pessoa certa. Poder-se-ia designá-la como «esquisitinha», mas ela não tinha nada de esquisita na sua abordagem, pois não discriminava nem era picuinhas ou sequer escrupulosa, e a verdade é que não repelia os homens assim que se instalavam em sua casa e cautelosamente pousavam a escova de dentes no lavatório por efeito de uma qualquer característica sua, mas porque havia um vazio onde essa característica se devia encontrar – se é que podemos apelidar a *confiança* de característica –, porque a Sally entrava em pânico assim que estava prestes a apegar-se a alguém. Ela chamava-lhe «ficar presa a alguém», ao passo que eu lhe chamava «apegar-se a alguém». A distância entre estes dois conceitos – a distância que separava o seu medo de «ficar presa a alguém» da minha tendência para me «apegar a alguém» – era como que uma pedra basilar das nossas conversas. O seu amante na época era uma aposta certa, porque o Robert estava quase a regressar a Telavive e aos seus estudos de Medicina ou Química (nunca se lembrava de qual era o curso), e talvez lhe escrevesse um ou dois *e-mails* ardentes antes de desistir. Quando lhe perguntei se tencionava visitá-lo, limitou-se a franzir o cenho. A confiança é apenas uma palavra quando não a sentimos no corpo. Assim que desponta e se enraíza, a confiança funde-se com o resto e adquire um outro nome. Johanna, Hägersten, pai, Atlas, Farsta. Para mim, *apegar-me a alguém* equivalia a desenhar tatuagens no corpo, a fim de assim conservar todos os detalhes intactos. Todas as pessoas que amara e de quem gostara permaneciam comigo. Vi a Sally pendurar em cruzetas os vestidos que já tinha experimentado e transportar uma pilha deles para o guarda-roupa. Tinha escolhido três vestidos e deixado outros três de reserva. *Ficar presa a alguém* – talvez tudo se resumisse ao vestido certo e ao tipo certo de bebedeira ou pedrada, a encontrar a pessoa certa no momento certo, quando as fronteiras estivessem suficientemente abertas para permitir que a confiança se enraizasse, como aquele ovo indestrutível de mármore que explodiria apenas se o atingissem no momento certo, no momento mágico.

No sábado que se seguiu, os Zomby Woof tocaram em Vaxholm, num sítio com um alpendre de vidro voltado para o cais. Eram a segunda das quatro bandas do alinhamento e saíram do palco pouco antes das nove, quando o Alejandro abriu caminho até à minha mesa, junto à janela. Estava

sozinha, sóbria, alerta, como se o resto da minha vida dependesse daquele momento, e tentei alcançar um estado de vigilância que excedia o simples facto de estar acordada e se aproximava mais de uma espécie de tensão absoluta com total abertura dos sentidos. Sentia-me desprovida de toda a história, como se não tivesse passado e viesse de nenhures, como se o século xx não tivesse decorrido em mim por já trinta anos e não estivesse prestes a terminar, e quando, algumas horas depois, nos levantámos, não nos tocáramos mais do que isto: a dado momento, o Alejandro acariciara-me as costas da mão com o indicador. Tocou-me com uns meros cinco centímetros de pele e por uma fração de segundos, mas ainda hoje, mais de vinte anos depois, me lembro de como este toque simples me afetou, de como, de repente, as minhas artérias e veias pareceram não sustar todo o meu sangue, de como o meu corpo parecia já não conter, no seu interior, toda a minha vida, como se esta mesma vida tivesse transbordado do seu sustentáculo físico, pespegando-se a tudo o resto, e senti tudo isto logo no táxi, de regresso a casa, e depois, por várias horas, no apartamento de duas assoalhadas do Alejandro, situado em Örsberg e mobilado com uma cama estreita, encostada a um canto, onde as nossas gargalhadas cessaram bruscamente para dar lugar a uma seriedade tão exigente que me assustou, porque a situação que tinha em mãos já não se limitava a uma questão de prazer, incidindo, ao invés, em algo mais fundamental, que me permitia aceder a um quarto espaçoso dentro de mim onde tudo – a minha infância, as minhas pessoas, as ligações entre todas as coisas – me estava imediatamente disponível. O «desejo» pareceu ser com efeito «desejo» até me afundar nele e lá permanecer. Surgiu, então, um outro tipo de desejo, um acordo sobre uma magia temporária, quando sítios em nós que não conseguiam tocar no outro tocaram, de facto, no outro. Como foi bom ser autêntica no meio daquele ato, sem um único pensamento em mente, sem imitar o que quer que fosse, e assim destruir, uma vez mais, a minha vida em paz e sossego, sem que ninguém me incomodasse. Mantinha-me muito próxima de mim em situações destas, no limite, pelo que foi surpreendente encontrá-lo ali, na minha própria carne, nos meus ossos e sangue, para mais tendo em conta que era introvertida, sim, foi com admiração que o encontrei ali, como se sempre tivéssemos esperado um pelo outro e pela transpiração e pelas chamas que tão depressa se tornaram nossas.

Na manhã seguinte, ele acordou muito antes de mim para «tratar de umas coisas» no centro da cidade, mas deitou-se ao meu lado quando acordei, e saí dos meus sonhos sem ver a fronteira onde estes terminavam e o dia começava, ou a fronteira onde «eu» começava. Ainda é assim que recordo o Alejandro, deitado, muito quieto, com a cabeça na almofada e o rosto tão perto do meu que os seus olhos pretos pareciam dois pontos em que me podia concentrar e afundar. Já tive uma boa dose de magia na minha vida, sobretudo ao conhecer outras pessoas. Existe algo aí, e *apenas* aí. Não consigo ser mais específica do que isto; penso apenas que é em nós que devemos procurar o que procuramos, que os nossos olhos são os pontos negros de outra pessoa,

pontos que lhe permitem aceder a algo ou sair de algum lugar.

«É um tipo complicado», disse a Sally uma semana depois, fletindo o indicador e o dedo médio de cada mão ao dizer a palavra «complicado», num trejeito adolescente que algumas pessoas nunca perdem. Hoje em dia, aquele «complicado» talvez pudesse situá-lo num espectro médico, mas estávamos no último outubro antes da viragem do milénio. A Sally ajudou-me a mudar-me de Årsta. O Kristian atirou as últimas coisas pela janela: um caixote com roupas, a que se seguiram, uma após outra, as cruzetas. Quando percebi que estava a tentar atingir-me com elas, encostei-me à parede e esperei por o ouvir fechar a janela. Transporteí os caixotes até ao escritório que a Sally tinha no sótão e arrastei um colchão para a sua oficina. «Um tipo complicado», disse ela, e não estava a referir-se às drogas, mas à forma como aparecia e desaparecia, pois era capaz de desaparecer e de telefonar de outra cidade dois dias depois, e de aparecer muito depois da hora combinada, ou muito antes, ou de nem sequer aparecer. Vivia sem planos e promessas e sem nenhuma ideia de futuro, receava «o terrorismo do dia a dia», e, como eu, por meu lado, estava tão irremediavelmente presa a esse dia a dia, às horas meticulosas que passam por nós com cuidado, aos planos detalhados do milagre doloroso, o fim da história era já bem visível desde o início, uma premissa dada de antemão. Terminar fazia parte da sua própria natureza, um pouco como uma estação do ano, e acho que era precisamente isso que nos fazia arder em conjunto. «Tínhamos vidas diferentes, só isso», era essa a minha resposta padrão a quem me perguntava o que tinha acontecido entre nós, embora «vidas diferentes» fosse um eufemismo e «só isso» uma mentira descarada. Ele era um tipo complicado num mundo simplificado, sempre em movimento e dado a extremos, e eu costumava acrescentar que «nunca teria funcionado a longo prazo», o que correspondia, é certo, a uma mera suposição, mas acima de tudo a uma tentativa de me reconfortar.

Na noite de passagem de ano, a Sally começou por usar um vestido azul e comprido, debruado com uma estreita faixa dourada e com uma abertura ousada num dos lados. A abertura também estava abainhada a dourado e formava um chamativo V virado do avesso – um detalhe que, juntamente com os seus pomos do rosto salientes e as suas gargalhadas frequentes e ruidosas, definiu o tom do jantar e da restante noite. A Sally era mais entroncada do que eu, e acima de tudo mais alta, mas emprestara-me um vestido preto que ajustara para me servir. Assentava-me na perfeição. Esmerava-se em tudo e tinha um cuidado extremo com todos os objetos; quando chegava a uma festa, percebia logo se ela lá estava ou não, porque pousava sempre os sapatos de forma muito apurada na sapateira ou num canto, ao lado do amontoado de sapatos de que todos os outros se desenvencilhavam conforme calhava. As suas mãos e os seus movimentos tinham em si um prazer inerente, uma ternura para com os objetos, que por seu lado pareciam ganhar vida com o seu toque. Confessou-me num fio de voz que achava feia a máquina de gaseificação de bebidas que um cliente lhe oferecera, para que a máquina não

a ouvisse e se sentisse ofendida, e, quando a pôs num armário onde já guardava uma cafeteira de plástico, um micro-ondas e outros apetrechos de cozinha esteticamente pouco apelativos, fê-lo com o mesmo cuidado e a mesma devoção metódica com que reparava móveis e embelezava a camp do pai, ou seja, com um respeito constante por todos os detalhes da existência física. O jantar foi em casa dela; sentou cerca de uma dezena de convidados a uma mesa comprida na sala de estar, ao lado da qual colocou uma mesa de apoio com garrafas de vinho e espumante. Os convidados fumavam preferencialmente debaixo da ventoinha e no patamar das escadas, o prato principal (salmão no forno) atrasou-se e a sobremesa (sorvete) foi comida à pressa, porque tínhamos de seguir para o próximo ponto de encontro. A Sally sentou-se numa cadeira da cozinha com uma cigarrilha na boca e um pé na mesa. A abertura do vestido deixava-lhe toda a perna à mostra. Em breve, iria mudar de roupa no quarto. Soprou o fumo na direção de uma janela aberta. «Para ser sincera, só tenho três desejos para a próxima década», disse ela. «Para mim, é claro.» Eu estava mais sóbria do que ela e a tentar levantar a mesa antes de sairmos, e já tinha empilhado pratos e talheres no lava-loiça, pondo os copos de vinho na bancada e as garrafas vazias em sacos de plástico. Tínhamos planeado o jantar tendo em perspetiva que nos recordaríamos para sempre dos rostos em volta da mesa, que a solenidade da ocasião bastaria para tornar a noite e as conversas memoráveis, mas, em retrospectiva, recordo-me apenas de algumas pessoas que lá estiveram, como o Jack, o irmão da Sally, que morava em Nova Iorque, e da sua namorada na altura, a Beth, que passou todo o jantar a mandar-me olhares e que, mais tarde, nessa noite, me tentou beijar na pista de dança do Södra Teatern, e do Markus, o amigo de infância da Sally que já na altura era um encenador famoso, e do Paul, que se sentou à frente dele e fez questão de fingir que não sabia quem era o Markus. Tínhamos todo o século xx atrás de nós e um milénio desconhecido, prestes a começar, pela frente, era uma rutura gigantesca, e, no entanto, éramos vítimas de sentimentos mesquinhos, sim, lembro-me do Paul, que disse: «Como é que te chamas, mesmo? Rasmus?», e de o Markus, que já antes o tinha corrigido, se ofender, e da Anna, uma jornalista, que disse: «Sei quem és, conheço-te bem, vi muitas das tuas coisas», e que nos falou de uma peça de teatro fantástica que tinha visto, mas que afinal não fora encenada pelo Markus, e lembro-me também de o Markus, que também a corrigiu nesse ponto, sacar pouco depois do seu telemóvel e começar a fazer telefonemas para encontrar outra festa aonde pudesse ir. «Três coisas, é uma lista de desejos muito modesta», disse a Sally, que puxou uma fumaça de modo teatral, uma fumaça simulada com a cigarrilha entre dois dedos estendidos. Só as pessoas que fumam uma ou duas vezes por ano fumam daquela maneira, só elas «fumam» com os maneirismos mais demarcados do ato de fumar, fazendo questão de demonstrar o seu à-vontade. A Sally atirou a cigarrilha para o lava-loiça e levantou-se, o que fez com que a abertura se fechasse sobre a coxa e o vestido se lhe ajustasse uma vez mais na perfeição. «Paz, beijos e um bebé. É pedir

muito?»

O Alejandro tinha-se ido embora na noite anterior, ia à América Latina e a «alguns sítios nos Estados Unidos». Tinha pedido para falar comigo e percebi que estava tudo acabado. Pela primeira vez, irrompi em pranto e fui de táxi a Örnberg, não para o impedir de partir, mas simplesmente para o ver, e, quando ficámos cara a cara no vestíbulo de entrada, ele pousou a palma de uma mão no meu peito e a outra no seu próprio peito. Tudo terminou sem que precisássemos de o expressar por palavras, sem que precisássemos de recorrer à semântica associada a termos como «juntos» e «separados», sem que eu precisasse de lhe perguntar quando ia voltar a casa e de me sentir vexada perante a minha própria intempestividade, e sem que ele precisasse de inventar uma resposta ou de quebrar uma qualquer promessa. A nossa relação terminaria com a mesma naturalidade com que começara. Mas foi então que ele olhou para o relógio. «O voo é daqui a quatro horas. Ainda podes ir buscar o teu passaporte.» Olhei para ele embasbacada. «O que queres dizer com isso?» Pousou as mãos nos meus ombros, mas não disse mais nada. Mais tarde, nessa noite, separámo-nos no grande átrio na estação central, e eu dirigi-me, de mãos nos bolsos, às portas que davam para a Vasagatan, e, sempre que me virava, via-o parado no mesmo sítio, a olhar para mim. Provavelmente dava o meu «não» como tão garantido que ousara convidar-me, de forma a tornar o fim claro e mútuo, e assim mais fácil de suportar para ambos. A nossa relação durou apenas um sopro, mas ele permaneceu comigo, como se algo em mim se enroscasse à volta dele, criando um padrão de inflexão para todos os meus futuros verbos. Desde então, todas as pessoas que amei, ou «amei», tiveram de aceitar que, de algum modo, as comparasse com ele em alguns momentos inescapáveis no início da relação, e tive de pigarrear bem alto para afastar esses pensamentos, porque foram sempre irracionais e injustos, e também porque o resultado nunca foi benéfico para ninguém. O meu eu consciente, desperto durante o dia, pode, na companhia de outras pessoas, mencionar o Alejandro como uma «grande bagatela», mas num sonho recorrente ele bate-me à porta e pergunta-me se já estou pronta, e então nunca hesito – pego num casaco e sigo-o. Nem sequer olho para trás.

A Sally mudou de roupa. O segundo vestido da noite, um cilindro comprido, preto e brilhante, acompanhava-lhe os contornos das axilas aos joelhos e tinha duas alças estreitas, e ela demorou tanto a arranjar-se que o taxista se cansou de esperar na rua e desapareceu. Tivéramos o rádio ligado durante todo o dia, a cada hora noticiavam a meia-noite num qualquer local do mundo, e esta viragem de milénio contínua tinha a sua beleza, era incrível morarmos todos num globo que girava à luz de um Sol que aparecia e desaparecia no horizonte, e não tardaria a chegar a nossa vez de festejar o Ano Novo. Tinha entornado azeite no vestido quando estava a cozinhar, e a Sally emprestou-me umas calças clássicas e uma camisa preta; depois, levei-a de boleia na minha bicicleta, ziguezagueando por entre os montes de neve na Katarina Bangata e na Östgötagatan, e percorremos a pé o último troço até à

Mosebacke Torge, para aí nos juntarmos à fila curta diante do Södra Teatern. Tínhamos comprado os bilhetes em agosto. O Jack e a Beth estavam a discutir numa esquina junto ao bengaleiro e a Anna estava sentada, no meio da confusão, ao comprido balcão do bar, que estava enfeitado com luzinhas intermitentes. O bilhete incluía uma garrafa de vinho espumante. «É nojento, para ser sincera», disse a Sally, levando a garrafa aos lábios. Esperei que o *barman* que nos dera o vinho me oferecesse um copo, mas não recebi nada. Quando olhei em volta, reparei que a sala estava à pinha e que todos bebiam diretamente da garrafa. Eram quase onze horas. O Jack desapareceu de vista e regressou à festa vinte minutos depois. Na sua ausência, a Beth perguntou-me se era verdade o que lhe tinham dito, que eu tinha vivido com aquela apresentadora de televisão, «a apresentadora bonita», e eu abanei a cabeça. Pouco depois, disse: «Ela é apresentadora de rádio, não de televisão», e a Beth riu-se. «Vês, afinal sempre a conheces.» O DJ despiu a camisola, aumentou o volume e gritou ao seu pequeno microfone. As pessoas tinham começado a reunir-se no terraço para assim garantirem bons sítios. Algumas tinham pequenas câmaras de bolso e fotografavam-se umas às outras e a si mesmas com Slussen, Gamla Stan e o palco brilhante no cais de Skeppsbron em pano de fundo. Ouviam-se já foguetes e fogo de artifício, viam-se grupos de pessoas por todo o lado, e a neve que caíra durante o dia pintava a cidade de branco. O Jack dançou com a Anna e a Beth, a Sally foi ter comigo ao terraço. «Durante algumas horas bizarras», disse ela e olhou para a cidade, «vocês os dois vão encontrar-se no mesmo planeta, mas em milénios diferentes.» Levou a garrafa à boca e bebeu. «Também já pensei nisso», disse eu. A Sally respondeu-me com um aceno lento de cabeça. «O que demonstra que o tempo é em si uma fabricação», continuou ela, «e que isto é tudo uma grande palhaçada.» Apontou para o céu com a garrafa na mão e elevou a voz: «Já podem ir todos para casa», gritou, «esta merda é uma vigarice pegada, é tudo treta.» Algumas pessoas viraram-se para a olhar, mas, no meio de todas aquelas agitação e música, ninguém se importou muito com o que ela disse. «Talvez fosse melhor teres mais calma com isso», disse eu quando a vi levar de novo a garrafa à boca. Eu própria tinha pousado a minha garrafa de vinho algures e não tencionava procurá-la. As pessoas que queriam estar no terraço quando desse a meia-noite estavam a pressionar-nos desde o interior. Afinal, tinham pagado para ter acesso àquela panorâmica espetacular, para pisar aquele belo soalho sob o céu noturno e o fogo de artifício da cidade, que seria lançado por especialistas. Aquela pequena proeminência no limite norte de Södermalm era também um bom sítio para se ver tudo a apagar se o *bug* do milénio causasse de facto estragos, ou se acontecesse algo mais inesperado, se o universo decidisse engolir-nos, ou se os zeros em 2000 trouxessem consigo um qualquer tipo de mensagem. Vi a Beth e os outros abrirem caminho por entre a multidão para chegar até nós. O Markus estava com outras pessoas no lado oposto do terraço. Era quase meia-noite, o barulho dos foguetes ia aumentando de frequência e dois foguetes luminosos rebentaram na

Katarinavägen, atrás do edifício. Estava frio e eu a ficar enregelada. Quando a Beth e o Jack chegaram à nossa beira, a Beth ergueu a sua garrafa num brinde, e a Sally também levantou a sua, antes de beber um gole. «Até que enfim que este milénio de merda vai começar», disse ela. Estávamos muito juntos uns dos outros, porque a multidão nos pressionava de todos os lados. «Sim, agora podemos esquecer e seguir em frente», disse eu. A Sally riu-se como se eu tivesse dito uma piada. «Podes sempre seguir em frente», disse ela, «mas nunca tiveste jeito para esquecer.»

Nunca cheguei a ver o terceiro vestido que a Sally usou naquela noite, porque abandonei a festa após a meia-noite e fui para casa da Sally e adormeci no colchão com tampões nos ouvidos, mas o vestido era vermelho e de viscosa elástica, e rasgou-se algumas horas depois do início do século, quando se enrolou com um biólogo marinho num quarto de banho. Foi numa festa pós-meia-noite, algures nas proximidades da linha vermelha do metro, para norte, a Sally não se lembrava ao certo onde, mas tinha um número de telefone escrito, com o seu próprio batom, no antebraço. Na manhã seguinte, quando, por fim, já se entrara no novo ano em todo o planeta, e a humanidade estava de ressaca e contente e pronta para o que desse e viesse, a Sally e eu bebemos café e comemos iogurte à mesa da cozinha. «Tenho a sensação...», comecei, e aponte para o braço dela, mas ela levantou o braço com a palma da mão voltada para mim e eu calei-me. «Eu sei. Também tenho várias sensações», disse ela. «Mas primeiro enfrentamos este dia. Arrumamos com o dia, com este pequeno-almoço. Agora, é tudo o que interessa. Depois, veremos o que vai acontecer.»

Cinco meses depois do início do novo milénio, tive um motivo para procurar o Alejandro. Dizia-se que era a primavera mais quente em décadas, e eu mudara-me para a primeira casa só minha, um pequeno apartamento com quarto e uma sala em Gubbängen, com uma varanda a leste, voltada para um pátio interior, onde podia sentar-me de manhã a apanhar sol e a ler o jornal. Os azereiros-dos-danados floriram logo no início de abril, tal como acontece todos os anos, e uma fragrância intensa espalhou-se pelas áreas verdes da cidade como uma dor persistente, uma saciedade silenciosa e orgânica, que, embora nova, me parecia bem familiar – como se fosse um local onde o tempo decorria mais lentamente e a vida tinha um cerne diferente. Em fevereiro, a Sally tinha ido para a Índia com o seu novo namorado, e escrevia-me *e-mails* longos e intrincados assim que encontrava um café com Internet. Eu trabalhava apenas três ou quatro dias por semana e, nos outros dias, passeava a pé pela cidade, sentava-me num banco no Vasaparken e recordava-me da ratazana que eu e a Niki tínhamos encontrado ali numa manhã de verão, uma ratazana coberta de larvas e putrefacta, exposta à luz límpida da manhã. Num sábado no início de maio, bati à porta do apartamento em Örsberg, mas a mulher que a abriu não conhecia nenhum Alejandro. Tinha passado um ano no estrangeiro e arrendara o apartamento a alguém que claramente lho subarrendara, e, quando se mudara, encontrara a casa limpa e

arrumada, à exceção de uma camisa e elásticos de cabelo esquecidos no quarto de banho. «Também morou aqui com ele? Com o tal Alejandro?» Vi, atrás dela, o familiar papel de parede do vestíbulo de entrada, azul-claro com lírios franceses pintados de um azul mais escuro, o soalho com a passadeira, e a moldura branca da porta da sala de estar. «Não, mas passei cá algum tempo. Passámos os dois. Pensei que talvez tivesse deixado aqui um papel com a morada nova. Ou com um número de telefone.» Abanou a cabeça. Uma criança chamou por ela do interior do apartamento, despedi-me e comecei a afastar-me. «Espere um bocadinho», disse ela, e desapareceu. Regressou com um saquinho com uma camisa branca e suja e três elásticos de cabelo vermelhos, todos eles com vários cabelos pretos agarrados. «Fosse como fosse, estava a pensar deitar isto fora», disse ela. Mais tarde, nesse dia, procurei a sala de ensaio da banda na Gävlegatan, e encontrei o Jens ao contrabaixo. Corria os dedos ao longo do braço do instrumento, num acorde monótono. Num dos cantos estava um colchão com um saco de dormir, e na bancada da copa um tacho com *noodles* secos. Seguiu o meu olhar. «Sim, bem-vinda à minha casa. Tomas um café?» Anuí com um aceno de cabeça. O Jens pousou o contrabaixo, pôs a chaleira ao lume e pegou num frasco com café em pó. O Alejandro tinha desaparecido no estrangeiro e ninguém o via há muitos meses, disse ele, embora tivessem vários concertos agendados na primavera. «Tocámos à mesma sem ele, é claro, mas não foi a mesma coisa.» Pousou duas canecas na mesa, olhou para mim e abriu os braços. «Foi uma catástrofe, para ser sincero. As pessoas saíram durante a pausa. Os organizadores desmarcaram os últimos concertos.» O Jens não sabia para onde fora o Alejandro, e também não tinha nenhuma morada nem nenhum número de telefone que pudesse indicar-me. De resto, nem sequer sabia «qual era o nome verdadeiro dele». Duvidava que o Alejandro voltasse a aparecer. «Algumas pessoas são mesmo assim», disse ele, «passam só ao de leve pela nossa vida.» Estava à pequena bancada da copa, de costas voltadas para mim. «O nome verdadeiro dele?», perguntei. «Como assim? O que queres dizer com *nome verdadeiro*?» O Jens virou-se para mim. «Bem, eu cá sempre achei que Alejandro era uma espécie de nome artístico. E que o nome verdadeiro dele era outro.» A água ferveu, o Jens pôs a chaleira na mesa, desabotoei o casaco e sentei-me numa cadeira. «OK», disse ele quando viu a minha barriga, «já percebo porque queres encontrá-lo.» O café sabia muito mal, no entanto, beberiquei-o enquanto falávamos. Na semana seguinte, o Jens iria fazer uma digressão com outra banda, e guardou o meu número no telemóvel, caso, contra todas as expectativas, o Alejandro desse notícias. «Bem, então boa sorte», disse ele quando me despedi. Abriu os braços e acrescentou: «Boa sorte com tudo, claro.»

Há cerca de um ano, o Jens ligou-me e senti de imediato vontade de procurar o CD dos Zomby Woof. Durante alguns segundos, parei na sala, confusa, com um CD brilhante na mão, porque não tinha em casa nenhum aparelho onde pudesse inseri-lo e pôr a tocar. A foto a preto e branco do

Alejandro na capa do CD estava desfocada e tinha baixa resolução, e algumas das letras impressas sobre o seu cabelo negro eram simplesmente ininteligíveis. Não se tinham esforçado minimamente por apresentar um bom trabalho a nível gráfico nem, de resto, no que concernia à produção, que, se não estava em erro, era amadora, com solos longos e impenetráveis. O álbum não tinha nada que se assemelhasse, ainda que remotamente, a um «hit», e penso que ninguém se deu jamais ao trabalho de o enviar a estações de rádio. Os Zomby Woof eram uma orquestra ao vivo e a música que tocavam não se adequava, de todo, à que passam na rádio; o CD era, no fundo, apenas um produto secundário, um bónus que podiam, por um breve período, comprar pelo preço de custo ao balcão ou na caixa registadora do estabelecimento onde a banda estivesse a atuar de momento. Mas os tempos mudaram, como me informou o Jens. Ligou-me por causa de um assunto urgente, «um problema mesmo importante». Achava que podíamos tratar do assunto por telefone, mas queria falar comigo em pessoa, e era urgente, disse ele, «porque o mundo descobriu finalmente os Zomby Woof». Recordei-o atrás do contrabaixo, ao lado da bateria, uma espécie de capelão com óculos redondos, um imenso fervor musical e vários centímetros mais baixo do que o seu instrumento. Apareceu em minha casa nessa tarde e disse-me que uma estação de rádio de Berlim começara a passar as canções da banda «24 horas por dia, sem parar», e que o fenómeno se propagara a outras rádios alemãs. Não sabia ao certo como é que um exemplar daquele CD há muito esquecido fora parar a Berlim, mas agora havia um interesse «enorme» pela banda, e o Jens ponderava fazer uma digressão. Após todos aqueles anos de afastamento e silêncio, tinha o Jens sentado à mesa da minha cozinha. Não parava de mexer inconscientemente na chávena de chá que lhe servira. Como estava grisalho e usava agora óculos quadrados e um corte de cabelo moderno, já pouco se parecia com o contrabaixista entusiasta e com dedos compridos que conhecera outrora. Os meus dois filhos adolescentes entraram e saíram da cozinha sem que ele se apercebesse sequer da sua presença. Entre nós, na mesa, estava o motivo de toda aquela comoção: o CD que já não conseguia ouvir por falta de um aparelho de som adequado. Mas produzir mais exemplares estava fora de questão. «Temos de pôr isto no Spotify», disse ele. Analisei-lhe o rosto, mas não, não estava a brincar. «Depois damos alguns espetáculos em bares e clubes de Berlim e noutros sítios, talvez alguns concertos de maior dimensão.» Começavam também a ganhar seguidores nos Países Baixos e na Bélgica, disse ele, «e talvez no Japão». O Jens trabalhava como professor de música substituto, e nem ele nem nenhum outro membro da banda tinham intenção de ignorar uma oportunidade daquelas. «Sabes, os jovens hoje em dia são muito mais *nerd*, e é por isso que percebem a nossa música.» Perguntou-me se eu tinha visto alguns dos vídeos que circulavam *online*. «Dos concertos. Gravações antigas que as pessoas estão a pôr na net agora que começamos a ficar outra vez conhecidos.» Gostaria de colocar duas ou três palavras daquela frase entre aspas, palavras como «conhecidos» e «outra

vez», mas limitei-me a garantir-lhe que procuraria os ditos vídeos assim que me fosse possível. «E não sabes onde ele está?» Senti, de repente, uma pontada no estômago, em volta do esterno. Meneei a cabeça. «Não faço ideia.» O Jens deu uma vista de olhos à cozinha, perscrutando as paredes e as prateleiras como se estas pudessem dar-lhe uma pista. «Sabes sequer se ainda é vivo?» Encolhi os ombros. «Não posso dizer que saiba. Mas acho que saberia de alguma maneira, que o sentiria no corpo. Se ele morresse, quero eu dizer.» Levei uma mão ao peito, para lhe indicar onde sentiria a eventual morte do Alejandro. E então vi, pela expressão do Jens, que ele não estava, de todo, a perguntar-me pelo *Alejandro*, ou seja, que não queria propriamente saber o que era feito do meu velho Alejandro, mas onde estava o detentor dos direitos da música que ele esperava vir finalmente a proporcionar-lhe alguns rendimentos. Todos os membros da banda estavam registados como titulares dos direitos de autor das canções. «Acho que a coisa pode complicar-se se ele tiver morrido», disse o Jens, «percebes, em termos técnicos e financeiros.» Vestiu de novo o casaco e debruçámo-nos sobre o seu telemóvel, para que me mostrasse um dos vídeos dos concertos que alguém tinha disponibilizado no YouTube, mas não conseguiu pô-lo a funcionar. Prometi-lhe que o contactava se alguma vez tivesse notícias do Alejandro. «Segue-me no Insta», disse o Jens antes de me virar costas para se ir embora. «Está lá tudo.» Nesse preciso instante, ouvi o tilintar de uma chave a enfiar-se na fechadura, e a minha filha mais velha entrou em casa. Ela e o Jens entreolharam-se sem trocar uma palavra, e ele voltou-se para mim com o sobrolho franzido. Acenei-lhe com a cabeça. O cabelo preto e encaracolado, os olhos, a boca, o rosto delicado. Não havia como enganar. Nessa noite, dei uma vista de olhos à conta do Jens no Instagram, que estava repleta de publicações sobre o suposto regresso – ou «*super-comeback*», como ele escrevera nas descrições das imagens – dos Zomby Woof. Cliquei num dos *links*, mas o meu telemóvel era demasiado antigo e não conseguiu reproduzir o formato em que haviam disponibilizado o vídeo. «E talvez no Japão»: o Alejandro ter-se-ia certamente rido, com desdém, daquele comentário.

4

BIRGITTE



Vivemos muitas vidas ao longo da nossa vida – vidas mais breves, vidas secundárias, vidas «mais pequenas» com pessoas que aparecem e desaparecem, com amigos que nunca mais revemos, com filhos que crescem e saem de casa –, e nunca sei qual das minhas vidas deve, supostamente, servir de moldura. No entanto, não tenho qualquer dúvida quando me encontro sob os efeitos de uma febre ou de uma paixão, porque nessas ocasiões o meu «eu» retrai-se e abre espaço a uma alegria inominável, a um todo unificado que conserva lado a lado, mas inseparáveis e distintos, todos os detalhes. Posteriormente, recordo sempre este estado como um estado de graça. Talvez possa descrever esse todo como um sucessivo desfilar, perante o meu rosto, de pessoas que surgem e desaparecem sem nenhuma ordem em particular. Não há nem «início» nem «fim», nenhuma cronologia em especial, mas apenas momentos e o que deles transparece. E agora, porque comecei a escrever, há uma pessoa a que não tenho como escapar. A Birgitte. Antigamente, acreditava que me sentiria mais viva na floresta, que encontraria aí uma sensação de vida plena, bastando para isso caminhar por entre os pinheiros altos, e que a avistaria quando me sentasse a sós no cepo de uma árvore, com a luz do Sol a incidir-me nos olhos, ou quando perscrutasse o mar dos rochedos de uma praia. Em suma, que só despertaria por completo entre os elementos silenciosos. Mas acabei por descobrir que, afinal, já tinha tudo aquilo de que necessitava aqui, comigo, nos detalhes em meu redor, e que me bastava ver tudo com a atenção devida, que me era suficiente libertar-me de mim mesma e concentrar toda a minha atenção no que estava fora de mim, verdadeiramente *fora de mim*. É aí, no olhar atento direcionado para outrem, que se encontra a sensação de vida plena. E foi assim, ao observá-la com atenção, que acabei por entender a Birgitte.

Um incidente violento e perturbador no início da adolescência traumatizara-a mentalmente, o que a levava a desenvolver uma personalidade reservada colorida por uma ansiedade constante. No decurso de uma simples

hora, morreu e nasceu como uma pessoa diferente, porque a sua mente virou-se sobre si mesma, de modo a lançar o acontecimento inenarrável para o fundo do inconsciente, onde ficou de quarentena, protegido do mundo e, porque bem embrulhado e armazenado, inalcançável durante o resto da sua vida. Creio que a Birgitte nunca direccionou os seus pensamentos nesse sentido, pelo menos quando acordada. Mencionou o ocorrido somente trinta anos depois de este ter tido lugar, e a apenas uma pessoa, e presumo que foi ao mencioná-lo que descobriu que o dito incidente já não era um «incidente» de que, de facto, se lembrasse, mas algo mais semelhante a uma cor ou a um fractal, já não sendo sequer uma verdadeira recordação, mas antes o sítio de onde todas as recordações provinham, uma sombra que todos os dias respirava escondida algures atrás da sua existência. Presumo que é assim que uma experiência única e traumática afeta uma pessoa: o acontecimento permanece encapsulado com o veneno ainda intacto. Um veneno que vai, pouco a pouco, fluindo, como uma ordem lenta. E, como a maioria saberá, quem cunhou a expressão «o que não te mata só te torna mais forte» nunca conheceu uma vítima de violação.

É certo que já era frágil antes de ser violada, e o «modelo de vulnerabilidade» que usamos hoje, no campo da psiquiatria, para explicar como experiências traumáticas têm impactos muito diferentes em pessoas diferentes, ter-me-ia decerto ajudado a compreendê-la melhor. Talvez a tivesse inclusive ajudado a compreender-se melhor. Era uma criança tímida. Tinha apenas sete anos quando da morte do pai. O pai morreu-lhe, de repente, um dia depois de ser operado ao apêndice, e, quando a ambulância arrancou para o levar ao hospital, o soalho da sala estava ainda manchado de sangue e de conteúdo gástrico. Findo o funeral, nunca mais mencionaram o pai, e a família (tinha dois irmãos) entrou numa nova fase. Imagino esta fase como um transe acinzentado, uma existência aborrecida e pragmática na qual a mãe, que cuidava da casa e dos filhos quando o marido era vivo, tinha dois empregos (trabalhava como camareira no hotel da vila e como auxiliar no lar de terceira idade) para sustentar a família. Os filhos cumpriam as suas obrigações com escrupúlo e, chegados à adolescência, começaram a trabalhar ao fim de semana e nas férias da escola, para assim ajudar a família. Não tinham tempo para muito mais do que trabalhar e dormir. A maioria das pessoas desconhecia por completo termos como *psicologia*, *trauma* e *processamento da dor*, e quando, de madrugada, a Birgitte se enfiava na cama da irmã mais velha e fingia murmurar, em pleno sono, «pai, pai», a irmã tapava-lhe a boca com a mão até ela se calar e abrir os olhos. A família visitava a campa nos dias indicados pelo calendário, e nessas ocasiões a mãe enrolava um lenço fino de renda em volta do indicador, com que enxugava as lágrimas ainda antes de se lhe escaparem pelo canto do olho. Não havia muito a dizer em tais ocasiões. Muito mais tarde, quando fomos as duas visitar o cemitério, situado a uns vinte quilómetros a sul de Stavanger, em busca da sepultura dos seus pais (tive de a obrigar a levar-me lá), a Birgitte falou-me,

contrafeita, do pai, das suas mãos grandes, das suas boas intenções, e da ordem pedante que reinava na oficina de que era proprietário. Sacudimos um pouco de neve da campã e pousámos as nossas flores na lápide onde estavam escritos os nomes e as datas de nascimento e morte dos pais da Birgitte. Depois, olhou para mim e abanou a cabeça: continuava a não haver nada que dizer. A Birgitte já era, portanto, uma adolescente reservada quando cuidava dos filhos de uma das conhecidas da mãe, cujo marido chegou a casa mais cedo do que combinado. A criança tinha acabado de adormecer no berço e a Birgitte tinha já no bolso da saia as vinte coroas que lhe deviam pelas quatro horas de trabalho. Estava recetiva, vulnerável, pronta para novas catástrofes, já preocupada com a chegada de novas catástrofes, já consciente do que outras catástrofes poderiam fazer-lhe. Creio que terá de algum modo antecipado o que iria acontecer quando o homem estava ainda do outro lado da porta, ou seja, ainda antes de os seus olhares se cruzarem. Muitos anos depois, comecei a trabalhar numa clínica psiquiátrica em Estocolmo, e conheci aí várias pessoas que me recordaram a Birgitte. As coisas por que tinham passado permaneciam em mim até muito depois de terminar os meus turnos, e a sua ansiedade era em tudo semelhante à dela, uma ansiedade que não esmorece e, ao invés, resiste e perdura como uma tensão que se faz sentir no interior de todas as coisas. Estas pessoas não riem simplesmente, antes soltam gargalhadas ansiosas; de resto, a sua alegria é, também ela, ansiosa, e caminham ansiosamente e têm um modo de falar que denota ansiedade. Conhecia perfeitamente a ansiedade da Birgitte, porque aparecia quando ela aparecia, pairando em todas as divisões em que entrava. Como tudo o resto, também isto mudou com o passar do tempo. Mas, ao mesmo tempo, não mudou nada. Embora fosse a filha mais nova, foi a primeira a sair de casa, para viver a sua própria vida. Para viver uma vida independente. Bem, quase independente, porque não demorou muito a perceber que levar uma vida independente era um privilégio reservado a pessoas mais afortunadas, e que ela, por seu lado, só poderia levar uma vida «independente» com o apoio de algo ou de alguém. De um homem. De um grupo. De um sistema bem definido. Foi ativista política nos anos sessenta e setenta, juntou-se a movimentos novos, estudou, experimentou drogas, percorreu a Europa de boleia, tocou guitarra e cantou numa banda de *folk rock*, vestiu roupas macias e roxas e usou o cabelo preto com risca ao meio e pela cintura, mas é-me difícil encarar o seu interesse pela política como autêntico, quicá por nunca a ter ouvido apresentar argumentos mais profundos do que, por exemplo, «foi uma guerra mesmo parva» (acerca da guerra do Vietname), «porque é que eles é que decidem tudo?» (acerca do imperialismo americano), ou «os carros cheiram mal» (acerca do ambiente). Voltava-se para onde quer que o vento soprasse – não por comodismo ou para agradar aos outros, mas porque não podia fazer outra coisa. Uma propensão inescapável para se adaptar: foi isso que lhe deixou, em jeito de legado, o pai da criança de que cuidara por algumas horas e que, no fim, a pôs fora de casa enquanto tentava ainda apertar

o cinto. Um minuto depois, reabriu a porta e atirou o casaco da Birgitte para o meio da rua. Adaptar-se, misturar-se com os outros, desaparecer: ou isso, ou enlouquecia. Não tinha alternativa. A loucura parecia ter sido a única alternativa para muitos dos pacientes que, décadas depois, conheci na clínica psiquiátrica em Estocolmo. Eram pessoas disfuncionais, inadaptadas. A Birgitte, por seu lado, conseguira adaptar-se, e conseguira-o a tal ponto que a sua personalidade se caracterizava, paradoxalmente, por uma completa falta de personalidade. Não é, pois, de estranhar que se adaptasse na perfeição a comunidades, coletividades, ou grupos, nem que se tenha dado muito bem no início dos anos setenta. Sentia-se, nessa época, «como um peixe na água», de acordo com a sua própria descrição. «Como um peixe num cardume», disse para comigo. Já não se deu tão bem com a exigência de sucesso individual e a competição que marcaram a década de oitenta. No mundo ocidental, a Birgitte não constituía, de todo, um «indivíduo» segundo os ditames estipulados pela década de oitenta e todas as que se lhe seguiram. O seu carácter evasivo tornou-se óbvio, e penso que as pessoas a consideravam banal e desinteressante. Talvez fosse, de facto, desinteressante, e as pessoas com quem convivia tinham provavelmente dificuldade em lembrar-se se estivera presente num dado evento ou encontro. «A Birgitte esteve na festa na sexta-feira?» Não havia como ter a certeza; isto, é claro, se alguém se desse sequer ao trabalho de perguntar por ela. «A Birgitte disse alguma coisa na reunião de ontem?» Perguntas a que seria difícil responder, porque dificilmente se recordariam dela. «Ela esteve lá, sequer?» Ninguém se recordaria se estivera ou não. Quando as comunidades se dissolveram e as pessoas desapareceram na obscuridade das suas vidas privadas, a Birgitte ficou como que para trás, pois era incapaz de, a sós, tomar uma qualquer iniciativa ou dar a conhecer a sua posição. Os seus esforços por se misturar na multidão e evitar toda a fricção eliminaram por completo a parte do seu ser onde deveria ter-se formado uma personalidade individual, uma personalidade a que estariam inelutavelmente associados desejos, vontades, e uma barreira de choque contra os outros e o mundo. Essa parte da Birgitte encontrava-se, no entanto, ocupada por uma ansiedade incomodativa que vibrava, constante, à superfície, constituindo assim a sua única face visível.

A maioria das pessoas que teme enlouquecer nunca chega a enlouquecer, mas a Birgitte teve um surto psicótico aos 23 anos. Aconteceu no fim da década de sessenta, no início de novembro, no domingo em que me deu à luz. Duas ou três horas depois de entrar em trabalho de parto no Hospital Geral de Malmö, o meu coração parou e a Birgitte percebeu, pela expressão da enfermeira, que havia realmente motivos de preocupação, o que só pôde interpretar como um sinal de outra catástrofe iminente. Já se passara demasiado tempo, eu devia estar presa lá dentro. O meu pai estava sentado num banco, no corredor, a fazer palavras cruzadas. Imagino-o com tamancos, calças de ganga, um casaco de bombazina com um *pin* da FNL (Frente de Libertação Nacional) na lapela, suíças compridas e o cabelo pelos ombros.

Imagino também que tenha parado momentaneamente de fazer as palavras cruzadas e tentado entender o que se passava quando o pessoal médico passou por ele a correr. Uns meros três anos depois, quando a minha irmã nasceu no Hospital de Söder, em Estocolmo, o meu pai assistiu ao parto, é claro, pois ninguém o impediria de estar junto da minha mãe. Tiveram de me extrair com o recurso a fórceps e ventosas, mas quando, por fim, me pousaram, aos gritos, vermelha e já curiosa por a conhecer, mas também já fula com ela, na barriga da Birgitte, ela já estava bem longe dali, como se tivesse desaparecido dentro dela própria. Na maternidade, mal falou e praticamente não pregou olho, pois estava a fermentar uma loucura que irrompeu, qual torrente, quando chegámos ao nosso apartamento na Slottsgatan, onde a sua ansiedade adquiriu contornos de surto maníaco-depressivo. Levava-me a passear no carrinho de bebé e gritava a pessoas que, a seu ver, estavam a observá-la, ou fechava as cortinas do quarto e chorava horas a fio no escuro, para mais tarde se levantar de repente, como se nada tivesse acontecido. O meu pai e eu depressa nos tornámos experientes no uso do biberão; fazíamos também caminhadas longas, e desenvolvemos, pouco a pouco, a manha necessária para a convencer a ir a um médico conhecido do meu pai, que lhe dava comprimidos para dormir. Tem de comer e dormir, dizia o médico, cujo filho tinha andado na tropa com o meu pai. Comer e dormir são as únicas coisas que podem ajudá-la, isso e rotinas, caminhadas, e um ambiente acolhedor e compreensivo. Na verdade, disse-nos, tínhamos apenas de evitar uma coisa: os cuidados médicos disponíveis na época, ou seja, os «hospitais psiquiátricos» onde internavam pessoas no estado em que a Birgitte se encontrava, porque raramente davam alta a quem lá entrava. No fim de uma destas visitas, o médico fez sinal ao meu pai para que o seguisse. Eu estava a dormir no carrinho, que o meu pai estacionara junto à porta, e a Birgitte debruçou-se sobre mim para arranjar alguma coisa. «Não deve deixá-la a sós com a menina, é claro», disse o médico. Imagino os dois homens a olharem para ela, para o seu cabelo desgrenhado, para o seu xaile de um vermelho tão vivo quanto o do vestido, para as suas botas de inverno de cano alto, para as suas unhas sujas e para os esgares que, sob a maquilhagem, lhe distorciam as feições. Eram pequenos sinais de loucura, em si inconfundíveis, como se a Birgitte tivesse entrado num novo país e a houvessem obrigado a vestir a indumentária típica da nação, e sempre que vejo fotografias dessa época (o meu pai é fotógrafo e nunca se esquecia da máquina) consigo, normalmente, datá-las com base no seu olhar, nas suas unhas, no modo como as suas roupas extravagantes lhe assentavam no corpo. «Ah, *essa* época.» Aquele primeiro inverno, antes de nos mudarmos e de as coisas melhorarem. O meu pai passava horas deitado ao meu lado, a tocar no meu narizinho com a ponta do dedo, para assim me ajudar a serenar. O meu berço estava junto do quarto de banho, que ele usava, à noite, como câmara escura, e onde revelava e fazia cópias de fotografias. Trabalhava como assistente do fotógrafo famoso que nos arranjara o apartamento. A Birgitte dormia toda a noite e toda a manhã e,

quando finalmente acordava, fazíamos excursões adaptadas ao estado em que se encontrava, na maioria das vezes caminhadas e idas ao café. Quando melhorou um pouco, começámos a visitar conhecidos e, aos poucos, conseguiu permitir que outras pessoas me pegassem e até saíssem da divisão comigo ao colo. Com o braço do meu pai em volta dos ombros, aprendeu a lidar com a sua ansiedade. «Lidar» talvez não seja o verbo adequado, mas sim «suportar», ou inclusive «sobreviver», porque o seu corpo permaneceu tenso e continuou a analisar o ambiente em redor em busca de potenciais catástrofes, como um copo demasiado próximo de uma borda, uma faca na mesa, um cigarro aceso num cinzeiro, um buraco na sebe de um vizinho. O mundo continuou, até à sua morte, a ser um sítio perigoso para todos, um sítio insuportável que não era, de todo, agradável para os seres humanos. Havia demasiada incerteza em relação ao futuro e a todas as coisas que podiam correr mal, em relação a tudo o que podia cair e partir-se ou causar um incêndio, a todos os horrores à espreita, a todos os assaltos, acidentes de carro, inundações, febres, ao próprio apocalipse. A ansiedade, que segue as ordens do medo, tem como missão principal correr na dianteira e tocar em tudo, rodear potencialidades com o objetivo de evitar que aconteçam num processo contínuo, incessante, que se funde com a própria vida. Em criança, observava por vezes a Birgitte quando pedíamos emprestado um barco a motor para irmos ao arquipélago. Sentava-se num rochedo plano, de rosto voltado para o sol, e eu não podia deixar de reparar que nunca fechava os olhos por mais do que uns poucos segundos. Depois, semicerrava os olhos para, num ápice, controlar o que se passava em seu redor. Fazia-o aparentemente de modo inconsciente, como se impelida por uma qualquer pulsão interior. Nunca tinha descanso, porque tinha de controlar constantemente o mundo em que vivia, para não ser apanhada desprevenida. E é isto que, presumo, está na base do comportamento de todas as pessoas que sofrem de ansiedade: o facto de a vida ser, pela sua própria natureza, imprevisível e irrefreável.

Naquele primeiro inverno, a Birgitte mergulhou até ao submundo e regressou à superfície. O mundo continuou a ser o campo de batalha das suas lutas internas, mas os gritos e a loucura desapareceram juntamente com o olhar inquieto, os dedos sujos que não tinham descanso, e a paranoia rente à pele que a mantinha num contínuo estado de alerta. Mudámo-nos para Estocolmo (onde o meu pai arranjou emprego numa revista), e teve início uma nova época, muito mais confortável, com amas e infantário, uma carreira (a Birgitte era professora de Sueco), manifestações, festas e piqueniques com jogos de *brännboll* no Hagaparken. Quando vejo as fotografias desta época, consigo datá-las de imediato: eu no carrinho, no meio da Hamngatan, a segurar num cartaz onde está escrito *Paz!*, e a Birgitte a sorrir para a câmara enquanto empurra o carrinho, sem maquilhagem e com calças largas e uma mochila às costas, à vontade naquele vasto grupo de pessoas que pensavam como ela. «Oh, *essa* época.» Vivemos em Solna, depois na Kocksgatan, em casa da minha avó materna, em Jakobsberg, numa moradia em Salem, mais

tarde na Hålsingegatan, depois em frente ao Kronobergsparken e, por último, em Farsta, onde eu e a minha irmã tivemos finalmente vaga num infantário. Íamos a festas com discussões acaloradas, porque o meu pai não gostava do comunismo ao estilo dos soviéticos e chineses e não se coibia de partilhar esta opinião com quem quer que se cruzasse, incluindo comunistas, porventura sobretudo com comunistas, e via-se sempre no centro de debates que se intensificavam com o decorrer da noite. Nunca se mantinha calado, não conseguia refrear-se, em especial no que concernia ao comunismo. Segundo ele, uma ideologia que não pode ser posta em prática sem matar os seus opositores merece apenas desdém, e horrorizava-o constatar que tantas pessoas encaravam aquela ideologia como muito positiva, como benéfica, *apesar* do número exorbitante de pessoas que tinham sido aprisionadas e assassinadas em seu nome. Fazia questão de esclarecer bem este ponto, de vincar a sua posição, e, quanto mais tarde fosse, mais acutilante se mostrava na exposição das suas opiniões, e gostava em especial de apresentar argumentos contra a opinião popular de que o comunismo era uma boa ideia *em teoria* e que, por isso, tinha valor real («esta ponte parece bem feita, mas, infelizmente, cai assim que alguém a tenta atravessar de carro»). Quando penso nos meus pais nessa época, é esta a imagem que me vem à cabeça: o meu pai sentado no sofá, com o seu cachimbo sujo na boca, a discutir, pleno de confiança e a sós, com mais pessoas do que a maioria jamais ousaria enfrentar, e, em pano de fundo, lá está a Birgitte, que demoro um pouco a avistar, porque se mistura na perfeição com a própria mobília, com as outras pessoas, a Birgitte que nunca eleva a voz para expressar uma opinião pessoal, ou para se opor à de outrem, ou para ser, como o meu pai, uma rebelde entre rebeldes. Na maioria das vezes, falava apenas para concordar com o orador que a antecederia, e estava sempre pronta para mudar de ideias se deparasse com outra pessoa mais convincente, tendo o cuidado de se expressar com termos vagos e dúbios o suficiente para que pudessem atribuir às suas palavras as interpretações mais variadas e díspares possíveis. Evitava a todo o custo ofender ou entrar em conflito com quem quer que fosse, o que significava que não apreciava o facto de o meu pai irritar constantemente toda a gente. No início da festa, quando os convidados estavam a fumar e a comer na cozinha e eu e a minha irmã a brincar num dos quartos, e havia uma ou várias garrafas de vinho na mesa, as opiniões do meu pai funcionavam como um preâmbulo curioso. Era conhecido por ser inteligente e afável, tinha muitas histórias para contar e tirava boas fotografias. A casa enchia-se de fumo e, nós, as crianças, deitávamo-nos no chão da sala ou íamos ler banda desenhada para um dos quartos, ao passo que os convidados trocavam o vinho por Campari e gim, atolando a despensa de garrafas vazias. E o ambiente ia aquecendo. O fotógrafo das suíças seria porventura um burguês? Por essa altura, já não faltava muito para que eu e a minha irmã adormecêssemos numa cama qualquer, enroscadas uma na outra e cientes de que a Birgitte tinha, em segredo, observado atentamente tudo o que fizéramos ao longo da noite, e

também não faltava muito para que alguns dos convidados começassem a dançar de mãos no ar junto à estante com o gira-discos. O meu pai estaria, então, refastelado no sofá da cozinha, onde defendia destemidamente as suas opiniões sob uma tempestade de contra-argumentos dos seus opositores ideológicos. Hoje em dia, afiança-me que na época a estupidez não tinha limites, e que as pessoas acreditavam de facto em autênticas patéticas e alarvidades. Tem agora 83 anos e é ainda de esquerda («o que quer que isso signifique na atualidade») e propenso à reflexão minuciosa e à exatidão, e acredita que a grande mudança, o sucesso duradouro dessa era, não adveio das questões levantadas nem dos partidos políticos e talvez nem mesmo da luta político-social, mas das próprias relações interpessoais, da maneira como as pessoas começaram a conversar umas com as outras, e do facto de pessoas como ele, filho de uma mãe solteira que trabalhava como empregada de limpeza, poderem, nesse período, confrontar cara a cara, com argumentos, filhos de arquitetos e filhas de professores, insultar-se uns aos outros sem que ele tivesse de lhes pedir desculpa, e partilhar um determinado espaço como iguais. O meu pai recorda-me amiúde que a minha avó vestia as melhores roupas que tinha para ir a uma simples consulta médica, e que usava as escadas quando encontrava um vizinho de maior estatuto social à espera do elevador, e tem também o cuidado de realçar que tanto ele quanto eu consideraríamos este comportamento no mínimo bizarro, se não mesmo contrário ao nosso bom senso. «Herdaste o teu modo de pensar daquela época», diz ele, «essa é que foi a verdadeira revolução.» A maioria dos seus antigos amigos está senil ou já morreu, mas ele mantém o diálogo vivo, tanto com ele próprio, quanto com a sua esposa, que tem apenas 60 anos, é assinante da *Time* e do *The Economist*, ouve documentários na rádio, lê livros. Mora numa casa com um jardimzinho em Rönninge e diz que todos os dias são dias bons. Já nunca falamos da Birgitte, mas foi com ele que ela, por fim, se abriu. Poucas semanas após o funeral da minha mãe, o meu pai contou-me tudo o que ela lhe dissera, tudo o que sabia acerca dela, das suas catástrofes, tudo o que ela lhe confiara. Estavam divorciados há quinze anos, mas o meu pai, ainda assim, chorou pela vida que ela levava: uma vida vivida, mas também desperdiçada.

Os artigos científicos denotam com frequência que a ansiedade tinha a sua utilidade, e que, por esse motivo, a evolução a tornou parte da nossa natureza. A ansiedade levava-nos a confirmar que a fogueira estava apagada e que os nossos filhos ainda respiravam, e protegia-nos por nos ensinar a protegermo-nos, a nós e aos outros. É um mecanismo de seleção muito simples: os humanos da Idade da Pedra que perscrutavam, ansiosos, a floresta em busca de predadores sobreviviam, ao passo que quem vagueava despreocupadamente por entre as árvores era comido. Nós que agora estamos vivos descendemos dos nossos antepassados ansiosos. Quando visito a campa da Birgitte no cemitério de Skogskyrkogården, tento imaginar como teria sido a sua vida se não sofresse de ansiedade, mas é-me tão difícil imaginar tal

cenário quanto um dia sem sol ou nuvens. Fazia parte dela, da sua essência, um mecanismo de sobrevivência que se tornou o seu escudo de proteção por toda a vida e, em simultâneo, também a sua deficiência, a sua desvantagem, como se se tratasse de uma pequena função avariada e descontrolada. Quando visito a sua campá solitária, sinto com mais clareza, conquanto de um modo um tanto obscuro, os seus cuidados asfixiantes, os pequenos suspiros, o seu constante trautear de uma melodia inaudível que parecia acompanhar o seu ritmo cerebral. Quando os meus amigos iam lá a casa, fingia que a minha mãe não estava. Era mais fácil assim. A maioria dos meus colegas fazia o mesmo, porque quase todos tinham, também eles, pais estranhos de uma maneira ou de outra: mães que se embriagavam e, toda a tarde deitadas ao comprido no sofá, gritavam às visitas, mães que explodiam de diversas maneiras, que estavam no seu limite, prestes a estourar, sob o fardo de trabalharem fora de casa e de, ao mesmo tempo, terem de criar filhos complicados, mães que choravam nas reuniões da escola, ou que pareciam simplesmente demasiado velhas, antiquadas, e cheiravam mal, ou pais que puxavam os cabelos aos filhos ou tinham outras famílias em segredo ou que adoeciam e morriam entre o início e o fim de um único período escolar. Isto era, portanto, considerado normal de acordo com os padrões da época, ou «normal», como enfatizava o meu pai, por forma a assinalar o quanto desprezava este termo. Aquele primeiro inverno em Malmö, no qual a Birgitte foi tudo menos «normal», deve ter obrigado o meu pai a abrir horizontes. Era muito progressivo e tolerante para o seu tempo – encolhia os ombros, aproximava-se e escutava-me. Só muito raramente emitia juízos de valor, e nunca criticava ninguém. Na nossa adolescência, eu e a minha irmã revoltámo-nos apenas contra ele, porque era o único pai presente e disponível para, com o seu cachimbo na boca, discutir tudo, estando sempre disposto a aceitar (a bissexualidade, o álcool) e a travar batalhas (o haxixe, a gazeta à escola). A Birgitte estava noutro sítio, algures dentro dela, e na nossa família não havia ninguém que fosse capaz de fitar com raiva os seus olhos tímidos. Estava sempre a fazer alguma coisa no quarto e deixava os conflitos para o meu pai. Ou isso, ou estava a ler na cama. Lembro-me de ver uma edição com capa bege do *Ama-Te a Ti Mesmo* na sua mesinha de cabeceira, um livro que foi mais tarde adicionado a uma nova secção, só dela, na estante. O meu pai considerava Göran Tunström o maior escritor de sempre, um pináculo literário a que pertencia também Gunnar Ekelöf, que ele me obrigou a ler assim que aprendi a juntar duas letras. De resto, as prateleiras estavam forradas com Graham Greene, Hemingway, Steinbeck, Eyvind Johnson, Selma Lagerlöf, livros de fotografia, e Ed McBain em fiadas duplas, além da maioria das obras de Sven Lindqvist, que ele venerava. Leu o *Diário de Um Amante* e entregou-mo assim que concluiu a leitura, o que, da minha parte, marcou um certo despertar para a linguagem literária. Estava no início da adolescência, e na véspera tínhamos discutido até o vizinho nos mandar calar com pancadas na parede. Eu estava furiosa com o mundo em geral. Na manhã seguinte, ao

pequeno-almoço, tinha à minha espera, no meu lugar habitual à mesa, um livro que, no fundo, o meu pai me emprestou indefinidamente, porque ainda o tenho na minha biblioteca. Para o meu pai, que nunca permitia que uma determinada disposição lhe azedasse o dia seguinte, cada manhã era um novo começo. Os meus pais partilharam aquela estante de livros desorganizada até ao dia em que a Birgitte desocupou algum espaço e criou uma nova secção, que teve como primeiro volume o *Ama-Te a Ti Mesmo*, que ela pôs entre os segura-livros com o yin e o yang que comprara numa loja chamada Aquário na Drottningatan. Iniciou-se assim uma nova era naquela prateleira e na própria Birgitte, uma era de Jung, Janov, Fromm, astrologia, ímanes, cristais e cartas de tarô, e na qual nenhuma teoria derrotava outra. Ia a sessões de interpretação de sonhos e fazia massagens aiurvédicas, empilhava tubérculos ralados no prato enquanto nós os três comíamos o jantar, e gastou uma fortuna num homem que lhe suspendeu um pêndulo sobre o corpo, a fim de lhe interrogar os órgãos internos. Aparentemente, os órgãos conseguiram descrever os seus próprios desequilíbrios com o auxílio do pêndulo. Passou uma semana em Öland besuntada com lama e abacate. Foi à Jutlândia e experimentou danças africanas, todas elas muito libertadoras, e fez um cursinho sobre a cor, e durante algumas semanas vestiu-se em exclusivo de amarelo, teve a alma analisada por um guru de passagem pela cidade, preparou bebidas com pós chineses que cheiravam a feno, encontrou-se com médiuns, e de manhã, antes de eu ir para a escola, começou, com o dedo, a descrever pequenos círculos na minha testa. Nunca me passou pela cabeça pedir-lhe que parasse com aquela tolice. Eu era escorpião, o que, de acordo com a Birgitte, significava que eu tinha tendência para ser crítica e amarga, e não queria confirmar conscientemente esta sua profecia. Afirmações como «tens os chacras desequilibrados», ou «as segundas-feiras são boas para fortalecer o yin» não mereciam qualquer comentário do resto da família. Parou de ler as notícias, para não conspurcar as energias importantes da manhã. Numa sessão espírita na cave de uma conhecida sua, permitiu que caracóis importados do estrangeiro lhe rastejassem pelas costas por horas a fio, num tratamento que tinha como objetivo eliminar-lhe do corpo umas quaisquer toxinas não especificadas. Fez jejum durante semanas seguidas, bem como clisteres «de ioga», lavava o nariz com água do mar e esfregava-me as mãos com óleo de coco quando as achava demasiado secas. «Na farmácia só vendem coisas cheias de toxinas.» É-me fácil datar as fotografias dessa época. É o início do outono e estamos no arquipélago, numa cabana alugada na ilha de Ingarö. A Birgitte tem o cabelo pintado de ruivo e está a usar um casaco de camurça com chumaços nos ombros e um colar com um pendente do yin-yang. Sempre com o yin e yang por todo o lado, embora nunca tenha ouvido uma explicação satisfatória sobre o que é suposto significar. Quase dez anos mais tarde, atravessei a União Soviética e a Mongólia de comboio para chegar a Pequim, e nos oito meses que passei no Sudeste Asiático só vi o símbolo do yin-yang em recordações para turistas

como a Birgitte. Na foto, dá para ver que estava anémica após semanas de jejum em que só comera fruta. O verão terminara e em breve desocuparíamos a cabana em Ingarö. «OK, *essa* época.» A minha irmã está sentada numa espreguiçadeira no centro da fotografia e tem no colo uma guitarra, o meu pai está ao seu lado e tem na mão o controlo remoto da máquina, que deve ter pousado no parapeito da janela, e a Birgitte parece olhar o vazio, como se quisesse fugir para bem longe dali. Talvez estivesse já preocupada com a viagem de carro de volta a casa, com a possibilidade de nos esquecermos de alguma coisa na cabana, de termos um acidente, de alguém não apertar o cinto de segurança, de não encontrarmos sítio onde estacionar e apanharmos uma multa. Eu estou atrás dele, quase a sair da imagem captada pela máquina, com chinelos pretos de pano e um livro de bolso volumoso e com a capa em mau estado na mão: *Inverno no Paraíso*. Quem consegue escrever sobre a natureza como Ulf Lundell escreveu nesse livro não tem nenhuma dívida para com o mundo. Naquela época, a Birgitte definir-se-ia provavelmente como «uma alma em busca de algo», e talvez alegasse inclusive ter descoberto alguma coisa. Presumo que a maioria das pessoas que procuram, de facto, algo acaba, mais cedo ou mais tarde, por encontrar alguma coisa se a busca for genuína e tiver por fundamento o desejo sincero de cada um se conhecer a si mesmo, com o intuito de descobrir o que se esconde por trás da cara que o espelho lhe devolve e que lhe é tão familiar. Conheci muitas «almas em busca de algo», independentemente de se definirem ou não com estes termos, e suponho que também fui uma dessas almas, mas no que diz respeito à Birgitte, duvido que a busca tenha sido mais do que um gesto de fuga, uma pose, uma nova maneira de ser superficial. Quando uso a palavra «superficial», não quero dizer «banal», mas «incapaz», desprovida da capacidade de ser autêntica. Como todas as pessoas que sofrem de ansiedade extrema, a Birgitte flutuava perpetuamente em direção à superfície, preocupada em ordenar o mundo e em encontrar eventuais perigos. A sua ansiedade obrigava-a a viver à superfície, e talvez seja apropriado e justo dizer que era, nesse sentido, banal, ainda que contra a sua vontade. Ir ao fundo obriga a perder algum do controlo sobre o mundo e abandonar a vigilância constante do tempo e do espaço em troca de uma queda livre para dentro de si mesmo, ou para dentro de outra pessoa qualquer, ou para dentro de uma das muitas fendas e fissuras da existência. Creio que falava destas coisas com um pastor da Igreja a cuja orientação recorreu durante algum tempo, um tal Lars-Åke, «um verdadeiro salvador de almas, deixa-me que te diga». A Birgitte não via nenhuma contradição entre as suas muitas crenças e teorias sobre a realidade, que incluíam Deus, Jesus Cristo e o Zodíaco, auras, cristais, médiuns, pedras mágicas e lama com poderes curativos. Tudo isto se misturava, e o que funcionava, funcionava – era assim que a Birgitte perspetivava as coisas. Não sei o que o Lars-Åke achava de tudo isto, mas, quando o conheci antes do funeral da minha mãe (que ele oficiou a pedido dela), olhou-me com a expressão de alguém que sabe, mas não pode falar. E pousou gentilmente uma

mão no meu ombro quando terminei de ler o meu elogio fúnebre. «Excetuando as semelhanças físicas», disse ele, e logo anuí com um aceno de cabeça, porque já sabia o que ia dizer, «não se parece nada com ela.»

E o fim? Melhor do que o esperado e, no entanto, horrível, porque estropiado pela doença durante os poucos meses em que tomou tantas benzodiazepinas para controlar a ansiedade que a visão se lhe turvava do almoço até à hora de se deitar. As suas pupilas pareciam flutuar nos globos oculares e fixar-se, horas a fio, no padrão do papel de parede junto à sua cama. O seu companheiro (Petter, o último homem da sua vida) segurava-lhe na mão e falava-lhe sem, no entanto, obter qualquer resposta, o que não parecia incomodá-lo sobremaneira. Nas suas últimas semanas de vida, perdeu inicialmente a linguagem e a capacidade de comunicar, e depois a visão, até, por fim, passar o dia inteiro deitada e a tartamudear algo ininteligível. Contudo, mexia as mãos com todo o entusiasmo assim que ouvia a minha voz. Talvez me quisesse dizer alguma coisa. Sentava-me ao lado da sua cama e pensava na literatura mundial e na história do cinema, na imensidão de cenas como aquela, em que alguém, nos seus últimos momentos de vida, consegue finalmente dizer algo importante, cenas que providenciam explicações e habitadas por um «perdoa-me» ou outras palavras de conforto, mas em como, por outro lado, raramente retratam, tanto na literatura, quanto no cinema, a posição em que me encontrava, ou seja, aquela sensação de que era tarde de mais, de que algo fora em vão, de que nem aquele último vazio entre nós teria explicação ou seria expresso por palavras. Não se esclareceu nada nem ninguém disse «perdoa-me», e ainda hoje desconheço se havia sequer motivo para pedir perdão, e qual das duas o devia ter feito. Respirou aflitivamente até ao fim, e a ansiedade foi a última a abandonar o corpo. Mas pouco depois, quando o seu companheiro saiu do quarto para avisar as enfermeiras de que tinha morrido, senti-a passar mesmo ao meu lado. És finalmente livre, pensei.

Começara a tomar benzodiazepinas ainda no final dos anos oitenta, pouco depois de se divorciar do meu pai, quando a minha irmã a obrigara a consultar um médico que lhe prescrevesse algo para as insónias. A Birgitte talvez tenha encontrado algures naqueles químicos atordoantes uma espécie de resposta à sua busca. Os comprimidos brancos e redondos vinham em embalagens de cem unidades, e mais tarde, quando ajudei a arrumar as suas coisas e estava a esvaziar os armários do quarto de banho, percebi que vários médicos lhe prescreviam benzodiazepinas, e que chegara inclusivamente a ir à Noruega para arranjar mais comprimidos. Imaginei-a nas consultas médicas – com o seu charme frágil e os seus olhos tímidos – a mencionar os nomes dos medicamentos como que de passagem e com a voz suplicante a que os homens em seu redor pareciam responder sempre positivamente. Não havia dúvidas de que a sua principal necessidade era a de sentir uma *proteção duradoura*, e a maioria dos homens que conhecia tinha todo o gosto em dar-lha conforme as suas possibilidades e capacidades. Quando se divorciou do meu pai, formou-se prontamente uma fila de homens que a queriam proteger e

amar, tanto homens que ela conhecia há muito, solteiros, recém-divorciados e alguns ainda casados, quanto homens que conhecera havia pouco em bares, restaurantes e jantares para onde as suas amigas a haviam arrastado. A Birgitte já não era uma mulher particularmente apeteçível, mas tinha ainda tudo o que atraía estes homens guiados pelo instinto de a ajudar, proteger, guiar e compreender. Já não vivia em casa dos meus pais e pouco a via nessa época, mas a minha irmã ainda morava lá e disse-me que, de manhã, entrava na cozinha e dava de caras com homens a comer iogurte, e que à noite abria a porta a homens que tocavam a campainha com um ramo de flores na mão. A Birgitte pôde escolher a seu bel-prazer, embora não o tenha, provavelmente, experienciado desta forma, e alguns homens ficavam por lá durante um mês, enquanto outros tinham de se ir embora quando se fazia tarde, deixando o ramo de flores que lhe haviam levado numa jarra de água na mesa da cozinha. Em retrospectiva, pode parecer que tinha a vantagem do seu lado, que era ela quem controlava tudo, porque os seus pretendentes competiam pelo seu amor, mas, como é óbvio, só lhe ofereciam proteção sob determinadas condições. A sua boa vontade tinha condicionantes. Tinha ataques de ansiedade loucos, esquizofrénicos e aparentemente primitivos, mas, fora do nosso núcleo familiar – ou seja, da família formada por ela, pela minha irmã, pelo meu pai e por mim –, conseguia refrear-se e conservar-se dentro dos parâmetros do que é considerado normal. Este esforço crónico por conferir um ar normal à sua instabilidade mental e emocional constituiu a grande luta da sua vida, a grande condição que tinha de cumprir para que os outros a amassem. Esta luta tornou-se-lhe mais fácil quando começou a tomar os comprimidos e, como é óbvio, não queria nem *conseguia* parar de os tomar, e o Petter, que conheceu num jantar um ano depois do divórcio, não lhe olhou com atenção para as pupilas, nem nessa noite nem em nenhuma das noites que se seguiram, mas acabou, ainda assim, por a amar a um nível que roçava a veneração. A Birgitte surge com sorrisos rasgados nas fotos que tiraram durante as suas viagens de casal, sobretudo à Grande Canária. Tinham provavelmente uma máquina compacta com foco automático, um modelo prateado com *zoom* e *flash* embutidos, e devem ter pedido a um transeunte que lhes tirasse uma fotografia. Aparecem sentados à mesa de um restaurante ou numa praia ou num penhasco, com o mar em fundo, e estas fotos são todas tão semelhantes que facilmente as confundo com as centenas de outras fotografias que vi de sítios tão soalheiros quanto aquele, como se todas elas saíssem de uma enorme fantasia comunitária, de umas férias que existem apenas na imaginação de um grande número de pessoas. A Birgitte, que parece mais rechonchuda nas fotos, tem o cabelo pintado e apanhado num puxo, e o Petter aparece, por norma, atrás dela, como se pronto para enfrentar o colapso iminente ou um descontrolo súbito da companheira. Era o homem mais estável de todos os que conhecia, economicamente independente e nada interessado em dramas, com filhos já adultos e ainda dono e senhor de uma cabeleira farta e encaracolada. Pensaram em casar-se, mas ela adoeceu pela

primeira vez. Teve uma depressão monumental e os seus pretensos amigos desapareceram num ápice. Quando fui visitá-la, encontrei-a sentada no sofá e tomada de pânico; estava direita como um fuso e não parava de choramingar. Isto aconteceu meio ano antes do virar do milénio, ela ainda não tinha 55 anos. O Petter estava a acariciar-lhe as costas, mas ela parecia nem notar. «Vamos ultrapassar isto, vais ver», disse ele, e senti-me grata por ele querer formar um «nós» com a Birgitte. Nunca a vi demonstrar uma grande paixão pelo Petter, mas conseguiu usufruir de uns poucos anos de tranquilidade até sofrer o segundo e último ataque da doença. Protegida pelo Petter e por trás do véu dos seus falsos amigos, era uma vez mais, e apesar de tudo, uma sobrevivente.

No dia que se seguiu ao do nascimento da minha filha (após 19 horas em trabalho de parto no Hospital de Söder; foi a Sally quem lhe cortou o cordão umbilical), a Birgitte e o Petter visitaram-nos, e a bebé adormeceu de imediato nos braços da minha mãe. Conversei com o Petter sobre a viagem dos dois ao longo da costa atlântica de Espanha, de onde tinham acabado de regressar, mas a Birgitte não falou, não disse nada, e ficou ali sentada, em silêncio absoluto, a olhar para a bebé a dormir. Tinha no colo a primeira filha da sua primeira filha, o que talvez lhe tenha proporcionado um certo alívio, uma espécie de conforto. Ter a neta nos braços talvez tenha adiado um pouco mais o apocalipse, como se se tivesse finalmente ligado a alguma coisa, tocado no solo e cravado uma estaca a tempo de evitar ser de novo arrastada pelo vento. Ela e a minha filha tiveram dois ou três anos de convívio, mas para os meus filhos gémeos a Birgitte não passa de uma lápide e de uma fotografia a preto e branco no canto do espelho que tenho no quarto. Em novembro, costumamos comprar velas e ir ao cemitério, onde nos encontramos à entrada com a Sally e os seus filhos (a campa do pai dela dista trezentos metros da da Birgitte), e, enquanto caminhamos entre as lápides, os anos passam em nosso redor atrás das suas cortinas difusas. Para os mortos, a cronologia não tem qualquer importância, e só os detalhes interessam – o grau de densidade, estes *como* e *o quê*, e tudo o que tem que ver com o *quem*. Quando era mais nova, pensava amiúde que devia viajar mais e para mais longe, que devia passar mais tempo em países estrangeiros, que devia estar sempre a acelerar, nunca parar, para que pudesse, assim, viver de verdade, mas com o tempo acabei por perceber que tudo o que procurava estava aqui, dentro de mim, dentro das coisas que me rodeavam, nos trabalhos que fazia para ganhar uns trocos que se tornaram os meus empregos, na constância do dia a dia, nos olhos das pessoas que conheço quando deixo o meu olhar pousar. Retomo a escrita depois da febre, como se uma velha ferida há muito desejada se tivesse reaberto e começado a sangrar, e creio que a escrita é, como a vida, um *puzzle* incompleto formado por imagens de outras pessoas, por imagens de quem verdadeiramente representam. A Sally estaca diante de uma qualquer campa, saca de um termos e faz um brinde às lápides à nossa volta. «Em breve, será demasiado tarde», diz ela, e dá-me o termos. «E é por isso que temos de dar tudo por

tudo.»

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [1 JOHANNA](#)
3. [2 NIKI](#)
4. [3 ALEJANDRO](#)
5. [4 BIRGITTE](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)